

**ANTONIO CESAR DE ALMEIDA SANTOS**

**MEMÓRIAS E CIDADE: DEPOIMENTOS E TRANSFORMAÇÃO  
URBANA DE CURITIBA (1930-1990)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Cursos de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Etelvina Maria de Castro Trindade.

**CURITIBA, DEZEMBRO DE 1995**

**ANTONIO CESAR DE ALMEIDA SANTOS**

**MEMÓRIAS E CIDADE: DEPOIMENTOS E TRANSFORMAÇÃO  
URBANA DE CURITIBA (1930-1990)**

Dissertação aprovada, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre nos Cursos de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Etelvina Maria de Castro Trindade  
Departamento de História, SCHLA, UFPR

Prof<sup>ª</sup>. Maria Izilda Santos de Matos  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dennison de Oliveira  
Departamento de História, SCHLA, UFPR

Curitiba, 14 de dezembro de 1995.

A meus pais, David e Maria,  
e à Maria Christina;  
o meu carinho.

Homenagem à memória  
de Neide Cavagnari e de José Bellotto,  
que não puderam ver o  
trabalho concluído.

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	vi
O TRAJETO QUE LEVA À MINHA CIDADE .....	01
MEMÓRIAS E CIDADE .....	09
VEJA CURITIBA COMO PROGREDIU, NÃO É? .....	14
A GENTE VAI CONTANDO O QUE SABE .....	20
EU NUNCA FUI UM ESTUDIOSO... ..	32
EU CONHECI CURITIBA COM BASTANTE FACILIDADE .....	52
COMO EU A CONHECI E COMO ELA FICOU .....	64
DEPOIMENTOS E TRANSFORMAÇÃO URBANA DE CURITIBA: 1930-1990 .....	68
CURITIBA, ELA COMEÇOU REALMENTE EM 1960 .....	78
ERA UMA OUTRA CIDADE .....	95
A GENTE CONVERSAVA SEMPRE, SE ENCONTRAVA .....	121
ENFIM, TUDO ACONTECIA NA RUA XV .....	137
ONTEM E HOJE, UMA CURITIBA DE SEMPRE .....	149
ANEXO - ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS .....	163
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	167

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 - Curitiba vista do alto _____	19
QUADRO 1 - Resumo dos dados dos entrevistados _____	51
FIGURA 1 - “Cidade que tem memória e cidade que faz história” _____	63
FOTO 2 - Praça Tiradentes _____	77
FOTO 3 - Praça Dezenove de Dezembro _____	94
DIAGRAMA - <i>Curitiba terminava bem próxima do centro</i> _____	120
FOTO 4 - Avenida Luís Xavier, antiga “Cinelândia” _____	136
FOTO 5 _____	150

**O TRAJETO QUE LEVA À MINHA CIDADE**

Muitos trajetos levam à minha cidade; escolhi um deles. Essa escolha se efetivou quando ouvi de meu tio, nascido em Curitiba, em 1926, um relato sobre suas brincadeiras de criança: com os amigos, enfiava-se nas galerias pluviais que estavam sendo construídas na rua 13 de Maio, no trecho acima da rua Almirante Barroso.

Na ocasião, havia solicitado que ele me contasse de sua infância e de sua adolescência em Curitiba. Às vezes, eu me intrometia com alguma pergunta, querendo saber detalhes sobre alguma passagem que ele vivera e que estava narrando. Não se tratava de um mero passatempo, eu procurava recolher informações sobre a Curitiba dos anos 30/40, realizando uma entrevista-piloto para o trabalho cujos resultados estão apresentados nesta dissertação. Fazíamos, então, o que se chama uma **história de vida**.

As memórias de meu tio transitavam pelos caminhos que ele percorria quando brincava com os amigos de infância e, depois, nos seus passeios com os colegas de juventude. A cidade que ia sendo construída a partir de suas lembranças apresentava-se bastante diferente da Curitiba encontrada nos livros. Ele falava dos mesmos locais, das mesmas ruas, dos mesmos prédios, mas percebidos e comunicados de uma outra maneira.

Ele relembriaria também do tempo em que residiu na casa de sua avó, na rua do Rosário, próximo ao Colégio Divina Providência, local onde hoje se encontra a passagem subterrânea que liga a travessa Nestor de Castro à rua Augusto Stelfeld. Mais tarde, partilharia suas lembranças das manhãs de domingo, quando levava as filhas ao Passeio Público. Percorri com ele essas recordações, dentre muitas outras.

Sob o desenho que as novas ruas, avenidas e praças apresentam, eu descobria, desde aquelas recordações, imagens que estavam, há muito, apagadas. Em alguns locais da Curitiba atual, encontrava ainda as marcas aparentes do passado, que se contrastavam às obras de renovação urbana da cidade. No entanto, certos lugares, e os sentidos que eles detinham para a vida dos moradores da cidade em décadas passadas, só eram percebidos por intermédio da descrição apaixonada - e saudosa - das atividades que o meu tio realizara em outros momentos de sua vida. Tais momentos e a cidade que a eles correspondia estavam esquecidos, ou guardados na memória, até então incomunicáveis.

Eu também nasci em Curitiba, em 1954. Ao contrário de meu tio, passei a maior parte de minha vida fora dessa cidade. Minhas lembranças da época da infância confundem os locais onde morei, rua Saldanha Marinho e rua Júlia da Costa. Lembro-me de alguns passeios de carro, com meu pai, pelo centro da cidade. Mas, a Curitiba que eu conheço é a cidade na qual vivo agora.

Este trabalho procura recuperar uma cidade na qual vivi, e que sei diferente desta em que vivo. Mas, a minha memória não guarda lembranças suficientes para



esta tarefa. A cidade da minha infância é o meu ponto de partida, e me é impossível separar a cidade que iremos estudar da cidade que ainda vive em mim, esquecida.

Felizmente, encontrei pessoas que se dispuseram a ajudar-me na (re)construção de uma cidade que fôra a da minha infância, ao mesmo tempo em que desvendavam, à maneira deles, como Curitiba se transformou no que ela é hoje. Além de meu tio Celso (Vica), as outras pessoas que me auxiliaram foram, em ordem alfabética: Alda, Carlos, Dalva, Florência, José, José Maria, Julinha, Lurdinha, Marcos, Neide, Paulo B., Paulo V. e Rubens. Sem eles, este trabalho seria impossível. Obrigado!

\* \* \*

O Porto, no século XVII, eu não sei como era. Uma decepção mais para acrescentar às muitas que faço padecer aos meus leitores. Mas uma cidade é sempre o edifício da vontade do homem. As suas ruas são traçadas pela vontade. [...] Mas a vontade não basta para que a cidade tenha história. É preciso a presença. Ela é indispensável para criar algo mais que a lei, a tradição. Este livro trata da presença. Sem ela tudo era disperso e a cidade não chegava a ser comunidade, lugar onde a vida e a morte têm significado. (Agustina BESSA-LUIS. *Um bicho da terra.*)

As entrevistas que realizei, e a história de vida do meu tio, irão nos conduzir até Curitiba. É um de seus caminhos, e ele nos leva, ainda, um pouco adiante. Além de Curitiba, está uma **idéia de cidade**, a qual orienta a percepção que as pessoas que foram entrevistadas para este trabalho construíram acerca das transformações urbanas de Curitiba das últimas seis décadas. Para chegarmos até lá, antes vamos conhecer a cidade em que viveram as pessoas com as quais conversei.

As preocupações que me conduziram à realização desta pesquisa são expressas na forma de algumas indagações: como os habitantes de Curitiba percebem a sua cidade? Que juízo fazem das transformações urbanas que vivenciaram? Para responder a estas questões, esta dissertação apresenta, inicialmente, uma necessária discussão sobre a **metodologia** utilizada. Necessária porque, embora reconheça a pertinência das fontes empregadas em relação ao

problema de pesquisa formulado, a utilização de fontes orais na pesquisa histórica ainda suscita questionamentos. E, por outro lado, porque a metodologia empregada revela o trajeto utilizado para retirar do esquecimento aquela cidade “onde a vida e a morte têm significado”.

Não pretendo colocar em questão as possibilidades da história oral; em parte, a avaliação a que esta dissertação é submetida cumprirá esse papel. A discussão em torno de **Memórias e cidade** procura mostrar como foram lidas as fontes e como memórias individuais, lembranças, puderam conduzir à interpretação de um fenômeno social - a cidade.

Em seguida, **Depoimentos e transformação urbana de Curitiba: 1930-1990**, trata da cidade que foi possível (re)construir a partir da **experiência urbana** vivida pelas pessoas entrevistadas. As cidades da infância, da juventude e da vida adulta: Curitiba sendo transformada na medida em que a vida de cada indivíduo seguia o seu curso. Tempos e espaços, a vida cotidiana e os lugares que são reconhecidos como pertencentes a Curitiba e que são, ao mesmo tempo, seus significantes.

Esses significantes encerram uma **idéia de cidade**, que é apresentada no segmento **Ontem e hoje, uma Curitiba de sempre**. A noção de uma **Curitiba de sempre** é o que propõe, finalmente, uma discussão sobre o **objeto cidade** e a produção de um **conceito** fundado na percepção de um fenômeno que está colocado ao alcance dos sentidos de seus habitantes.

\* \* \*

O conjunto das transcrições das entrevistas é apresentado em um volume anexo à dissertação: **Memórias e cidade: Curitiba 1930-1990**. No entanto, nas páginas seguintes o leitor encontrará trechos dessas transcrições. No lugar dos nomes dos entrevistados, esses trechos estão identificados com a seguinte notação: “Depoimento”, seguido de um número de ordem que corresponde à seqüência em que foram realizadas as entrevistas. O mesmo ocorre quando faço referência a “Entrevistado(a)” no corpo do texto.

Para a transcrição dos depoimentos, adotei algumas convenções. Conhecê-las, vai permitir uma melhor leitura das citações inseridas no texto. Assim, TEXTO EM CAIXA ALTA e (CAIXA ALTA ENTRE PARÊNTESES) indicam as intervenções do entrevistador; (texto entre parênteses), comentários do entrevistador referentes ao momento da entrevista; [...] reticências entre colchetes indicam omissões na transcrição; e, [caixa baixa entre colchetes] apresentam uma explicação posterior ao momento da entrevista. Algumas vezes, no lugar de nomes citados, foi indicado o tipo de parentesco daquela pessoa com o entrevistado.

\* \* \*

Quero, também, registrar os seguintes agradecimentos:

- aos professores

**Etelvina Maria de Castro Trindade**, pela orientação e incentivo;

**Magnus Roberto de Melo Pereira**, um efetivo co-orientador deste trabalho, pela camaradagem e acompanhamento na realização da pesquisa e redação da dissertação;

**Ana Maria de Oliveira Burmester e Euclides Marchi**, pela leitura do texto de qualificação e sugestões apresentadas na ocasião.

- aos colegas do Grupo de Estudos Urbanos/UFPR que auxiliaram na redefinição do projeto de pesquisa.

- à **Maria Christina Baptista Pinto**, pelo trabalho de revisão ortográfica.

- à Coordenação de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, por proporcionar as condições materiais para a realização deste trabalho, com o concurso de uma bolsa de estudos do CNPq.

**MEMÓRIAS E CIDADE**

La memoria llega a ser la tan temida inmortalidad, el terrible cansacio de las oscuras noches del insonio, el vasto horror de recordar para siempre el ayer, el suplicio del sufrimiento reiterado, o la melancólica dulzura de la infancia que vuelve en medio de la adultez despiadada. Pero la memoria es también pertenencia, supone una compleja trama donde se juntam la esperanza y el dolor acumulado por todas las generaciones que mordieram el polvo de la derrota; la memoria lleva la pesada carga de una promessa restitutiva, es el feroz combate que los hombres libran contra los fantasmas acariciadores del olvido, es la juntura de generaciones extrañadas que se han perdido en el remolino de la historia. (Ricardo FORSTER. Borges y Benjamin: la ciudad como escritura y la pasión de la memoria.)

Desde o século XVIII, intelectuais ocidentais têm se dedicado ao estudo da cidade moderna.<sup>1</sup> Na Europa, as transformações sociais desencadeadas pela crescente industrialização refletiam-se no acelerado processo de urbanização de uma sociedade antes majoritariamente rural: as cidades, então, eram consideradas como a expressão da sociedade que se construía.

As cidades representavam o progresso daquelas sociedades, mesmo que no interior delas se fizessem presentes os problemas que os processos de

---

<sup>1</sup>Ver SCHORSKE (1989).

industrialização e de urbanização acarretavam. Problemas detectados, principalmente, em função de um crescimento desordenado da população urbana.

No século XIX, as grandes capitais europeias ganhavam uma nova designação. Com o termo metrópole, procurava-se identificar as grandes cidades que serviam de modelo para a vida social das nações industrializadas. Reconhecendo que essas metrópoles conformavam-se ao *locus* onde as sociedades de então se produziam, algumas dessas capitais eram tomadas como o paradigma da cidade moderna: Londres, Paris, Berlim.<sup>2</sup>

Mas a cidade não é senão a expressão morfológica do fenômeno urbano. Suas formas expõem o encontro das forças sociais que produzem o espaço urbanizado, o espaço construído para o, e no, exercício das atividades socioeconômicas reconhecidas como exclusivas do ambiente urbano. Esse espaço, no entanto, solicitava de seus habitantes a construção de uma nova experiência: viver na cidade requeria apreender a sua dinâmica.

Assim, desde meados do século passado, literatos, filósofos, cientistas sociais e historiadores mostraram-se interessados pelo tema da experiência de vida urbana nas grandes cidades, principalmente no ambiente europeu.<sup>3</sup> No Brasil,

---

<sup>2</sup>Ver BENJAMIN (1991, 1993b).

<sup>3</sup>Ver BENJAMIN (1991, 1993b); BOLLE (1994); BRESCIANI (1992, 1993); CHOAY (1975); GEDDES (1994); SCHORSKE (1988, 1989); SIMMEL (1987); VELHO (1987); WILLIAMS (1989).



também encontramos discussões acerca da constituição das cidades como expressão de uma sociedade moderna, uma sociedade urbanizada, especialmente referidas ao período inicial deste século.<sup>4</sup>

De certa maneira, este trabalho propõe uma abordagem filiada às preocupações com a experiência promovida pelo ambiente dessa modernidade, marcada pelo fenômeno da urbanização e surgimento das grandes cidades. Neste sentido, tomou-se como ponto de partida as feições que uma cidade moderna expõe, hoje, para os seus observadores.

Desde o presente, procura-se investigar como a dinâmica de transformação urbana de Curitiba, nos últimos sessenta anos, foi apreendida por seus habitantes. Uma transformação que oferece como resultado a imagem de uma metrópole, reconhecida por alguns como a cidade brasileira de primeiro mundo. Entretanto, abandonou-se a ótica de um discurso técnico sobre a produção do espaço urbano, privilegiando uma dimensão assentada na compreensão da cidade como um fenômeno que é percebido por seus habitantes no curso de suas existências.

Poderia ser dito que, tal como “Benjamin, o caminhante, que buscava o impossível de achar, as outras cidades, as outras épocas, as outras vozes no tecido

---

<sup>4</sup>Entre outros, ver BOLLE (1989); BOSI (1987); BRESCIANI (1993); KRUCHIN (1986); SEVCENKO (1992); SILVA, GARCIA e FERRARI (1989); TRINDADE (1992).

urdido pela metrópole contemporânea”,<sup>5</sup> a proposta é dar voz àquelas pessoas que **vivem a cidade** em seus cotidianos. Outras cidades e outras épocas encontradas em lembranças pessoais. A **cidade** que se quer investigar é aquela presente nas memórias dos habitantes que caminharam com ela até aqui. Nesta perspectiva, memórias e cidade são os termos que se procura articular para a construção desse entendimento.

---

<sup>5</sup>“Benjamin, el caminante, buscaba lo imposible de hallar, trataba de encontrar las otras ciudades, las otras épocas, las otras voces en el tejido urdido por la metrópolis contemporánea.” FORSTER, p. 516.

## VEJA CURITIBA COMO PROGREDIU, NÃO É?

A frase *Veja Curitiba como progrediu, não é?*, embora dita por uma pessoa em particular,<sup>6</sup> poderia ter sido pronunciada por qualquer um que conhece a cidade de Curitiba, desde há alguns anos. As marcas do que é reconhecido como o seu “progresso” parecem evidentes: de um lado, todo um conjunto de elementos, que compõem a sua paisagem urbana, oferecem-se aos sentidos. De outro, os veículos de comunicação se encarregam de divulgar o quanto, e como, a cidade vem “progredindo”.

Nos últimos tempos, Curitiba tornou-se uma referência obrigatória quando se quer falar de planejamento urbano e de cidades. Ela é citada como um exemplo a ser seguido por administradores municipais,<sup>7</sup> e mesmo seus habitantes a reconhecem como possuidora de *uma infra-estrutura razoavelmente bem estabelecida, sistema de transporte urbano bem montado, eficiente. Uma cidade razoavelmente limpa, se considerar padrões brasileiros*<sup>8</sup>. Curitiba é aquela cidade *que todo mundo acha, até os de fora acham, uma cidade de primeiro mundo. Dizem, não sei!*<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Depoimento 04. As passagens em itálico foram retiradas dos depoimentos recolhidos para este trabalho.

<sup>7</sup> Ver FERNANDES (1979); IUPERJ/MINTER (1974); OLIVEIRA (1991).

<sup>8</sup> Depoimento 06.

<sup>9</sup> Depoimento 10.

Curitiba, hoje, só nos permite enxergá-la como o resultado de ações que a moldaram como “uma cidade de primeiro mundo”. Entretanto, entendemos que a cidade é muito mais do que a paisagem produzida em pedra, concreto, ferro, vidro, asfalto, madeira, mais do que os discursos que se produzem sobre ela: a cidade é tudo aquilo que é percebido e interpretado como cidade. Estudar uma cidade, nesta perspectiva, deixa implícita a idéia de vivê-la.

Quando ouvimos que Curitiba é uma cidade “de primeiro mundo”, logo procuramos imaginar o que isso significa. Inicialmente, pode-se perguntar se falamos de uma cidade brasileira ou não: existiriam “padrões brasileiros” para uma cidade? O que é que nos levaria a enxergar Curitiba como uma cidade melhor que as suas congêneres nacionais?

Para alguns de nós, o progresso de uma cidade é reconhecido por intermédio da qualidade dos serviços e dos equipamentos urbanos colocados à disposição da população: *isso de serviços da cidade, transporte, energia, comunicação, saúde*.<sup>10</sup> As informações que vão sendo disseminadas permitem que os habitantes produzam uma avaliação orientada por um exercício comparativo entre cidades, embora, geralmente, tenhamos a tendência de enxergar a **nossa cidade** de maneira extremamente familiar e positiva, formulando pré-juízos difíceis de serem postos de lado.

---

<sup>10</sup> Depoimento 12.

Tal comportamento promove distorções nas avaliações que, então, promovemos. Para superar essa tendência, que nos faz ver a nossa cidade como a melhor do mundo, torna-se necessário que nos distanciemos desse objeto sobre o qual estamos lançando o nosso olhar. Obviamente, não se trata de uma distância física: proximidade e distância são atributos espaciais, mas são também **modos de ver**, maneiras de observar e perceber a realidade. O **distanciamento** consiste em enxergar o que estamos observando, e que nos é familiar, com outros olhos; não aqueles já acostumados e informados pelo que se está vendo. Comparar experiências semelhantes, num mesmo tempo e em espaços diferentes, pode auxiliar esse processo. Ou, pode-se construir um distanciamento voltando nossos olhos para pequenos detalhes que ficaram inscritos no próprio tempo de um mesmo objeto.

Além disso, uma investigação é, antes de tudo, um jogo de perguntas e respostas. Um jogo no qual precisamos saber o que perguntar e a quem. Existe sempre um **problema** colocado de antemão: o que se quer investigar. Neste caso, temos, inter-relacionadas, algumas questões preliminares: como Curitiba tornou-se o que é hoje? como Curitiba é percebida por aqueles que fazem dela sua cidade? o que significa a **cidade** para essas pessoas?

Pensando em tais questões, construiu-se o problema sobre o qual se assenta a investigação: qual a percepção que os habitantes de Curitiba fazem das transformações urbanas que a cidade viveu nas últimas seis décadas? Assim, define-se a quem dirigir as indagações anteriormente formuladas, ou seja, estabelece-se com que tipo de fontes trabalhar.

Buscando aqueles que **viveram e vivem a cidade**, trabalhamos com pessoas que podem ser tomadas como testemunhas das transformações ocorridas em Curitiba. Portanto, na investigação, trabalhou-se com um conjunto de depoimentos que alguns habitantes de Curitiba prestaram sobre as suas vivências nessa cidade.

É a relação entre a cidade e seus habitantes que possibilita, aos curitibanos, reconhecer o quanto *Curitiba progrediu*. Em sentido lato, falar do progresso de uma cidade é referir-se ao seu crescimento - físico, populacional, econômico -, ou ao seu desenvolvimento, entendido como a melhoria das condições de vida de sua população. Ou seja, toma-se a cidade desde uma perspectiva temporal, comparando-a em diferentes momentos de sua existência.

Procuramos observar Curitiba neste viés. E, observar uma cidade no tempo não é tarefa simples, pois não basta perscrutar a realidade aparente que se manifesta de maneira tão intensa ao olhar interessado. É preciso identificar as marcas assinaladas pelos tempos dessa cidade e procurar (re)construir a aparência que ela oferecia à percepção de seus habitantes nos seus diferentes momentos. Trata-se de conhecer a(s) cidade(s) ocultada(s) pela aparência que Curitiba nos mostra hoje. A(s) cidade(s) produzida(s) no exercício das atividades cotidianas de seus habitantes. Trata-se de construir uma observação fundada na percepção da cidade enquanto **lugar**, espaço onde são exercidas as práticas sociais consoantes às vidas das pessoas.

Mas, existe ainda um elemento precedente, que pode ser expresso por um diálogo entre Marco Polo e Kublai Khan, nas **Cidades invisíveis**, de Ítalo CALVINO.

Diz o primeiro:

Ao passo que mediante o seu gesto as cidades erguem muralhas perfeitas, eu recolho as cinzas das outras cidades possíveis que desapareceram para ceder-lhe o lugar e que agora não poderão ser nem reconstruídas nem recordadas. Somente conhecendo o resíduo da infelicidade que nenhuma pedra preciosa conseguirá ressarcir é que se pode computar o número de quilates que o diamante final deve conter, para não exceder o cálculo do projeto inicial.<sup>11</sup>

Portanto, considerando que o ponto de partida da investigação é a cidade que se conhece hoje, entende-se que Curitiba - a metrópole de primeiro mundo - deixara para trás outras Curitibas. Cidades que desapareceram, e que, embora ocultas aos nossos olhos, estão ainda presentes nas lembranças de muitos de seus habitantes. São **cidades invisíveis**, no sentido de que se supõe estarem esquecidas, e trabalhar contra esse esquecimento é buscar o “resíduo de infelicidade” que se fez **necessário** para a construção da obra apresentada aos nossos olhos.

---

<sup>11</sup> CALVINO, p. 58.



**FOTO 1:** Curitiba vista do alto. [...] *uma coisa eu não gosto de Curitiba, são essas muralhas de pedra que nós temos agora.* - Depoimento 08.



## A GENTE VAI CONTANDO O QUE SABE

Em páginas anteriores, pode-se notar o uso de frases recolhidas junto a alguns habitantes de Curitiba. Para recolher aquelas opiniões, fez-se uso de uma técnica pertencente ao universo metodológico da história oral. Depoimentos, entrevistas e histórias de vida são técnicas que vêm sendo utilizadas já há bastante tempo para se conhecer, ainda que parcialmente, determinados processos sociais desde a ótica daqueles que estão imersos nesses mesmos processos.

Hoje em dia somos todos um pouco menos ingênuos, me parece, e reconhecemos que a história oral está longe de ser uma história espontânea, não é a experiência vivida em estado puro, e que os relatos produzidos pela história oral devem estar sujeitos ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores costumam consultar. Entendemos, mais precisamente, que as entrevistas da história oral mostram menos a experiência direta dos informantes do que o resultado do trabalho que a memória faz com essa experiência.<sup>12</sup>

A observação de Michael HALL é pertinente à investigação realizada, no sentido de que não se aceitou como fatos as declarações obtidas junto às pessoas que foram entrevistadas. Entretanto, essas declarações foram a chave para chegarmos até uma cidade desconhecida.

Essa escolha metodológica inspira-se em experiências semelhantes. A principal delas é o conhecido trabalho de Ecléa BOSI, **Memória e sociedade**, assim definido:

---

<sup>12</sup>HALL, p. 157.

Este é um estudo sobre memória de velhos: Para obtê-las, entrevistei longamente pessoas que tinham em comum a idade, superior a setenta anos, e um espaço social dominante em suas vidas: a cidade de São Paulo. [...] Talvez deva insistir em duas negativas para delimitar bem o âmbito da obra: não pretendi escrever uma obra sobre memória, tampouco sobre velhice. Fiquei na intersecção dessas realidade: colhi memórias de velhos.<sup>13</sup>

É bem verdade que as “memórias de velhos” - histórias de vida - colhidas por BOSI, permitem que conheçamos um pouco da experiência urbana que os seus entrevistados viveram na cidade de São Paulo nas décadas iniciais deste século, embora não fosse esse o seu objetivo. Também trabalhamos com memórias de velhos; todavia, as memórias que recolhemos trazem declarações específicas sobre o ambiente urbano vivenciado. Ecléa BOSI utiliza-se de técnica concernente à história oral; no entanto, a problemática de seu trabalho e o seu instrumento de pesquisa distinguem ambos os estudos.<sup>14</sup>

Quanto às técnicas da história oral, fizemos uso de uma literatura na qual se destacam as contribuições de Maria Isaura Pereira de QUEIROZ e, mais especificamente na área da história, de algumas publicações do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas/RJ.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> BOSI, p.1 e 3. Destaques no original.

<sup>14</sup> Ver BOSI. Sobre memórias e a cidade São Paulo nas décadas iniciais deste século, ver também SILVA, GARCIA e FERRARI.

<sup>15</sup> Ver ALBERTI (1989); FERREIRA (1994a, 1994b); MEIHY (1990); MONTENEGRO (1992); QUEIROZ (1988, 1991); SIMSON (1988). Ver também CAHIERS (juil.-dec. 1980).

Evitando realizar uma revisão bibliográfica sobre a história oral,<sup>16</sup> quer-se indicar apenas que sua retomada como instrumento e metodologia de pesquisa histórica é, em geral, assinalada pelo surgimento dos trabalhos de Paul THOMPSON, desde os anos 60, na Inglaterra.<sup>17</sup> No entanto, a utilização de entrevistas, depoimentos e histórias de vida aplicadas a pesquisas de processos sociais, teve o seu desenvolvimento, na área da sociologia, já a partir das décadas iniciais deste século, nos Estados Unidos.<sup>18</sup>

Com relação à história oral, a posição adotada neste trabalho concebe-a, mais do que um fim em si mesma, como um método capaz para a produção de interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente. Um passado que, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram de, ou testemunharam, algum tipo de acontecimento. É esse entendimento, de se trabalhar com testemunhas, que orienta a nossa interpretação sobre esse fenômeno social que é a cidade de Curitiba.

Assim, para o desvendamento das *idades invisíveis*, adotou-se um procedimento que pode ser identificado como a arte da conversa. Quando as informações que buscamos estão de posse de outras pessoas, é *só conversando que as*

---

<sup>16</sup> Marieta de Moraes FERREIRA produz uma bem estruturada síntese sobre as questões que a metodologia da história oral tem suscitado junto à comunidade dos historiadores. Ver, FERREIRA (1994a), p.1-13.

<sup>17</sup> Ver THOMPSON. (originalmente publicado em 1978).

<sup>18</sup> Ver QUEIROZ (1988).

*coisas aparecem*<sup>19</sup>. E, para se chegar até a cidade produzida pela percepção de seus habitantes, é preciso deixar bem delineado o trajeto que nos leva até ela.

Entrevistar é estabelecer uma relação comunicativa, na qual uma pessoa faz perguntas e outra pessoa oferece respostas. “Na verdade, a entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre um colóquio entre pesquisador e narrador”.<sup>20</sup> A entrevista é um procedimento genérico, presente na base desta e de toda a investigação orientada pelos pressupostos da história oral. No entanto, neste trabalho, empregou-se uma modalidade de entrevista: **o depoimento**.

O termo entrevista, neste trabalho, é utilizado para designar o momento em que entrevistado e investigador eram postos frente a frente; o termo depoimento refere-se ao resultado daquela relação comunicativa. Contudo, pode-se distinguir **entrevista, depoimento e história de vida** - técnicas da história oral - de outra maneira. De acordo com Maria Isaura P. de QUEIROZ,

A diferença entre história de vida e depoimento está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas técnicas, durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento, o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador. [...] A entrevista pode se esgotar num só encontro; os depoimentos podem ser muito curtos, residindo aqui uma de suas grandes diferenças com relação às histórias de vida. [...] Toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Depoimento 07.

<sup>20</sup> QUEIROZ (1991), p. 6.

<sup>21</sup> QUEIROZ (1991), p. 7.

O depoimento requer que o investigador recorte antecipadamente o assunto que lhe interessa e dirija o “colóquio” na direção pretendida, ou seja, aquela que ele tem para si como a que oferece os elementos para a resolução do problema investigado. Quando uma das pessoas entrevistadas disse: *Isso tudo você está sabendo, não adianta te contar,*<sup>22</sup> ao mesmo tempo em que ela sugeria essa particularidade do depoimento, suas palavras também ilustravam o ponto de partida dessa investigação.

Em parte, um (des)conhecimento sobre Curitiba era o que motivava a pesquisa; pois, buscava-se conhecer uma cidade pela ótica daqueles que a constroem em suas ações cotidianas. Uma cidade de muitas pessoas; certamente, não a de todos. Mas uma cidade na qual fosse possível nos reconhecermos e reconhecê-la. E, é claro, também estava presente o desafio de se trabalhar com informações cujo acesso só se fazia possível por intermédio de uma narração pessoal.

### **Você sabe o que é, a gente esquece muita coisa**

Em meio à entrevista, no sofá da sala, quando uma pessoa passava a relatar suas lembranças, acontecia algo mágico: as paredes da casa iam ficando transparentes e imagens distantes as atravessavam. Mesmo sabendo ser uma ilusão, podia-se ver, sobrepostas aos edifícios circundantes, as imagens evocadas de antigas

---

<sup>22</sup> Depoimento 10.

casas, de velhos amigos, de transeuntes de décadas passadas. Se soltássemos a imaginação, talvez sentíssemos os cheiros e ouvíssemos os ruídos daquele cenário antigo. Os entrevistados transmitiam emoções, vivências que podiam e deveriam ser partilhadas, transformadas em experiência para fugirem do esquecimento.

*Depois, a gente tem muita coisa para contar; depois que passa. Tem outra história que eu queria contar; fica para depois - de um italiano, sempre falava aí, agora já morreu. Agora, o que mais? Tem certas coisas também, que falando fora, assim, é bom de contar. [...]*

*Pois é, companheiro, vamos ver se tem mais alguma.*<sup>23</sup> Um senhor já bastante idoso, alfaiate aposentado, recordava momentos que havia vivenciado e outras histórias, as quais havia recebido de companheiros de outros tempos. No momento em que a entrevista era realizada, ele encontrava um interlocutor com quem podia retomar um antigo costume: trocar impressões sobre a vida que transcorria no exterior de sua oficina. Os antigos amigos, muitos haviam desaparecido; agora, aposentado, com quem conversar? Entre perguntas e respostas, o desejo de comunicar acontecimentos tidos como importantes. Era o momento de apresentá-los, torná-los disponíveis. Por outro lado, havia o interesse do investigador - o *companheiro*: a busca por determinadas informações sobre o cotidiano daquela pessoa.

[...] sem se lembrar de um dia, pode-se lembrar de um período, e não é certo que a lembrança de um período seja simplesmente a soma das lembranças de alguns dias. À medida em que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los sob a

---

<sup>23</sup> Depoimento 04.

forma de conjuntos, sobre os quais se destacam às vezes alguns dentre eles, mas que abrangem muitos outros elementos, sem que possamos distinguir um do outro, nem jamais fazer deles uma enumeração completa.<sup>24</sup>

A entrevista constituía-se em um momento no qual certas lembranças eram ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou da saudade, um sentido à experiência de vida do sujeito. Ao **traduzir** experiências vividas, relacionadas à situação atual dos sujeitos, a entrevista conformava-se a uma comunicação articulada por associações e marcada por momentos.

*Então, a gente tinha aquela vidinha certa. Outro dia, eu estava contando para a minha neta - tem treze anos -, porque ela estava braba, porque a mãe não deixa ela ir em lugar nenhum, que não sei o quê. Daí, eu comecei: "Você sabe que eu era noiva, já estava com mais de vinte anos, para ir a um cinema, minha mãe me acompanhava!"; ela, "Não acredito, vó, que barbaridade!"; digo, "Era muito diferente a vida naquela época!". A concepção de família, era tudo diferente.<sup>25</sup>*

Aqui, uma avó relatava à neta sua experiência como filha. Sua declaração permite avaliar como se dá a percepção que os sujeitos fazem das transformações ocorridas durante o curso de suas vidas e demonstra que a rememoração não é exclusiva da situação artificial da entrevista. Reconhece-se também que a rememoração está diretamente relacionada à situação atual dos sujeitos, constatando-se a importância do que Ecléa BOSI identifica como a "função social" do

---

<sup>24</sup> HALBWACHS, p. 72.

<sup>25</sup> Depoimento 09.

depoente, pois “o que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra”<sup>26</sup>.

Percebe-se ainda, que “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.”<sup>27</sup> As lembranças não vivem no passado, ao contrário, precisam de um tempo presente de onde sejam projetadas e ancoradas por um sentido. Elas também jamais se apresentam isoladas, são de ordem relacional e envolvem outros indivíduos: nas lembranças, nunca estamos sós. Assim, embora não se trabalhe com uma **memória social** ou **coletiva**, em seu sentido estrito,<sup>28</sup> é preciso reconhecer que as memórias individuais são construídas a partir de vivências que os sujeitos experimentaram no curso de suas vidas, no interior de grupos sociais.

Segundo HALBWACHS, que retoma a discussão sociológica entre indivíduo e sociedade para o campo da memória, esta é um fenômeno social e a

---

<sup>26</sup> BOSI, p. 23. Destaque no original.

<sup>27</sup> HALBWACHS, p. 71.

<sup>28</sup> A noção de memória aqui utilizada está apoiada nas considerações de Maurice HALBWACHS, que reconhece os seguintes tipos de memória: coletiva, individual, histórica. A primeira, que se poderia chamar de memória social, é aquela relacionada à uma história vivida, na qual o passado permanece vivo na consciência de um grupo social. Esta noção é contraposta à história, que seria uma forma de conhecimento do passado, exterior ao domínio do vivido. Ver HALBWACHS, p. 53-89.



memória individual será sempre “um ponto de vista sobre a memória coletiva”.<sup>29</sup> A manifestação das memórias individuais decorre de sua inserção em campos de significados de domínio coletivo. Myrian Moraes Lins de BARROS destaca que:

No ato de lembrar nos servimos de campos de significados - os quadros sociais - que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória.<sup>30</sup>

A memória, individual ou coletiva, é necessária à atualização da percepção da realidade, e é o que torna possível a compreensão das transformações operadas na sociedade. Um relato, fundado na memória, é uma forma de superar esquecimentos, de reelaborar significações e (re)estabelecer relações com o passado. Comunicar as experiências do passado permite apreender a **dinâmica** da própria sociedade. Ou seja, oferece a possibilidade de se compreender como o que está estabelecido é percebido, vivenciado e **construído** por aqueles que dão sentido à própria existência do estabelecido. Tanto mais que não se pode nunca abarcar o real como ele é; podemos, isso sim, construir - entrevistados e investigador - uma interpretação daquilo que nos é dado como real.

Ao longo de nossas vidas, construímos os nossos espaços, porque, além da materialidade que lhes é atribuída, eles são também aquilo que queremos que eles

---

<sup>29</sup> Ver HALBWACHS, p.51.

<sup>30</sup> BARROS, p.30.

signifiquem. Embora se diga o meu espaço, não quer significar que ele seja uma criação individual. Os espaços que vão sendo construídos ao redor de nossas vidas são produzidos a partir das relações que estabelecemos com outras pessoas, as de nossa convivência mais estreita ou aquelas distantes de nós. Apreendemos o espaço a partir de nossa posição no interior de grupos sociais, e são esses grupos que oferecem os parâmetros que nos permitem localizar e descrever os espaços e os tempos.

Velhas casas desabam lentamente. Ruas outrora habitadas por ricos são invadidas por uma população miserável e mudam de aspecto. As obras públicas, os traçados de novas ruas ocasionam muitas demolições e construções: os planos se sobrepõem uns aos outros. Arrabaldes que se desenvolveram ao redor dos muros da cidade se unem a estes. O centro se desloca. Os antigos quarteirões, fechados por altas e novas construções, parecem perpetuar o espetáculo da vida de outrora. Mas esta é somente uma imagem da velhice, e não é certo que seus antigos habitantes, se reaparecessem, os reconhecessem. Se, entre as casas, as ruas, e os grupos de seus habitantes, não houvesse apenas uma relação inteiramente acidental, e de efêmera, (sic) os homens poderiam destruir suas casas, seu quarteirão, sua cidade, reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente; mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens.<sup>31</sup>

A citação acima fala de uma estreita relação entre a materialidade do espaço e os espaços contidos nas memórias das pessoas, conduzindo à discussão da estratégia utilizada nesta investigação, que é caracterizada por uma rememoração de momentos e de acontecimentos vividos manifestados em depoimentos.

---

<sup>31</sup> HALBWACHS, p. 136.

A rememoração do vivido não traduz a existência de um dado imediato à percepção (o efetivamente realizado), trata-se de um ato cognitivo que um dado indivíduo, situado em uma posição distanciada, produz sobre as situações vividas anteriormente. Quer dizer, instaura-se uma atribuição de sentido, uma análise daquilo que constituiu uma experiência. Portanto, o passado dado a conhecer nos depoimentos conforma-se ao que, comumente, se designa como **memória**.

Uma memória que, “[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.<sup>32</sup> O processo de ordenamento e comunicação de “impressões ou informações passadas”, delimita a noção de memória aqui utilizada: lembranças que permanecem guardadas no interior de nossos lares, sobrevivendo no ambiente particular da família; que está presente nas histórias contadas por nossos avós e nos relatos que sempre acompanham o ritual de folhear o álbum de fotografias antigas. Recordações das pequenas coisas que davam sentido ao cotidiano.

Finalmente, deve-se salientar a relação das lembranças com as representações do presente em nossa consciência atual, pois a percepção do passado altera-se porque também nossa percepção sofre alterações no curso de nossas vidas: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar,

---

<sup>32</sup> LE GOFF, p.423.

com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.”<sup>33</sup> E, neste caso, não qualquer experiência, mas aquelas que podiam ser reconhecidas como manifestadoras de um nexó entre vivências e o espaço urbano, a cidade. Uma cidade que é refeita desde o seu aqui e agora.

---

<sup>33</sup> BOSI, p.17.

## EU NUNCA FUI UM ESTUDIOSO ...

Viver a cidade pressupõe conhece-la de modo extremamente familiar, o que pode conduzir a uma interpretação equivocada do fenômeno observado. Mas, vimos que a entrevista já promove, em parte, o necessário distanciamento ao objeto observado - **uma cidade**.

As discussões precedentes sobre a noção de memória que estamos utilizando, e as considerações acerca da técnica de coleta de dados empregada, realizam o "trabalho crítico" sobre as fontes orais de que reclamava Michael HALL.<sup>34</sup> No entanto, devemos nos aprofundar um pouco mais nos aspectos concernentes à origem das informações utilizadas para esta interpretação sobre a transformação urbana de Curitiba.

Embora qualquer habitante de Curitiba, que resida nela há algum tempo, pudesse oferecer respostas às questões que procuravam indagar como Curitiba tornou-se o que é hoje, um recorte cronológico delimitava, antecipadamente, os potenciais entrevistados.<sup>35</sup> E, de outra parte, entendia-se que os entrevistados não deveriam ser pessoas que, em decorrência de atividades sócio-profissionais, manifestassem opiniões sobre Curitiba desde uma perspectiva orientada por um

---

<sup>34</sup> "[...] os relatos produzidos pela história oral devem estar sujeitos ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores costumam consultar." HALL, p. 157

<sup>35</sup> O principal foco de atenção da pesquisa fixava-se dos anos 50 até os dias de hoje. No entanto, era necessário recuarmos um pouco essa baliza cronológica, para visualizarmos os seus antecedentes.

conhecimento técnico sobre a cidade. Nesse aspecto, procurou-se entrevistar pessoas que poderiam, inclusive, prestar a seguinte declaração: *Eu nunca fui um estudioso para poder, nem sei até que ponto isso seria válido, a minha avaliação* <sup>36</sup>.

Ser um “estudioso”, ou alguém capaz de produzir uma análise sobre a cidade e os processos de sua produção, não constituía razão suficiente para fazer parte do conjunto de entrevistados. Ao contrário, considerava-se que a relação das pessoas entrevistadas com o ambiente urbano de Curitiba, em diferentes momentos de suas vidas, seria o essencial, na medida em que suas lembranças individuais deveriam permitir a reconstrução da fisionomia de uma cidade.

Quando da realização das entrevistas, era proposto que o entrevistado se imaginasse conversando com uma pessoa que não conhecesse Curitiba, e que esta mesma pessoa estivesse interessada em informações sobre um passado recente dessa cidade. Esse exercício era formulado depois que o entrevistado já havia apresentado alguns dados sobre a sua vida, desde a infância, ou desde sua chegada à Curitiba. A postura dos entrevistados frente à proposta de se pronunciarem sobre a cidade, traduzia um dos elementos colocados para recortar o universo da investigação. O espaço urbano vivenciado cotidianamente, e suas transformações, estava sendo reconhecido por uma categoria de indivíduos que não se identificavam como produtores do espaço em que viviam (e vivem). Os entrevistados mostram-se como

---

<sup>36</sup> Depoimento 07.

usuários da cidade, categoria que quer designar as pessoas que transitam e conferem usos e significados aos equipamentos e espaços urbanos postos à disposição deles.

Em que pese a atribuição de sentidos e a apropriação dos espaços para o exercício de suas práticas sociais, as pessoas entrevistadas constroem sua percepção do espaço urbano desde uma perspectiva que deixa ressaltar o sentido de fruição dos espaços e equipamentos que foram, ou estão sendo produzidos. Assim, quando se propunha a realização da entrevista, era comum o questionamento quanto à autoridade que detinham sobre o assunto. A primeira reação era a de declararem que nada de extraordinário haviam realizado e que, portanto, não tinham qualquer informação relevante a prestar. Em contrapartida, alguns indicavam aqueles que, do ponto de vista deles, deveriam ser tomados como os artífices das ações que produziram o espaço em que viviam: políticos e prefeitos dos diferentes momentos da cidade.

Estes últimos, poderiam se fazer representar no testemunho de um ex-prefeito da época:

No início da década de 50, Curitiba tomou um desenvolvimento muito intenso, o que obrigava à administração municipal estabelecer medidas de execução do plano viário então vigente, o Plano Agache, e adotar outras providências para ordenar o desenvolvimento. A cidade crescia muito quando eu assumi, em 54. [...] Para que fosse planejado ordenadamente o crescimento curitibano, eu contei com técnicos e

funcionários muito bons, altamente capazes e devotados, e consegui agrupá-los, embora na campanha eleitoral houvesse muitas divisões.<sup>37</sup>

Na medida em que se procura estabelecer a origem e, conseqüentemente, a pertinência dos depoimentos recolhidos, as declarações do ex-prefeito Ney Braga acentuam a distinção que os próprios entrevistados fazem entre eles e aqueles que seriam os agentes das transformações urbanas. Trata-se, sobretudo, de uma consciência acerca dos papéis sociais atribuídos e auto-atribuídos.

*Curitiba, assim, não conheço; não sei. [...] Eu conhecia mais o ambiente onde eu freqüentava, onde eu ia. No trabalho, onde minhas amigas moravam; eu ia na casa delas. Os bairros onde eu morei. Eram poucos bairros, então você tinha tempo ainda de conhecer. Depois, ela começou a crescer, daí você começa a trabalhar, você já não tem tanto tempo para ficar saindo de um lado para outro. Você vai mais onde é o teu trabalho. Você vai lá, vive aquele momento do teu trabalho com as tuas amigas; vai para a casa delas, ou quando sai com elas numa festa; alguma coisa. Vai num certo bairro, mas é pouco.*<sup>38</sup>

Para os entrevistados, conhecer a cidade significa percebê-la a partir de relações estabelecidas no desempenho de práticas sociais que solicitavam o uso de seus espaços e equipamentos. “Conhecer bem a cidade” também poderia significar compreender o processo de sua produção.<sup>39</sup> No entanto, ressalta nos depoimentos

---

<sup>37</sup>Depoimento de Ney Aminthas de Barros BRAGA. MEMÓRIA DA CURITIBA URBANA, Curitiba, dez. 1990 (Depoimentos, 5), p.3.

<sup>38</sup>Depoimento 05.

<sup>39</sup>Sobre as diferentes abordagens teóricas da produção do espaço urbano, ver GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo : Edusp, 1993. O autor apresenta discussões sobre os principais paradigmas da sociologia urbana, de onde se destacam



que os entrevistados não atribuíam para si mesmos um papel de co-autores na produção do espaço que percebiam à volta deles.

Mas, considerando-se que as lembranças, além de oferecerem uma descrição dos acontecimentos vividos trazem também uma análise daqueles mesmos acontecimentos, não é de se estranhar que se possa identificar, nos entrevistados, uma disposição em avaliar as transformações urbanas que vivenciaram. Perguntava um entrevistado: *É isso que você quer, a minha avaliação, em 94, dos anos 50?*<sup>40</sup>.

Para as pessoas que viveram os anos 50 em Curitiba, não seria difícil perceber o quanto e como a cidade foi transformada. Um dos índices mais evidentes dessa transformação é o número de pessoas que circulam diariamente pelos quatro cantos da cidade. Ao percorrermos Curitiba, nos dias de hoje, o impacto da taxa de crescimento de sua população fica ressaltado na paisagem da cidade. Um Entrevistado, que reside em Curitiba desde 1937, assinala que, quando de sua chegada, *Curitiba deveria estar entre 135, 140 mil habitantes. Hoje, somos quase dois milhões.*<sup>41</sup> Ou, considerando outro depoimento: *Curitiba, na época [1960], nós tínhamos 350 mil habitantes, quando muito. Hoje, Curitiba deve estar na casa de um milhão e*

---

as contribuições da Escola de Chicago e as teorias desenvolvidas por Manuel Castells e por Henry Lefebvre.

<sup>40</sup> Depoimento 12.

<sup>41</sup> Depoimento 07.

*seiscentos. A grande Curitiba deve dar dois milhões e 300, dois milhões e meio, em torno disso.*

*De modo que o crescimento, foi um crescimento enorme: de 300, 350 para um milhão.<sup>42</sup>*

Embora os entrevistados façam parte dos “um milhão e seiscentos” mil habitantes, as pessoas que buscamos estavam, anteriormente, incluídas naquele contingente de “135, 140 mil habitantes”, que Curitiba apresentava nos anos 40/50. Mas, como encontrar os entrevistados dentre as pessoas que circulam pelas ruas da cidade?

### **Em 36, eu vim para Curitiba**

As identidades dos entrevistados eram construídas também à partir do reconhecimento de uma **alteridade** inscrita no ambiente social da Curitiba dos anos 50. Mesmo que se admitisse uma relativa homogeneidade entre os habitantes daquela cidade, os depoimentos assinalam a presença do **outro**, expresso em categorias de habitantes nas quais os entrevistados não se reconheciam. De um lado, estavam aquelas pessoas já mencionadas que cuidavam do “desenvolvimento racional” da cidade: *Curitiba teve muita sorte. Teve uma série de prefeitos interessados no desenvolvimento de Curitiba, um desenvolvimento racional, um desenvolvimento correto.<sup>43</sup>*

---

<sup>42</sup> Depoimento 11. As cifras apresentadas pelo entrevistado não estão distantes das estatísticas oficiais. Ver ULTRAMARI e MOURA.

<sup>43</sup> Depoimento 11.

Essas pessoas, que exerciam cargos públicos, não estavam, necessariamente, excluídas do que se considerava a “sociedade curitibana” da época - sociedade na qual se incluíam os entrevistados -, mas a posição que lhes era atribuída os distinguia da rotina em que os entrevistados estavam imersos.

De outro lado, existiam

*[...] os populares, as pessoas populares. Pessoas que tinham, como nome, era o “João Cachorrinho”. Chamavam as crianças: “Cachorrinho, vá trabalhar!”, - ele virava e dizia um bando de coisas para a pessoa. Tinha a “Chica Pelanca”, que ficava na rua XV; chamavam de “Chica Pelanca”. Tinha a “Maria das Trouxas”. Tinha o “Negro Bate-bate”. Isso, eram pessoas que tinha na cidade de Curitiba, as pessoas populares. (ISSO NOS ANOS 30?) É, nos anos 30, até 40; tinham essas pessoas populares. [...] Tinha a “Negra Maluca”, que chamavam; era preta, alta. Ela vivia, acho que bebia, vivia na rua. Mas isso era toda a cidade que ela circulava. São esses tipos populares que, daquela época, eu era criança, 1940, 42, por aí. Mais, talvez até 50. “Maria do Cavaquinho”, ela ficou muito tempo no Café Alvorada.<sup>44</sup>*

Apesar do tom de curiosidade utilizado, essas declarações identificam a presença de um estrato de população na Curitiba daqueles anos que não desfrutava das mesmas oportunidades facultadas aos entrevistados. *Quer dizer, a pessoa era pobre, e tudo, mas vivia numa casinha. Tinha um terreno, tinha como viver, ... era difícil.<sup>45</sup>*

Mesmo que os depoimentos não explicitassem, detectava-se a presença de pessoas que não faziam parte do meio social em que os entrevistados viviam. A

---

<sup>44</sup> Depoimento 13.

<sup>45</sup> Depoimento 08.

cidade estava cheia de vida, mas nem todos os que transitavam por suas ruas eram os amigos de infância, os colegas de escola. Também viviam na cidade atendentes de lojas, pequenos comerciantes, garçons dos cafés e restaurantes, motoristas dos carros de aluguel, motorneiros (depois, motoristas de ônibus), donos de pensões e de pequenos hotéis e, é claro, “as filhinhas de papai” (afinal, reconhecia-se, naquele tempo, que o Batel era o bairro “dos grã-finos.”<sup>46</sup>). De diversas maneiras, esse contingente de pessoas estabelecia contato com os entrevistados, embora não fosse aceito como composto por seus iguais.

Entretanto, o que afirma com maior veemência a identidade dos entrevistados é a alteridade produzida em Curitiba, na década de 60, com o ingresso de uma população atraída pelas oportunidades que o crescimento da cidade parecia oferecer.

*Nós tivemos essa corrente migratória para Curitiba, ela veio com um pessoal que não agrada. Não vamos fazer a discriminação da coisa, mas veio gente que não agrada. Curitiba, hoje, tornou-se, inclusive, uma cidade agressiva e perigosa, exatamente em função dessa corrente migratória. [...] Quando nós tínhamos o paranaense simplesmente paranaense, e aqui vai, pode ser até que seja discriminação, mas isso é uma verdade, Curitiba era outra cidade, era completamente diferente. Uma cidade calma, pacata, sossegada é com um povo, que dizem os outros, que é difícil de você penetrar, e que em parte é verdade, mas quando penetra é amigo, não é? Hoje, está terrível a coisa.<sup>47</sup>*

---

<sup>46</sup> Depoimento 04. O Batel sempre foi a zona dos grã-finos.

<sup>47</sup> Depoimento 11.

Essa opinião, de um Entrevistado que chegou em Curitiba, em 1941, para prosseguir seus estudos, não constitui uma avaliação idiossincrática da dinâmica populacional da cidade, embora seja a que manifeste de maneira mais contundente a chegada de “outros” no ambiente de uma “cidade européia”<sup>48</sup>. Assim, mesmo aqueles entrevistados que não são naturais de Curitiba, quando confrontados com a emergência dessa nova população, reconhecem-se como curitibanos. É sobre essas pessoas que estamos detendo a nossa atenção, isso sem deixar de reconhecer que muitos outros seguiram caminhos diferentes, chegaram por outras estradas e viveram outras situações. Mas, trata-se de outra(s) história(s) e de outra(s) cidade(s).

### **Identificação dos entrevistados**

O ponto de partida para a identificação dos entrevistados é um recorte previamente estabelecido que considera faixa etária e tempo de permanência na cidade. Ou seja, eles deveriam apresentar a particularidade de terem vivido a maior parte de suas vidas em Curitiba. Ao mesmo tempo, a situação deles precisaria ser reconhecida como semelhante à de outras pessoas que ainda vivem em Curitiba. Nos entrevistados estariam representadas muitas das características presentes em uma parcela da população curitibana estabelecida na cidade, ao menos, desde os anos 50.

---

<sup>48</sup> Não sei se porque o povo é mais, é muita mistura de raça, muito europeu, então criou um outro modo de pensar, não é?. Depoimento 09. Acho que talvez seja o grande mérito de Curitiba, essa condição de vida, o estilo de vida. O tipo de população também. É um cadinho de origens européias. Depoimento 06.

A partir dos depoimentos, temos acesso a um perfil de cada entrevistado, o que nos permite construir uma identidade para eles.<sup>49</sup> Esses perfis mostram que essas pessoas formam um grupo caracterizado pela ordinariedade de suas ações sociais no ambiente curitibano. Os entrevistados, embora alguns não sejam naturais de Curitiba, estabeleciam um relacionamento com a cidade cujo principal aspecto era o de usufruírem de seus espaços, exercitando neles um conjunto de relações sociais específicas às suas vidas. Nesse relacionamento identifica-se uma atribuição de significados aos espaços: a cidade era comunicada por intermédio do sentido de determinados lugares com a biografia de cada entrevistado em particular. Os espaços presentes nos depoimentos transmitiam a idéia de **espaços de vida**.<sup>50</sup> Os usos, orientados por significados - que são de domínio coletivo -, demonstravam, nas declarações recolhidas, que os entrevistados, efetivamente, **viveram a cidade** enquanto fruidores e atribuidores de sentido ao espaço urbano de Curitiba.

### Entrevistado 01

Natural de Curitiba, nascido em 1936. Estudou no Colégio Estadual do Paraná até 1956. Em 1959, entrou no curso de Engenharia da Universidade Federal do Paraná, formando-se em 1966. Entre 1948 e 1967, trabalhou no escritório de corretagem de seguros de seu pai. Casou-se em 1966, quando deixou a residência dos pais. Entre 1969 e

---

<sup>49</sup> Além dos perfis individuais apresentados adiante, ver o volume anexo **Memórias e cidade: Curitiba 1930-1990**, que contém as transcrições dos depoimentos.

<sup>50</sup> Ver SILVA, p.141-143.

1972, trabalhou no estado de São Paulo, e a esposa permaneceu em Curitiba. Retornando a Curitiba, empregou-se em uma firma de engenharia e, em 1984, aposentou-se. Passou a trabalhar como autônomo em sua profissão. Da adolescência até o casamento, freqüentou clubes sociais da cidade, participando de bailes e dos "Chás de Engenharia". Após o casamento, as atividades de lazer parecem ceder espaço para o trabalho, ou ficam determinadas pela vida familiar; presença de filhos.

#### Entrevistada 02

Natural de Cambará/PR, nascida em 1941. Chegou em Curitiba em 1968; veio com os pais, duas irmãs e um filho pequeno. Já era professora e estava separada do marido. Por um breve período, trabalhou como professora; depois, ingressou em uma empresa de vendas de cosméticos à domicílio, onde permanece até hoje. A vida profissional domina o depoimento, que tem um forte cunho pessoal e procura demonstrar a realização de suas expectativas quanto a encontrar em Curitiba "uma vida melhor".

#### Entrevistada 03

Nascida no Rio de Janeiro, em 1929. Chegou a Curitiba em 1951, vinda de Porto União/SC, já casada e com uma filha pequena. Aqui teve mais três filhos. Morou em diversas residências situadas junto ao anel central da cidade. Passou alguns períodos fora de Curitiba; o mais longo, cinco anos, na Bahia (aproximadamente, entre 1968 e 1973). Quando retornou, ingressou na Faculdade de Psicologia Tuiuti e, após formada, começou a trabalhar fora do ambiente doméstico. [Separou-se do

marido, provavelmente nessa mesma época.]. É irmã do Entrevistado 06.

#### Entrevistado 04

Nascido em Curitiba, em 1910. Casado; reside no mesmo local desde 1945, época em que começou a trabalhar em casa como alfaiate. Antes disso, na adolescência, trabalhou em uma fábrica de vidros; depois aprendeu o ofício em diversas alfaiatarias da cidade. Coursou apenas a escola primária. Trabalhou ainda, no período noturno, no Instituto de Educação do Paraná durante 31 anos. Atualmente, está aposentado. A maior parte do depoimento está localizada no período anterior a 1945; inclusive com várias passagens em que narra acontecimentos dos quais tomou conhecimento através de terceiros. Ao falar do ambiente familiar, refere-se sempre aos seus ascendentes, e localiza os parentes ao redor de personagens da vida curitibana da virada do século.

#### Entrevistada 05

Nascida em Curitiba, em 1931. Professora aposentada, solteira. Iniciou sua carreira no magistério em 1952, na cidade de Paranaguá. Retornou para Curitiba em 1957. Formou-se na Escola de Educação Física “do professor Albizu”, particular: “era um curso, assim, que era mal visto na época”. Nesse período, em torno de 1950, fez parte da seleção paranaense de basquetebol. As diferentes fases de sua vida, infância, adolescência e vida adulta, têm nas atividades de lazer a principal referência. Embora residisse sempre com os pais, granjeou um grande círculo de amizades, o que garantiu uma intensa vida social até sua aposentadoria: bailes, reuniões em casas de amigos, passeios.



### Entrevistado 06

Natural do Rio de Janeiro; nasceu em 1937. Chegou em Curitiba em 1953. Filho de militar, passou a infância em diversas cidades do Brasil. Na adolescência, residiu na cidade de Porto União/SC, de onde veio para Curitiba. Entre 1955 e 1960 fez o curso de Direito na Universidade Federal do Paraná. Casou-se em 1963, e possui uma firma de agenciamento de comércio exterior desde 1969. Até a data de seu casamento, os colegas de escola são os companheiros para o cinema, para os bailes, para as festas de aniversário. A vida de casado e as atividades profissionais o levam a distanciar-se dos equipamentos de lazer que a cidade oferecia. Membro de diversas associações ligadas à área empresarial, suas reuniões sociais passam a ser organizadas a partir da vida profissional. É irmão da Entrevistada 03.

### Entrevistado 07

Nasceu na Rússia, em 1924. Emigrou em 1929, chegando ao Brasil em 1932, com os seus familiares. Depois de um período morando em uma colônia em Santa Catarina, chegou a Curitiba em 1937. Trabalhou em pequenos empregos e inicia a sua vida profissional em 1942, no ramo de equipamentos para escritório. É proprietário de uma pequena empresa comercial desde 1983. Casou-se em 1950 e reside no mesmo local, Pilarzinho, até hoje. Participou de alguns clubes sociais e está ligado à comunidade evangélica luterana. Atribui à formação religiosa a orientação de seus valores e comportamentos na vida pessoal e profissional. No final dos anos 40, participou de competições ciclísticas e, mais tarde, desempenhou atividades como dirigente desse esporte (até 1962). A sua atividade profissional proporcionou-lhe realizar diversas viagens pelo interior dos estados do Paraná e Santa Catarina.

Embora não tivesse a oportunidade de uma instrução formal, detém um bom nível de informações.

#### Entrevistada 08

Nascida em Curitiba, em 1921. Procuradora do Estado aposentada; solteira. Estudou no Ginásio Paranaense e, em 1939, formou-se professora. Coursou a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná entre 1942 e 1947. Foi professora primária por oito anos. Depois de formada em Direito, abriu um escritório. Ingressou na Procuradoria do Estado, onde ficou até 1980, ocasião de sua aposentadoria.

#### Entrevistada 09

Natural de Curitiba, nasceu em 1928. Entre 1939 e 1942 faz o curso ginásial no Colégio Cajuru; “daí fui aprender a bordar, aprender a costurar, aprender a fazer doces, comida”. Casou-se em 1951, e está viúva desde 1993. Antes do casamento, freqüentava cinemas, bailes, fazia o “footing” na rua XV - “todo mundo fazia aquele passeio”. Depois de casada, ocupou-se com a vida doméstica e a criação dos sete filhos (cinco nascidos na década de 50). Não obstante os afazeres domésticos, percorria a cidade para compras e para levar os filhos para a escola; inclusive, depois de 1960, dirigindo.

#### Entrevistada 10

Nasceu em Palmeira/PR, em 1927. Chegou em Curitiba com treze anos de idade, para fazer o curso ginásial no Colégio Cajuru, em regime de internato. Casou-se em 1946, e está viúva há cinco anos. Logo depois de casada, passou cerca de dois anos fora de Curitiba. Na época do

ginásio, em algumas oportunidades, desfrutou das possibilidades de lazer oferecidas pela cidade, em companhia de suas primas. Olhando as vitrines da rua XV, conheceu o marido em 1945. Depois de casada, passou a viver, em suas palavras, “Sempre cuidando dos filhos”. Algumas atividades sociais ligadas à profissão do marido, oftalmologista. Estão presentes em seu depoimento os deslocamentos para as compras e para levar os filhos para a escola, também dirigindo.

### **Entrevistado 11**

Nasceu na cidade de Castro/PR, em 1929. Veio para Curitiba em 1941, para cursar o ginásio no Colégio Estadual. Fez a Faculdade de Direito de Curitiba (1943-1963) e o curso de Economia da Universidade Federal do Paraná. Trabalhou na Caixa Econômica Federal (1948-1953); passou dois anos trabalhando em Araucária, e voltou para Curitiba em 1955. Em 1963, ingressou como advogado na Assembléia Legislativa, da qual se aposentou em 1979. Casou-se em 1955, e, até então, morava com dois irmãos mais velhos. Na adolescência, o cinema e passeios com colegas de escola. Depois, suas atividades de lazer parecem ficar mais ligadas à vida em clubes sociais da cidade.

### **Entrevistado 12**

Nasceu no município da Lapa/PR, em 1922. Chegou em Curitiba em 1936, para fazer o curso ginásial no Ginásio Paranaense: “era o ginásio de cinco anos, foi o último período de cinco anos”. Inicia o curso preparatório para Engenharia, mas vai trabalhar em Porto Amazonas/PR, onde o seu pai estava residindo. Em 1944, empregou-se como desenhista no SENAI, em Curitiba. Entre 1937 e 1941 residiu em pensões; depois, morou em hotéis. Casou-se em 1946; hoje está

separado. Em 1950, montou um escritório de arquitetura; profissão que exerceu até 1980, quando se aposentou. Hoje, dedica-se à pintura, “que era o meu desejo em 1945”. Após o casamento, e com os dez filhos para criar, sua imagem da cidade passa a estar orientada pela ótica do profissional.

### Entrevistado 13

Natural de Curitiba, nascido em 1925. Casou-se em 1955; dois filhos e três netos. Reside no mesmo local desde 1962, à rua Desembargador Mota próximo à rua Saldanha Marinho. Depois do curso primário, voltou a estudar em 1944, quando já estava trabalhando nos Correios e Telégrafos. Coursou odontologia na Universidade Federal do Paraná entre os anos de 1951 e 1953. Depois de formado continuou trabalhando no serviço público (até 1978) e abriu consultório. Aposentou-se há cerca de dois anos. Brincadeiras, jogos, bailes, passeios marcam suas atividades e experiência da cidade até o casamento. Depois, as recordações são mais fugidias.

Os perfis levantados permitem, em certa medida, enxergar nos entrevistados um nosso vizinho, um conhecido, e até mesmo um parente. Nesse sentido, faz-se referência àquelas pessoas que, nascidas entre os anos 1920-40, freqüentaram os bancos escolares do Ginásio Paranaense (Colégio Estadual do Paraná), do Instituto de Educação, ou mesmo de algumas escolas particulares. Pessoas que, em suas juventudes, tinham a rua XV de Novembro como espaço para o *footing* e o cinema. Pessoas que circulavam pelo centro da cidade quando faziam as

suas compras. E, aquelas pessoas que, nos anos 50, estavam ingressando no mercado de trabalho e na vida adulta.<sup>51</sup>

Contudo, não obstante a atribuição de uma característica comum às suas vidas - a de terem vivido em uma Curitiba de 30 anos atrás, ou mais -, não devemos elidir as diferenças entre eles. Diferenças, aliás, que permitem compor um tipo de habitante que tem como marca a complexidade e a variedade de situações vividas na cidade.

Localizamos duas situações distintas e extremas: o Entrevistado 04, nascido em 1910, que transmite sua apreensão da cidade de uma forma bastante singular - são mais situações que ele narra a partir de outros, do que propriamente a sua vivência. De outro lado, temos a Entrevistada 02, que tendo chegado em Curitiba em 1968, não pôde falar senão de uma experiência que está identificada com os dias atuais da cidade.

Uma outra singularidade é o parentesco entre os Entrevistados 03 e 06. Todavia, de forma alguma, esse laço de família significa a presença de uma similaridade de experiências entre eles. Ao contrário, a leitura de seus depoimentos apresenta trajetórias individuais bastante distintas. A situação destes dois

---

<sup>51</sup> A efetiva seleção dos entrevistados deu-se por intermédio de uma rede de contatos, os quais, inteirados do perfil pré-estabelecido, indicavam pessoas conhecidas. Um primeiro encontro verificava se o indicado correspondia às características mencionadas. No caso de enquadrar-se como um possível entrevistado, e não havendo recusa da parte da pessoa - foram muitas -, marcava-se a realização da entrevista.

entrevistados poderia nos levar a atribuir suas diferenças apenas a uma variável de gênero, pois não se descarta a importância dos papéis sexuais nas diferenciações e, conseqüentemente, nas expectativas e apreensões da cidade - *Daí, fui aprender a bordar, aprender a costurar, aprender a fazer doces, comida*, dizia a Entrevistada 09. Porém, embora a ocupação com os afazeres domésticos seja reconhecida como pertencente ao universo feminino, o termo **ocupação** - trabalho - é que deve ser destacado e utilizado para distinguir as pessoas e suas experiências.

Nesse sentido, podemos comparar os depoimentos oferecidos pela Entrevistada 05, professora, e pela Entrevistada 08, advogada, ambas solteiras, com o depoimento do Entrevistado 04 que, a partir de 1945, instala sua oficina de alfaiate na própria residência. Enquanto as duas mulheres oferecem uma Curitiba pautada pelo universo "da rua", o homem - e as mulheres casadas, donas de casa -, vêm a cidade desde a sua maior permanência "na casa".<sup>52</sup>

Outra variável é a naturalidade dos entrevistados. Ser natural de Curitiba, todavia, não proporciona uma maior riqueza de informações sobre a cidade. O aspecto relevante é a data de chegada à cidade. Assim, com exceção da Entrevistada 02, todos os não-naturais oferecem testemunhos sobre um período de Curitiba que é identificado como aquele precedente ao vivido hoje.

---

<sup>52</sup>Rua e casa querem identificar espaços preponderantes nas biografias daquelas pessoas. Por "rua", entende-se os espaços que constituem os lugares de trabalho e de lazer, exteriores à moradia; por "casa", faz-se referência ao ambiente doméstico.

Individualmente, cada entrevistado transmite uma experiência. Suas experiências, tomadas em conjunto, e consideradas em suas diferenças, permitem estabelecer um recorte bastante amplo, porém definido, da população de Curitiba: em sentido lato, os entrevistados representam um segmento de classe média.

QUADRO 1: Resumo dos dados dos entrevistados.

	NASCIMENTO - Local e data (*)	ESTADO CIVIL	OCUPAÇÃO	INSTRUÇÃO	MORADIA ATUAL (Bairro)
ENTREVISTADO 01	Curitiba, 1936	Casado	Engenheiro (aposentado)	Curso Superior (Engenharia)	Centro
ENTREVISTADA 02	Cambará/PR, 1941 (1968)	Separada	Representante de vendas	Magistério	Centro
ENTREVISTADA 03	Rio de Janeiro, 1929 (1951)	Separada	Supervisora escolar	Curso Superior (Psicologia)	Água Verde
ENTREVISTADO 04	Curitiba, 1910	Casado	Alfaiate autônomo (aposentado)	Curso Primário	Alto da XV
ENTREVISTADA 05	Curitiba, 1931	Solteira	Professora (aposentada)	Curso de Educação Física	Guabirotuba
ENTREVISTADO 06	Rio de Janeiro, 1937 (1953)	Casado	Agente de comércio exterior	Curso Superior (Direito)	Rebouças
ENTREVISTADO 07	Rússia, 1924 (1937)	Casado	Comerciante	Curso Primário	Pilarzinho
ENTREVISTADA 08	Curitiba, 1921	Solteira	Procuradora (aposentada)	Curso Superior (Direito)	Alto da XV
ENTREVISTADA 09	Curitiba, 1928	Viúva	Do lar	Curso Ginásial	Juvevê
ENTREVISTADA 10	Palmeira/PR, 1927 (1940)	Viúva	Do lar	Curso Ginásial	Juvevê/Alto da XV
ENTREVISTADO 11	Castro/PR, 1929 (1941)	Casado	Advogado (aposentado)	Curso Superior (Direito)	Bigorriho
ENTREVISTADO 12	Lapa/PR, 1922 (1936)	Separado	Arquiteto, Artista Plástico	Curso de 2º grau (Pré-engenharia)	Centro Cívico
ENTREVISTADO 13	Curitiba, 1925	Casado	Dentista (aposentado)	Curso Superior (Odontologia)	Centro/Bigorriho

(\*) As datas entre parênteses indicam a chegada do Entrevistado à Curitiba.



## **EU CONHECI CURITIBA COM BASTANTE FACILIDADE**

Até aqui, Curitiba, cidade(s), lembranças, depoimentos e entrevistados foram termos recorrentes; em parte, constituem o instrumento de investigação. Mas para chegarmos até ao ponto de (re)conhecermos a(s) cidade(s) que os depoimentos produzem, foi necessário um longo trajeto: não bastava realizar entrevistas, era preciso fazer a leitura delas.

Enquanto a entrevista estava sendo realizada, o entrevistador mantinha a sua atenção nos acontecimentos que iam sendo narrados. E eles eram apresentados de uma forma bastante livre, o que tornava difícil que, ao término daquela conversa, fosse construída uma visão geral do conteúdo do depoimento recolhido. Só mais tarde, depois que a entrevista estava transcrita é que se podia avaliar a contribuição que o entrevistado oferecera para a resolução do problema de pesquisa colocado: a transformação urbana de Curitiba e a percepção que fizeram dela os seus habitantes.

Ao se empreender uma primeira leitura dos depoimentos, sentia-se, às vezes, que o resultado ficara aquém das expectativas iniciais; em outras oportunidades, ao contrário, a impressão era a de que o problema estava, de pronto, resolvido. Todavia, a leitura dos depoimentos não deveria se mostrar tão simples.

Cada um dos depoimentos contribuiu à sua maneira para a pesquisa, ora explicitando a própria metodologia, ora fornecendo as informações necessárias para a construção de uma apreensão da Curitiba presente nas memórias de seus habitantes. E, mais importante, as respostas às questões que orientavam a

investigação encontravam-se complementadas no conjunto dos depoimentos recolhidos. Ou seja, entende-se que “um testemunho é o conjunto de declarações feitas por uma mesma testemunha, referentes a uma mesma série de acontecimentos, na medida em que apresentam uma mesma referência. Uma testemunha é uma pessoa ou um grupo de pessoas que aborda uma referência determinada”<sup>53</sup>.

Além disso, as **lembranças** que estavam sendo narradas eram comunicadas de uma maneira que deixava de lado uma organização cronológica: o encadeamento dos acontecimentos rememorados fazia-se por intermédio de associações cuja lógica era bastante particular a cada indivíduo. A cada vida correspondia um fluxo de lembranças que era preciso ordenar.

Sabemos que o depoimento é uma técnica utilizada pela história oral para a obtenção de declarações de um sujeito sobre algum acontecimento do qual ele tenha tomado parte, ou testemunhado. No entanto, deve-se levar em conta as disposições que o sujeito que oferece um depoimento quer manifestar por seu intermédio, pois o real que emerge dos depoimentos não pode ser entendido nem como uma reprodução da realidade, nem como uma contrafação desse real. Ao contrário, trata-se de uma **construção** que cada indivíduo elabora a partir de uma realidade cognoscível.

---

<sup>53</sup> “Un testimonio verbal es el conjunto de declaraciones hechas por un mismo testigo concernientes a una misma serie de acontecimientos, en la medida que tengan una misma referencia. Un testigo es una persona o un grupo de personas que dan cuenta de una referencia determinada.” VANSINA, p. 36.

Faz-se necessário, ainda, reter a afirmação de que os depoimentos permitiam acesso a uma realidade demarcada pelas vivências de cada entrevistado. Embora todos tenham procurado apresentar um relato do que sucedeu desde o tempo de suas infâncias e juventudes - ou, de quando chegaram à cidade -, as recordações partem de uma seletividade quanto às suas experiências, bem como quanto aos espaços envolvidos nas lembranças. Em outras palavras, os espaços e a dinâmica de suas transformações só podem ser interpretados quando relacionados às trajetórias de vida<sup>54</sup> daqueles indivíduos.

A análise dos depoimentos parte do entendimento de que, no curso de suas vidas, as pessoas entrevistadas desempenharam (e continuam desempenhando) um conjunto de papéis sociais. Tanto Ecléa BOSI como Myrian BARROS reconhecem que as lembranças evocadas e transmitidas por um sujeito estão presas a sua trajetória de vida. A trajetória de vida permite ao sujeito oferecer um **testemunho** das transformações ocorridas ao seu redor e, ao mesmo tempo, produzir uma análise das mudanças percebidas.<sup>55</sup>

Nesse sentido, as trajetórias de vida fazem parte do instrumental analítico utilizado na leitura dos depoimentos recolhidos, uma vez que elas assinalam o universo social do qual provieram e no qual se situam as pessoas entrevistadas.

---

<sup>54</sup> Trajetoria de vida é um elemento pertencente ao modelo de análise dos depoimentos. Todos os termos destacados com sublinhado devem ser entendidos como pertencentes ao modelo de análise utilizado na leitura dos depoimentos.

<sup>55</sup> Ver BARROS, p.37.

Construir uma trajetória de vida não significa, necessariamente, elaborar uma biografia do sujeito pois, transitando-se pelas lembranças, toma-se contato com as práticas e relações sociais exercidas pelos entrevistados no ambiente da cidade.

A trajetória de vida, podemos entendê-la como correspondendo à mobilidade social e espacial dos entrevistados. Ao mesmo tempo, é um elemento que fornece informações quanto à percepção que os entrevistados produziam acerca das transformações urbanas de Curitiba, na medida em que as lembranças narradas prendiam-se aos diferentes momentos das existências dos entrevistados. Quer dizer, os papéis sociais desempenhados definiam atitudes e expectativas do entrevistado em relação à cidade em que estava vivendo.

Lembrar e reconhecer Curitiba, são as disposições manifestas dos depoimentos. O tempo presente da cidade - suas feições, o burburinho de suas ruas - ainda que nem sempre expresso em palavras, é o ponto de partida para rememorar o passado. Voltar no tempo é um exercício que necessita de um constante ir e voltar. A cada lembrança do passado corresponde um momento do presente, e a uma dada lembrança, associa-se uma outra que, aparentemente, não mantém qualquer vínculo com a anterior. Ainda assim, reconhece-se que a disposição geral dos entrevistados seria a de realizar *uma caminhada de lá para cá*,<sup>56</sup> quer dizer, organizar o relato de suas memórias de uma maneira cronologicamente ordenada.

---

<sup>56</sup> Depoimento 13.

A principal referência teórica para o trabalho de construção de um modelo para a leitura dos depoimentos encontra-se em Jan VANSINA, no seu trabalho com a tradição oral de povos africanos.<sup>57</sup> Deve-se salientar, todavia, que não se incorreu na impropriedade de adotar acriticamente as observações, acerca de formas tradicionais de registro e transmissão de acontecimentos pretéritos da vida de sociedades sem escrita, para o contexto desta investigação e do modelo de análise aqui desenvolvido.

O trabalho de Vansina sugeriu a adoção de algumas categorias analíticas para a reorganização dos depoimentos. Essas categorias - discutidas a seguir -, aliadas à noção de trajetória de vida, foram os instrumentos que permitiram a análise e o ordenamento do conjunto de informações apresentadas pelos depoimentos.

Inicialmente, defrontava-se com uma aparente desordem nos depoimentos, a qual precisava ser superada para possibilitar a organização de um conjunto de indícios que propiciasse interpretar a percepção que os entrevistados faziam de sua cidade. Reorganizar os depoimentos significa, portanto, identificar recorrências e agrupá-las, ordenando-as em um eixo diacrônico. Essa diacrônia era construída tanto para os depoimentos tomados isoladamente, como também para construir diferentes contextos espaço-temporais que situavam acontecimentos inscritos no conjunto dos depoimentos.

Esquemáticamente, a leitura dos depoimentos processava-se da seguinte maneira:

---

<sup>57</sup> VANSINA, Jan. *La tradición oral*. 2.ed. Barcelona : Editorial Labor, 1968.

- a) as primeiras leituras do depoimento serviam para a elaboração da trajetória de vida do entrevistado;
- b) depois, procurava-se delimitar o tema. Embora existisse uma relativa unidade quanto ao tema, buscava-se identificar as particularidades de cada depoimento em relação a ele.
- c) Em seguida, com uma seqüência de leituras, demarcava-se os episódios, assinalava-se as referências e identificava-se o motivo delimitador dos diversos episódios presentes nos depoimentos. Estes elementos eram destacados, para efeito de organização de cada depoimento e sua comparação com os outros. Os episódios, motivos e referências eram anotados em fichas, de maneira a permitir o manuseio, ordenando-as em eixos diacrônicos e sincrônicos, dentro de um mesmo depoimento e em relação aos outros.
- d) Finalmente, reorganizava-se o depoimento e, com base nas informações precedentes, determinava-se a trama. Obtinha-se, então, as condições para identificar as intenções presentes nos depoimentos dos entrevistados.

No esquema acima descrito, temos destacadas as categorias analíticas, sugeridas por Vansina, referentes à organização interna dos depoimentos: tema, episódios, referências, motivos e trama, as quais eram trabalhadas depois de ter sido estabelecida a trajetória de vida de cada entrevistado. O tema tratava da cidade e de sua transformação, e era oferecido ao entrevistado pelo investigador. Além disso,

cumpria a função de conferir uma relativa unidade entre os depoimentos. Nesse sentido, aliás, o **roteiro para as entrevistas** propunha o desenvolvimento do tema.<sup>58</sup>

Depois da construção das trajetórias de vida e de uma avaliação quanto ao desenvolvimento do tema, buscava-se aquele que seria o elemento mais próximo da organização do texto do depoimento propriamente dita, os episódios. Estes estavam parcialmente guiados pelo roteiro e marcados por recortes espaço-temporais; configuravam-se como unidades de desenvolvimento do depoimento, estando relacionados com as diversas fases da vida do entrevistado. Sua peculiaridade era a de apresentarem, além de um tema particular, marcos cronológicos e espaciais e referências a pessoas/personagens protagonistas de acontecimentos inseridos no relato. A delimitação dos episódios no interior do depoimento realizava-se a partir da identificação de um tema particular a cada um, o motivo<sup>59</sup>, elemento que deve ser entendido como aquele que distingue um episódio de outro, a partir da significação que ele encerra no conjunto do depoimento.

Embora nem todos os depoimentos tragam citada a data, onze dos entrevistados viveram o ano de 1953 em Curitiba.<sup>60</sup> A maioria daquelas pessoas já

---

<sup>58</sup> O **Roteiro para as entrevistas** é apresentado em anexo. Ver p. 163-166.

<sup>59</sup> "Motivo [...] Es una noción que señala lo que el episodio significa funcionalmente, mientras que el episodio subraya el lugar de un motivo en una serie y la estructura del todo." VANSINA, p. 75.

<sup>60</sup> A exceção é a Entrevistada 02, que só chegou à cidade em 1968. Poderia ser o caso também da Entrevistada 05, que, na ocasião, trabalhava como professora em Paranaguá/PR.

havia ingressado no mercado de trabalho, e algumas das mulheres cuidavam de seus filhos pequenos. Alguns outros estavam cursando faculdades. O ano de 1953 não está sendo utilizado aqui para marcar diferenças entre os entrevistados, ao contrário, ele é especificamente mencionado porque assinala um acontecimento público que tomamos para exemplificar como se processou a leitura dos depoimentos.

Em certa medida, aquela data auxiliou na construção do eixo diacrônico ao qual se prendem os depoimentos. Trata-se de um marco cronológico que delimita um dado episódio, narrado em dois depoimentos, que foi utilizado como elemento do contexto que (re)constrói a cidade rememorada.

O episódio em questão retrata as comemorações realizadas por ocasião do Centenário da Emancipação Política do Paraná, e ele traz consigo todo um conjunto de referências: espaciais (lugares associados às comemorações) e personagens públicas (em especial, o então governador Bento Munhoz da Rocha Neto). Em um trecho de seu depoimento, o Entrevistado 07 contava como *comemoramos os cem anos da Emancipação Política do Estado*. Tal acontecimento fazia parte de suas lembranças e estava ligado a toda uma série de outros fatos que marcavam a sua percepção da cidade. No entanto, esse mesmo episódio guarda uma significação mais ampla, pois reconhecia-se que o "governador Bento" iniciara a transformação de Curitiba no que ela é hoje com as obras inauguradas naquela ocasião. Assim, o motivo que destacava o ano do Centenário era o de estar assinalando o momento em que a maioria dos



entrevistados reconhecia ser como o do início da transformação urbana de Curitiba.<sup>61</sup>

Portanto, as referências - a citação de datas, locais, acontecimentos de domínio público e pessoas - permitiam a leitura conjunta dos depoimentos e a construção de um **contexto** pelo qual transitavam os entrevistados e as suas recordações. Elas situavam episódios e entrevistados no quadro mais amplo dos acontecimentos sociais, econômicos e políticos, que tinham como cenário a cidade de Curitiba.

Ainda quanto às categorias analíticas mencionadas, considerava-se a existência de uma trama. Formalmente, ela seria a maneira pela qual o entrevistado organizava o seu depoimento, sendo percebida pelo encadeamento dos episódios. No entanto, embora os depoimentos estivessem, em parte, orientados pelo roteiro/investigador, por que um depoimento destacava certas referências diferentemente de outro? Por que, para um entrevistado, era importante aquele motivo e para outro, um diferente? A trama poderia ser entendida, então, como se assemelhando à imagem que o tecido oferece: dada uma urdidura - o conjunto de referências possíveis, uma memória coletiva -, cada entrevistado tecia o seu depoimento pessoal, deixando sobressair alguns fios e escondendo outros.

---

<sup>61</sup> Coincidentemente, os anos 50 marcam a entrada dos entrevistados na vida adulta (exceto para as Entrevistadas 02 e 08 e os Entrevistados 07 e 12).

A trama reflete uma disposição pessoal do entrevistado e está relacionada à sua percepção do real. Uma percepção orientada por valores sócio-culturais e que individualiza um depoimento em relação aos outros. Esses valores individuais manifestavam-se pela intenção<sup>62</sup> de cada entrevistado em destacar certos aspectos, e não outros, no contexto possível de ser construído para a cidade que estava sendo produzida a partir daquele conjunto de lembranças.

Determinar a trama, portanto, era o último momento de análise. Passava-se, então, a recompor o depoimento, o que dependia da identificação da intenção do entrevistado. Como reconhecer essa intenção? A estratégia para isso estava estabelecida no segmento inicial do roteiro para as entrevistas, quando se procurava conhecer a mobilidade social do entrevistado. No desenrolar da entrevista também eram aferidas as condições de acesso a informações e de relacionamentos sociais. Tratava-se de considerar a trajetória de vida do entrevistado, que, aliada a uma avaliação preliminar da trama do depoimento, permitia determinar a intenção, mais próxima do domínio da ideologia<sup>63</sup> do que dos aspectos formais do depoimento.

Ao se proceder a reorganização dos depoimentos, com o intuito de se produzir a partir deles um contexto, operava-se com os artifícios da dissolução e da

---

<sup>62</sup> Vansina destaca a presença de uma intencionalidade em se comunicar certos relatos: "El testimonio está verdaderamente condicionado por el testigo". Ver p. 33-61.

<sup>63</sup> Por ideologia, quer-se designar o conjunto de idéias formado e manifestado por um indivíduo no curso de sua existência. A noção de indivíduo assinala, tanto o seu entendimento como uma unidade moral autônoma, como a existência de uma relação de seu pertencimento a um grupo social do qual emerge uma concepção de mundo.

**montagem**, o que permitia transitar entre os diversos depoimentos e conferir uma relativa **simultaneidade** a determinados episódios.<sup>64</sup> Todavia, é preciso que se explicita que não se propunha reduzir os depoimentos a um único texto; ao contrário, as dissemelhanças e particularidades assinalavam a **diferença**, elemento portador do sentido que cada entrevistado atribuía à sua cidade e a si mesmo, enquanto indivíduo solicitado a manifestar-se sobre a sua percepção das transformações urbanas de Curitiba em relação à sua vida.

---

<sup>64</sup> Os conceitos de dissolução e de montagem são empregados conforme a utilização dada por CANEVACCI. A dissolução permite transitar entre duas narrativas aparentemente díspares, ambas se interpenetrando e produzindo uma nova narrativa. "A **montagem torna simultâneos eventos temporal e espacialmente diversos e ligados por analogias.**" Ver CANEVACCI, p. 32 e 66 (destaque no original).



### PLANEJAMENTO URBANO

Com a Industrialização iniciada pela erva-mate e a emancipação política do Paraná (1853), Curitiba se torna a cidade do Planejamento urbano. O 1º plano foi feito pelo engenheiro francês Pierre Taulois (lé-se Toloá), em 1855. Os anos se passam, os Imigrantes chegam e surge a necessidade de uma nova estrutura. Em 1943, o também francês Alfred Agache executa o plano Agache, criando as grandes avenidas e o Centro Cívico. E em 1965; Curitiba ganha um novo plano, base para a revolução urbana ocorrida nos anos 70.



### A REVOLUÇÃO CURITIBANA

No início dos anos 70, o grande plano urbano de 1965 sai do papel e Curitiba se transforma. Nasce o ônibus Expresso e suas vias exclusivas. A Cidade Industrial é construída. Cria-se a Fundação Cultural de Curitiba. As áreas verdes aumentam e a Rua XV vira uma *rua para pedestres*. Desde então Curitiba não se desculpou, chegando aos seus 300 anos iluminada pelos ideais de um planejamento urbano bem estruturado e pela bênção de sua padroeira. Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.



FIGURA 1: "Cidade que tem memória e cidade que faz história" - Marketing nas mesas dos bares e restaurantes de Curitiba.

## COMO EU A CONHECI E COMO ELA FICOU

Os comentários apresentados acerca da metodologia de pesquisa empregada tiveram como objetivo oferecer previamente os limites aos quais estamos presos na construção de um espaço urbano da Curitiba do período 1930-1990. Outras cidades poderiam surgir, fossem outras as fontes trabalhadas, ou as pessoas entrevistadas.

Os relatos produzidos pelos entrevistados não apresentavam uma linearidade. Presente e passado misturavam-se; lembranças de um acontecimento aqui, e de outro ali. Todavia, existiam alguns marcos mnemônicos (as referências) que situavam as lembranças dos entrevistados em relação a um determinado lugar, ou a uma determinada ocasião. A imprecisão de datas era superada na medida em que alguns dos marcos mnemônicos mostravam-se recorrentes em diversos depoimentos.

Quando os depoimentos eram lidos em conjunto, tornava-se possível delimitar espaços e momentos da cidade. Espaços e momentos que eram percebidos nas descrições das atividades individuais de cada entrevistado. Aqui e ali, naquele tempo e agora, os entrevistados moviam-se por Curitiba e construía uma trama fundada em suas vivências. Suas trajetórias de vida falavam de **lugares** e como um mesmo lugar fora percebido em diferentes momentos de suas vidas. Os lugares

traduziam uma percepção orientada pelo *sentimento de que você conhecia muita gente*,<sup>65</sup> naquele tempo. Ou seja, o tema da transformação urbana de Curitiba era desenvolvido em torno daquele "sentimento" que contrastava dois momentos da cidade: *você conhecia todo mundo, todos se conheciam. Hoje, você passa nas ruas e você, é difícil conhecer alguém*<sup>66</sup>.

A apreensão da cidade por esta perspectiva reafirma a noção que **viver a cidade** propõe. Subsiste a sensação de que a Curitiba dos dias de hoje deixa de ser uma cidade fundada em relacionamentos pessoais. O **hoje** de Curitiba começa em um momento que os depoimentos assinalam como o de início de seu desenvolvimento econômico e físico, bem como do crescimento de sua população, que no espaço de quarenta e poucos anos multiplicou-se várias vezes. Hoje, são mais de um milhão e trezentas mil pessoas ocupando o seu território; mais de dois milhões se for considerada a sua Região Metropolitana, que abrange outros treze municípios. Destes, alguns semelhantes a verdadeiros bairros, ligados por extensas e largas avenidas que são percorridas diariamente por milhares de pessoas para ocuparem postos de trabalho nas instalações industriais, comerciais e de serviços localizadas em Curitiba.

---

<sup>65</sup> Depoimento 06.

<sup>66</sup> Depoimento 11.

Apesar dessa dinâmica de crescimento, Curitiba é vista como um exemplo de cidade, mesmo em âmbito internacional. Esta sua condição tem motivado a realização de diversos estudos que procuram discutir as condições que proporcionaram a Curitiba tornar-se uma cidade exemplar nas soluções de seus problemas urbanos. Os *porquês*, e também os *comos*, estão, em geral, impressos e divulgados: planejamento urbano, *marketing* político, seriam algumas das respostas que explicariam a sua bem-sucedida experiência.

Entretanto, passeando pelas ruas de Curitiba, encontramos pessoas que ainda podem reconhecer sob as novas formas da paisagem um outro tempo. Conversar com tais pessoas é um método eficaz para se conhecer as cidades de outras épocas. Certamente, não se alcança uma cidade por inteiro, mas pode-se saber como essas pessoas percebiam e percebem a cidade em que vivem, e que idéia elas fazem do progresso dessa mesma cidade.

Mesmo que se considere que em suas lembranças os entrevistados manifestem *uma despreocupação com data, com o tempo*,<sup>67</sup> os depoimentos permitem (re)construir uma cidade orientada pela percepção que essas pessoas fizeram acerca da transformação urbana de Curitiba nestas últimas seis décadas. A cidade que iremos construir, mostra como essa experiência foi percebida por algumas de suas testemunhas. Trata-se de **uma cidade** produzida a partir de um conjunto de indícios

---

<sup>67</sup> Depoimento 12.

que estão distribuídos por todos os depoimentos. Mas, construir **uma cidade** só pode ser realizado mediante um exercício de abstração. E é este o trabalho do historiador: a partir da leitura de suas fontes, produzir **uma cidade** na qual viveram/vivem os seus habitantes, diferente de muitas, mas não a única.



**DEPOIMENTOS  
E TRANSFORMAÇÃO URBANA  
DE CURITIBA: 1930-1990**

Ciudad de la infancia, aventura de las tardes de verano, magnífica y aterrorizadora; ciudad de la adolescencia, erótica vivencia de la infinitud, del descubrimiento, de la salvaje libertad; ciudad que lentamente se va convirtiendo en recuerdo, ámbito trabajado por la memoria, espanto del ayer despiadadamente ido. Metáfora del universo, escenario inabarcable de la vida. (Ricardo FORSTER. Borges e Benjamin: la ciudad como escritura y la pasión de la memoria.)

Tempos e espaços são os materiais com os quais a Curitiba dos depoimentos é produzida. Myrian BARROS, comentando Halbwachs, afirmava que “as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória”<sup>1</sup>, o que é corroborado nos depoimentos recolhidos. A cada lapso de tempo corresponde uma Curitiba, tanto no que se refere à sua dimensão física, como no seu aspecto social.

Mas não basta o tempo inscrever-se na matéria, manifestar-se por marcas aparentes, ou ser produto de lembranças; sua apreensão é produto de uma consciência, que pode, inclusive, alterar-se de acordo com a própria situação do sujeito. *Parece que está acelerando a passagem de um mês para outro; passa e você parece que*

---

<sup>1</sup> BARROS, p. 30.

*nem sente mais*, avalia a Entrevistada 09, ressentindo-se da correria e da velocidade presente nos dias de hoje.

De certo modo, ou melhor dizendo, certamente, a cidade que os entrevistados iam construindo em suas narrações, partia da Curitiba que eles conhecem atualmente. Presente e passado eram contrastados, senão comparados. E, ao lermos os depoimentos, nós mesmos, situados externamente às lembranças evocadas, cotejávamos diferentes cidades.

Os momentos inscritos no espaço das cidades necessitam de alguém que os descubra e que os torne legíveis. As formas, os limites e as diferenciações espaciais são estabelecidas por aqueles que vivem e observam as cidades. Submetendo-as aos seus olhares, definem contornos espaciais e temporais, e logram apresentá-las como entidades prontas e acabadas. A cidade que se quer compreender estará, sempre, delimitada a um entendimento que se faz dela em um momento determinado.<sup>2</sup>

As feições atuais de Curitiba ocultam cidades que demarcam diferentes momentos de sua história, embora uma memória oficial encarregue-se de conservar alguns marcos do passado. Observar a presença desses marcos é importante, pois

---

<sup>2</sup>“Este inacabamento, é a monstruosidade primordial da Cidade. Ela é ‘mutilada’ no sentido aristotélico do termo, quer dizer, ela não possui nela mesma a possibilidade de seu acabamento. Ela é uma potência, não uma atualidade. O ato, o sentido, virá, aliás, do ser acabado e portador do acabamento: o Inquisidor.” (No original: “Cet inachèvement, c’est la monstruosité primordiale de la Ville. Elle est ‘mutilée’ au sens aristotélicien du terme, c’est-à-dire qu’elle ne possède pas en elle-même la possibilité de son achèvement. Elle est un potentiel, non une actualité. L’acte, le sens, viendra d’ailleurs, de l’être achevé et porteur de l’achèvement : l’Inquisiteur.”). FERNANDEZ, p. 362.

não só eles se fazem presentes nas lembranças dos habitantes da cidade, como também caracterizam a Curitiba de hoje. Portanto, ao nos aventurarmos por uma história de Curitiba, trabalhamos também com as temporalidades que percebemos inscritas em sua paisagem.

Porém, para os habitantes de uma cidade, sua apreensão, em um eixo diacrônico, realiza-se por intermédio das atividades desempenhadas durante os diferentes períodos de suas existências. À cada fase de suas vidas, uma cidade é produzida. Assim, tempos, espaços e cotidiano constróem as cidades nas quais se movimentam os entrevistados.<sup>3</sup>

*Nasci em 1931. - Sou solteira. - Na cidade querida: Curitiba. Sou professora aposentada, professora de educação física aposentada. [...] Locais, eu me lembro mais ou menos; o período eu não posso, porque eu esqueço. Morei na avenida Iguaçu, onde é o DER, hoje em dia. Ali era, foi a minha infância maravilhosa que eu tive. Hoje em dia, as crianças não conseguem mais: ar livre, espaço. Na rua, brincando, não havia asfalto; era mais terra que havia. Ali era o Tribunal de Justiça, era o Fórum de Curitiba, naquela época.<sup>4</sup>*

Tempo e espaços misturam-se na cidade de infância da professora aposentada, e as lembranças das brincadeiras de criança preenchem aquele momento. Um momento de uma cidade que é também vivido por outro

---

<sup>3</sup>Esta relação entre tempo, espaço e cotidiano beneficia-se da discussão que CANEVACCI realiza sobre a categoria **cronotopo** (um “complexo espaço-temporal”), utilizada na crítica literária por Mikhail Bachtin e por James Clifford na antropologia. Esta categoria trabalha com o desenvolvimento de indicadores espaciais e temporais, produzindo um “cenário ficcional onde (e quando) são realizadas certas atividades e estórias”. Ver p. 86.

<sup>4</sup>Depoimento 05.

Entrevistado. Para este, a Curitiba dos anos 40 *era um fervedor* - referência ao seu convívio com os estudantes na rua XV de Novembro, ao redor dos cafés.<sup>5</sup>

A importância da vida estudantil, marca da juventude dos entrevistados, seria apreciada ainda pelo Entrevistado 06: [...] *naquele momento [1953], a primeira referência de Curitiba era ser um pólo, um pólo acadêmico. Uma cidade que atraía muita gente, na faixa jovem, na faixa etária dos vinte e poucos anos, que aqui vinha completar estudos que não conseguia nas cidades onde morava. [...] O grupo que eu freqüentava ao tempo de estudante, obviamente eram os colegas de escola.*

Depois, a partir do final da década de 50, quando os entrevistados estão casando (alguns já casados) e ingressando no mercado de trabalho, Curitiba passava a ser reconhecida de uma outra maneira. A mesma Entrevistada que falara de sua "infância maravilhosa", reconhecia que a sua relação com a cidade estava sendo alterada: *Eu comecei a trabalhar em 1952. [...] Fiquei cinco anos trabalhando em Paranaguá. [...] Aí, eu comecei a trabalhar e a vida já ficou mais agitada, ficou mais responsável* <sup>6</sup>.

Para o Entrevistado 12, que antes vivia o descompromisso da vida estudantil - embora já trabalhasse há bastante tempo -, a mudança mostrava-se irreversível. Seu tempo passava a ser ocupado de maneira a fazer frente às exigências

---

<sup>5</sup> Depoimento 12.

<sup>6</sup> Depoimento 05.

da vida de casado: [...] casei em 46 [...]. Daí a vida mudou completamente. [...] Depois, como é que se diz, começaram a aparecer os filhos. [...] Eu tinha bastante serviço e, embora fosse bem pago, eu precisava de mais dinheiro, além do salário.

Dentre outros, esse último depoimento deixa perceber mais explicitamente como se altera a relação das pessoas com a cidade, a partir de mudanças experimentadas no âmbito da vida pessoal de cada um. Desde o seu casamento, em 1946, as relações sociais passam a ser, com maior frequência, de ordem profissional; e os espaços da cidade ficavam mais restritos aos locais pertinentes ao exercício das atividades profissionais.<sup>7</sup>

Nesse sentido, Curitiba passava a ser percebida e comunicada diferentemente de quando seus espaços eram utilizados para as atividades próprias da juventude. A cidade inscrevia-se em um outro tempo. Um tempo marcado também pela presença de uma nova juventude; reconhecida nos filhos, *A partir justamente, quando os meus filhos, que eu vejo pelo [filho mais velho], ele devia ter uns catorze anos, a partir dos 60 que começou a mudar*<sup>8</sup>. Ou em outros jovens, que se faziam presentes no ambiente da cidade.

*Nos anos 50 ainda, quer dizer, devia ter sido já uma mudança. Tinha terminado a guerra, aquilo tudo. Mas ainda não tinha começado essa mudança que houve depois, nos anos 60 em*

---

<sup>7</sup>O mesmo vai acontecer com o Entrevistado 06, a partir do momento em que se estabelece profissionalmente, depois de 1963.

<sup>8</sup>Depoimento 12.

*diante. [...] Antigamente, não havia essa separação de moço e velho. Quer dizer, todo mundo se entendia, a gente convivia mais. Depois de uns tempos, os moços, eles ficaram separados. Ficou uma parte dos mais moços e os mais velhos. Quer dizer, não havia assim uma convivência, digamos assim, em locais. Quer dizer, que foi havendo uma separação.*

Embora solteira, a Entrevistada 08 manifesta seu entendimento sobre “os moços” que invadiam os espaços de Curitiba. Sua apreciação contrapõe a própria experiência, situada em um outro tempo da cidade, à nova juventude, também percebida como sinal de mudança.

O tempo do trabalho, uma nova juventude nas ruas de Curitiba e também uma nova cronologia da cidade. Esta, manifestando-se externamente à vida dos entrevistados e, em certo sentido, sendo reconhecida como obra daquelas pessoas interessadas “no desenvolvimento de Curitiba”.

Ainda nos anos 50, percebe-se que a estrutura econômica do Paraná está alterando-se rapidamente: *Acho que a grande força econômica para que Curitiba pudesse se desenvolver, originou-se nos tempos do café, da exportação do café. [...] Porque o pessoal que produzia o café, [...], ou investiam em São Paulo, ou investiam em Curitiba, isso era ponto pacífico.*<sup>9</sup> Naquele momento, as rendas advindas da cafeicultura proporcionavam que Curitiba, tal como outras cidades brasileiras, ganhasse ares de metrópole.

---

<sup>9</sup> Depoimento 07.

O seu crescimento, especialmente depois dos anos 60, foi motivado pela instalação de diversas indústrias, inclusive em alguns dos municípios limítrofes. *Primeiro, foi a chamada, a busca, que o paranaense conseguiu com a Petrobrás. Ela já começou a inchar Curitiba.*<sup>10</sup> Assim, se por um lado, a agricultura alavancou o desenvolvimento iniciado nos anos 50, o parque industrial, nas décadas seguintes, ganharia maior importância.

Essa dinâmica econômica produzia uma nova paisagem em Curitiba, percebida por seus habitantes mais antigos. Muitos acompanharam as reformas urbanas que se fizeram necessárias para acomodar o crescente tráfego de veículos e a instalação de moradias para os trabalhadores que vinham se radicar na cidade.

Quer dizer, ao mesmo tempo em que as vidas dos indivíduos vão mudando, passando do tempo das brincadeiras de infância e dos flertes da juventude para a rotina que o tempo do trabalho e das outras obrigações que a vida adulta exige, também se percebe que, externamente, o ambiente está sendo alterado. Assim como *a juventude é diferente da vida adulta*, como diz a Entrevistada 08, reconhece-se que a cidade *vai mudando, não é? Vai mudando*<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Depoimento 11. A Petrobras está localizada no município de Araucária, o qual faz parte da Região Metropolitana de Curitiba.

<sup>11</sup> Depoimento 05.



As trajetórias pessoais e a dinâmica das transformações urbanas entrecruzam-se, conferindo uma nova percepção do espaço urbano. De um lado, novas obras arquitetônicas invadiam o tempo e o espaço de uma cidade; de outro, os novos compromissos da fase adulta das vidas dos entrevistados mostravam novos lugares. É preciso, então, apreender essa mudança que se realiza ao redor dos indivíduos e atribuir um sentido àqueles acontecimentos nos quais estiveram imersos. Afinal, as cidades são espaços de vida.



FOTO 2: Praça Tiradentes; o Marco Zero e o Marco alusivo à fundação de Curitiba. O centro era a praça Tiradentes. - Depoimento 07.

## CURITIBA, ELA COMEÇOU REALMENTE EM 1960

Se nada soubéssemos a respeito de Curitiba, e se só tivéssemos contato com algumas frases soltas dos depoimentos, poderíamos imaginar que a cidade brasileira “de primeiro mundo”, num momento qualquer, apareceu do nada e instalou-se no sítio que ela agora ocupa. É recorrente a afirmação de que Curitiba “começou” nos anos 60. No entanto, essa cidade de pouco mais de 30 anos é apenas uma das muitas Curitiba que podem ser reconhecidas. Mais exato seria dizer - ou entender - que *a partir de 53 que começou, assim, o desenvolvimento de Curitiba*<sup>12</sup>; e é este o sentido que estamos atribuindo aos anos 50/60 para a cidade produzida a partir dos depoimentos.

Em 1953, assistia-se a uma **refundação** da cidade. Gesto, aliás, encontrado em outros momentos de Curitiba. Compreender o sentido desse gesto será a nossa primeira ação. Para isso, iremos recuar cerca de 150 anos, quando Curitiba estava sendo transformada na capital do Paraná. E, reconheçamos, inicialmente, a capital como o centro. Não o centro geográfico de um território, mas um lugar que é produzido para simbolizar a história de um povo e o seu devir.

Para conhecer algumas das feições que Curitiba exibia quando foi elevada à condição de capital do Paraná, utilizaremos testemunhos que foram produzidos em outras circunstâncias e com propósitos diferentes daqueles obtidos junto aos

---

<sup>12</sup>Depoimento 01.

entrevistados. Esses testemunhos não trazem a marca do viver a cidade. Ao contrário, procuram apontar, desde o início, um compromisso com uma visão objetiva da realidade. São olhares de viajantes europeus, e também de intelectuais paranaenses, que, a partir de suas experiências, procuravam formular um juízo da cidade, avaliada conforme às suas crenças no **Progresso**<sup>13</sup>.

Em suas “viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)”, Robert AVÉ-LALLEMANT descrevia a capital da recém-criada Província do Paraná, descobrindo nela uma “dupla natureza”. Em alguns pontos, enxergava os resquícios de uma velha Curitiba, “quando não era ainda a capital de uma Província”. As ruínas e a desordem da cidade antiga assinalavam a decadência e o atraso, que eram contrapostos à cidade nova, que expressava “decisiva regeneração”. Embora não encontrasse nenhum “grandioso estilo Renascença”, aquele viajante afirmava que

Desde a chegada do Presidente e do pessoal administrativo, Curitiba tem o seu palácio. Naturalmente é um simples rés-do-chão e tem aparência despretençiosa, modesta, mas é bonito e aseado. [...] Além disso, foram construídos a Câmara de Deputados provincial, o Tesouro e muitas casas; em resumo, Curitiba, a velha vila enfezada, marcha com energia para um novo desenvolvimento.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Para uma discussão acerca da presença da noção de Progresso na sociedade ocidental, ver NISBETT. Especificamente para uma discussão sobre a concepção de cidade no pensamento europeu, ver SCHORSKE (1989).

<sup>14</sup> AVÉ-LALLEMANT, p. 273-4.

AVÉ-LALLEMANT comparava duas Curitiba, destacando em cada uma suas características. A cidade que marchava para um novo desenvolvimento conservava ainda as marcas de um passado que deveria ser superado. Um passado antes observado por outro viajante.

Em 1820, uma pequena cidade de “duzentas e vinte casas”, com um certo ar europeu em seus quintais, chamava a atenção de Auguste SAINT-HILAIRE. Este, embora percebesse em Curitiba construções de aparência modesta, identificava um acentuado movimento comercial e a presença de ruas largas e regulares, “algumas totalmente pavimentadas”, o que conferia, aos seus olhos, um aspecto de progresso à cidade.<sup>15</sup>

Estas visões de Curitiba no século XIX, assinalam dois de seus diferentes momentos: AVÉ-LALLEMANT comparando-os, encontrava elementos para afirmar sua crença no Progresso. Entretanto, as ruínas que ele havia identificado como “a velha vila enfezada” foram o espaço harmonioso visto pelos olhos de SAINT-HILAIRE. Uma cidade onde também estava representado o Progresso, principalmente quando a comparava às outras cidades brasileiras que ele havia conhecido.

Não obstante Curitiba ser tomada como uma manifestação do Progresso, a cidade que marchava “com energia para um novo desenvolvimento”, nos anos 1850, recebia esse tratamento devido ao reconhecimento de ela estar investida de um novo

---

<sup>15</sup>SAINT-HILAIRE, p.72.

atributo: ser a Capital, o centro da nova Província. Esse acontecimento marcaria sua passagem para um novo tempo.

A Curitiba-capital estava sendo fundada naquele momento, e em sua paisagem inscreviam-se as insígnias desse seu atributo e do que se esperava que ela representasse para a nova Província. O fado da **nova cidade** seria o de inaugurar e conduzir o Paraná nos tempos do desenvolvimento e do progresso.

Desenvolvimento e progresso que continuaram presentes nas apreciações produzidas sobre a Curitiba do início do século XX. Agora, não são os viajantes estrangeiros que vêm Curitiba, mas os seus intelectuais. Se, por um lado, reconhecia-se que ainda grassavam as febres, “naturalmente devido à falta de boas águas”, a cidade era, também, apresentada pelos sinais aparentes de seu progresso: oferecia-se diversos produtos manufaturados para o consumo da população, ao mesmo tempo em que motores a vapor movimentavam as fábricas. O equipamento urbano ganhava melhorias: pavimentação das ruas centrais, iluminação a energia elétrica, linhas de bondes (inicialmente puxados com tração animal e, logo a seguir, “electricos”), água encanada. O espírito do progresso inundava a cidade, e era saudado por todos aqueles que entendiam o seu desenvolvimento como representando o progresso do povo paranaense.<sup>16</sup>

O Municipio de Curitiba é, dentre os demais do estado, aquelle que attingindo o maximo expoente do desenvolvimento commercial e industrial, caminha para a senda

---

<sup>16</sup> Ver ALMANACH DO PARANÁ; ALMANACH PARANAENSE; ALMANACH DOS MUNICIPIOS.

do progresso á passos de gigante medieval. [...] As industrias e o commercio vivem um desenvolvimento uniforme florescem á sombra bemfazeja dos governos, nada deixando a invejar dos principais centros mais em evidencia. Assim, as grandes instituições commerciaes, agricolas e industriaes, n'uma excellencia de organização são testemunhos da sua grandeza crescente. [...] Certo não sera neste ligeiro commentario expellido, que entraremos nas minucias e apreciação dos factores basicos que contribuíram para o seu rapido progresso.<sup>17</sup>

Como assinalava Dario Vellozo, um intelectual curitibano: "As cidades são os índices da civilização dos povos. Todo progresso das Nações, produzido nos campos, sintetiza-se nas cidades. Assim, são elas o enfeixe lógico da civilização."<sup>18</sup> Nesse caminho, restava apenas saudar o "rápido progresso" de Curitiba.

A cada momento, no espaço de umas poucas décadas, uma nova cidade parecia emergir das ruínas de uma outra, ou de um tempo que significava atraso, a antítese do progresso desejado. O presente seria a prova de seu desenvolvimento e de seu amanhã: Curitiba, como capital, representaria o "índice de civilização" do Paraná.

Em 1930, reconhecia-se as feições de "uma grande e moderna cidade": "[...] Não lhe faltam os recursos necessários ao progresso, pois que todos os requisitos das metrópoles modernas, tem Curitiba". A imagem que então se construía, emulava Curitiba às cidades do litoral paranaense: "A impressão de quem, de passagem vê as cidades costeiras, Paranaguá, Antonina, e, a seguir, contempla Curitiba com seus

---

<sup>17</sup> ALMANACH DOS MUNICIPIOS, 1918, p. 17.

<sup>18</sup> VELLOZO e PONTES, p. 111.

arredores, é a de que passou só com a viagem do carril serrano, de um a outro país".<sup>19</sup>

Ao mesmo tempo em que as cidades litorâneas identificavam a imagem de um tempo que se queria superar, assinalava-se, naquele período, o surgimento de uma **nova capital** do Estado do Paraná, descrita com as cores características das grandes cidades:

Iluminada a luz elétrica, dispondo de uma boa rede de exgotos, de ótima água canalizada da Serra do Mar, servida por uma rede telefônica moderna, calçada, quase toda a paralelepípedos de granito, tendo a parte mais central muito bem asfaltada, a cidade pode orgulhar-se do seu valor real. Por toda parte, há belos edifícios, praças amplas e ajardinadas, monumentos, etc.<sup>20</sup>

Essa Curitiba dos anos 30, podemos imaginá-la como a cidade que os entrevistados utilizaram para ser comparada com a Curitiba dos dias atuais. Ou seja, assinalavam que a **nova cidade**, surgida nos anos 50/60, soterrava uma outra. Os depoimentos também revelam uma apreciação dessa dinâmica desde uma ótica orientada por uma noção de Progresso. A nova Curitiba dos entrevistados realiza-se em um hoje, e este hoje presentifica o quanto ela progrediu.

*Você veja, hoje, Curitiba tem muita coisa bonita, não é? para a gente ver. Você falando lá do Bamerindus, aquilo lá é uma maravilha. [...] Lotamos um ônibus para visitar todos esses lugares bonitos. [...] Eu acho a Ópera de Arame uma coisa diferente, completamente diferente, e*

---

<sup>19</sup> VELLOZO e PONTES, p. 111 e 113.

<sup>20</sup> VELLOZO e PONTES, p. 113.



*acho lindo aquilo. [...] Está muito bonito, depois muito bem ajardinado. Jardim Botânico também.*<sup>21</sup>

As “coisas bonitas” expressam uma Curitiba dos dias atuais, edificada sobre uma outra cidade, agora desaparecida. Mas, restaram ainda algumas marcas da cidade soterrada; sejam elas materiais, ou na forma de lembranças. Essas marcas distinguem temporalidades e espacialidades; algumas delas, conservadas fisicamente com propósitos bastante definidos.

### **Quem conheceu a praça Tiradentes...**

A pequena e singular viagem, realizada por alguns dos momentos que constituem a experiência da Curitiba-capital, serve para identificar uma sua propriedade, que é, aliás, comum a todas as cidades: ela está sempre sendo refundada. O presente é sempre repostado, e seus diferentes momentos mostram o seu perpétuo “inacabamento”.<sup>22</sup> No entanto, o passado de uma cidade está sempre no presente, inscrito em marcas que assinalam o que ela *fora*, seus tempos e seus espaços: marcas inscritas no *corpo* da cidade e também nas lembranças de seus habitantes.

---

<sup>21</sup> Depoimento 10.

<sup>22</sup> Ver FERNANDEZ.

Pôde-se perceber como, nos anos 30, procurava-se atribuir a Curitiba um aspecto físico que correspondesse ao momento e ao que se esperava dela em seu devir: “uma grande e moderna cidade”. Produzia-se a Curitiba que se queria ver concretizada no futuro, utilizando-se da arquitetura e da presença de inovações tecnológicas na configuração de seu espaço.

Marcas de antigas Curitibaas ainda podem ser encontradas. Inscrevem-se na cidade como espaços portadores de um sentido de ruptura e de descontinuidade: despidos de seus significados originais, são reconhecidos, por aquele que transita, hoje, pela cidade, como monumentos. Diz o antropólogo Marc AUGÉ, “O monumento, como indica a etimologia latina da palavra, pretende ser a expressão tangível da permanência ou, pelo menos, da duração. [...] Estranhamente, uma série de rupturas e descontinuidades no espaço é que representa a continuidade do tempo”.<sup>23</sup> À própria cidade confere-se um caráter de monumento. Um monumento que pode ser lido como um **documento**, texto que permite realizar uma interpretação dos processos de sua produção.

Pensar o espaço da cidade como um repositório de monumentos - e de temporalidades -, confere-lhe legibilidade, pois, como destaca o historiador Jacques LE GOFF, “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do

---

<sup>23</sup> AUGÉ, p. 58.

tempo que passa, os historiadores”.<sup>24</sup> Nesse processo de escolha, alguns traços do passado de uma cidade ficam evidentes a qualquer transeunte: usualmente, são as inscrições produzidas por atos de governantes, monumentos que se constituem em documentos de uma história oficial.

Mesmo no interior das declarações dos entrevistados, Curitiba apresenta espaços e construções que podem ser entendidas como monumentos. Espaços e construções também produzidos por atos dos governantes da cidade:

*Hoje, nós temos aqui, quem conheceu a praça Tiradentes, por exemplo, e a antiga Prefeitura. Ninguém, da praça Tiradentes, enxergava a Prefeitura - não sei se é do seu tempo, se o senhor conheceu -, ninguém enxergava. Ali tinha proprietários que tinham edificações de dois e três pavimentos que fechavam. Para sair da praça e ir para a Prefeitura, tinha uma rua, que talvez tinha dez metros de largura, o resto tudo era fechado. A rua, a travessa Marumbi, que se chamava, hoje é Tobias de Macedo. Ali era a Telefônica.*<sup>25</sup>

Nem todos os entrevistados nasceram e viveram todo o tempo de suas vidas em Curitiba, e nem todos conheceram a praça Tiradentes quando existia ali a estação de bondes e, perto, a Prefeitura Municipal. Mesmo entre aqueles que, certamente, a conheceram, apenas alguns recordariam daquele local que assinala a fundação de Curitiba.

---

<sup>24</sup> LE GOFF, p. 535.

<sup>25</sup> Depoimento 07. A antiga Prefeitura é, hoje, o Museu Paranaense. As edificações a que o entrevistado faz referência, cederam lugar à praça José Borges de Macedo.

A praça Tiradentes, que a crônica da cidade reconhece como o seu sítio inicial, sofreu uma série de modificações desde a época da fundação de Curitiba. Não apenas a sua designação - Largo da Matriz e depois Largo Dom Pedro II -, toda a paisagem formada por seu conjunto e pelos edifícios em seu entorno expressa alguns de seus diferentes momentos. Com o passar dos anos, tal como as diferentes designações da praça Tiradentes indicam, Curitiba foi-se integrando a uma história mais ampla do que a meramente local.<sup>26</sup> Ao mesmo tempo em que a cidade é comemorada, faz-se dela um instrumento de registro de uma história nacional, ainda mais se se considera o seu efetivo papel de capital do Estado do Paraná.<sup>27</sup>

No interior da praça, defronte à Igreja Matriz de Curitiba, uma placa, afixada a um bloco de pedra, faz alusão às origens da pequena vila fundada em 1693.<sup>28</sup>

Comemoração do 250º aniversário da fundação da Vila de Curitiba. - Este marco assinala o chão sagrado em que os pioneiros povoadores dos Campos de Curitiba elegeram as primeiras autoridades públicas e fundaram a Vila, sob a égide do seu patriarca o capitão-povoador Matheus Martins Leme. - 1693-23-3-1943.

---

<sup>26</sup> Observe-se, à propósito, os monumentos existentes no interior da praça Tiradentes, todos fazendo alusão a um Brasil produzido após 1889: estátuas de Tiradentes e do Marechal Floriano, e um monumento à República, na figura de Benjamin Constant.

<sup>27</sup> A interpretação que fazemos é sustentada pela leitura realizada dos depoimentos e dos monumentos.

<sup>28</sup> Uma discussão acerca dos atos fundacionais de Curitiba pode ser encontrada em PEREIRA e SANTOS.

Próximo desse pequeno monumento, na praça José Borges de Macedo, contígua à praça Tiradentes e situada nos fundos do Museu Paranaense, outra placa comemora a ereção do Pelourinho, outrora símbolo da Justiça e da autonomia Municipal.

Neste lugar, em 4 de novembro de 1668, foi levantado o Pelourinho da Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais por Gabriel de Lara, capitão-mor e procurador do Marquês de Cascais, senhor das terras da capitania de Paranaguá. - Placa comemorativa mandada fazer pela municipalidade de Curitiba, sendo prefeito o Eng. Omar Sabbag. 4-XI-1968.

Os dois marcos fazem menção à origem e a tempos pretéritos de Curitiba. Hoje, para os que vão visitar o local, são referências tanto à fundação da cidade, como da ocasião em que foram erigidos: os atos celebrados por aqueles monumentos estavam sendo repostos quando das comemorações assinaladas.

Há algumas quadras de distância da praça Tiradentes, em direção ao Centro Cívico da cidade, encontramos uma outra praça, a Dezenove de Dezembro,<sup>29</sup> próxima do Passeio Público: uma estátua gigantesca - um homem nu, em pé, com a perna direita avançada - domina o primeiro plano da praça. Um pouco atrás, ao lado, está a estátua de uma mulher sentada, também nua.<sup>30</sup> Às costas do homem, um

---

<sup>29</sup> Alusão à data de Emancipação Política do Paraná, desmembrando-se da Província de São Paulo, em 19 de dezembro de 1853. Note-se que essa praça situa-se no início da avenida Cândido de Abreu, que leva ao Centro Cívico de Curitiba, onde estão localizados o Palácio do Governo, a Assembléia Legislativa, a sede do Poder Judiciário e a sede da Prefeitura Municipal.

<sup>30</sup> Embora prevista no projeto original, a nudez da mulher ficou oculta dos curitibanos por um bom tempo; ela só foi colocada naquele lugar em meados da década de 70.

imenso obelisco. Mais ao fundo, um painel em alto relevo, retratando os ocupantes do território paranaense em diferentes épocas: os índios, os bandeirantes e os trabalhadores das diversas atividades econômicas do Estado. A última imagem da seqüência do mural apresenta o signo da riqueza paranaense da época em que a praça foi construída: sacos de café empilhados.<sup>31</sup>

Especialmente reconhecidas como depositárias de uma memória oficial, as duas praças podem ser e são apropriadas por outras ordens de significados, alcançados a partir das declarações dos entrevistados. Nesse sentido, ancoram e articulam o conjunto dos depoimentos. Quando se fala de uma Curitiba de outrora, deve-se entender que *o centro era a praça Tiradentes*<sup>32</sup>. E, por outro lado, quanto mais nos aproximamos dos dias de hoje, aquele espaço, para os entrevistados, transforma-se em apenas um local a mais dentre os que compõem a Curitiba atual. *Ali, na praça Tiradentes, quando eles aumentaram ali, ficou um lugar mais aprazível e melhor de você andar.*<sup>33</sup>

O Entrevistado 07, que falara da praça Tiradentes como o antigo centro de Curitiba, vai mencionar a praça Dezenove de Dezembro quando narra a ocasião

---

<sup>31</sup>No verso desse painel, encontra-se um mural pintado em azulejos retratando a fundação de Curitiba. Certamente, a presença do casal edênico instalado na praça é utilizada para evocar a (re)criação do Paraná naquele momento.

<sup>32</sup>Depoimento 07.

<sup>33</sup>Depoimento 08. A Entrevistada faz menção à reforma realizada na praça Tiradentes recentemente, em 1994.

*quando comemoramos os cem anos de Emancipação Política do Estado. O dia de reinauguração daquela praça é lembrado pelo seu encontro com o então presidente da República, Getúlio Vargas - a dois metros de mim, ele discursando. Ainda que presa a recordações de ordem pessoal, a praça Dezenove de Dezembro, para o Entrevistado, está próxima de um significado de domínio público: ser um local de comemoração.*

Mas, aquele espaço também está presente em outra ordem de lembranças:

*Nasci no dia 25 de agosto de 1928, na praça Dezenove, na praça do Homem Nu. E morei lá durante vinte e cinco anos. Ali, naquela praça. [...] Freqüentava bastante o Passeio Público, que era ali pertinho. Depois, desmancharam a nossa casa para fazer, hoje, o Grupo Tiradentes. Daí, nós mudamos para o outro lado da praça, que era do meu avô. [...] Nossa praça ali era uma delícia. Tinha muita criança, todos mais ou menos da mesma idade. Então a gente ficava ali, brincando, de bola, de correr, de corda. Mais tarde com bicicleta também.<sup>34</sup>*

O “Homem Nu”, que serve de referência à praça, só foi instalado no último ano em que a Entrevistada lá esteve. Apesar dessa proximidade, de uma convivência com a transformação daquele espaço, suas lembranças, misturando passado e presente na caracterização daquele lugar, estão marcadas apenas pela afetividade. De sua parte, nenhuma referência será feita à aglomeração de pessoas que, com certeza, acompanhava os discursos na inauguração do monumento.

---

<sup>34</sup> Depoimento 09. São dois Grupos Tiradentes: o antigo, que foi demolido para dar lugar à praça Dezenove de Dezembro, e a atual Escola Estadual Tiradentes, que substituiu o primeiro.

E a praça que se construía para saudar a Emancipação do Paraná, na sua capital, soterrava outras lembranças: *Eu estudei no Colégio Progresso. Hoje, não existe mais.* - diz a Entrevistada 05 - *Acabaram com o colégio. Ele era ali, no começo, na praça Dezenove, em frente ao Passeio Público. A velha praça, o Colégio Progresso, o antigo Grupo Tiradentes e o Passeio Público fizeram parte da infância de muitos curitibanos. Uma infância que remete a uma outra temporalidade de Curitiba, um passado.*

Passado que, embora celebrado, deveria ceder lugar ao futuro. Juntamente com a reconstrução da praça Dezenove de Dezembro, em 1953, outras obras assinalaram as comemorações do Centenário da Emancipação Política do Paraná. O Entrevistado 01, que iniciou seus primeiros estudos no antigo Grupo Tiradentes, localizado naquela praça, recorda que

*[...] como obra do Centenário, foi feito a maioria das coisas que tem em Curitiba; pelo menos iniciado como obras para essa comemoração, em 1953. Teatro Guaíra, Biblioteca Pública, Centro Cívico - em construção até hoje -, o Grupo Tiradentes ... [interrupção] ... Então, onde hoje vai ter o desfile, a Cândido de Abreu, foi aberta só uma faixa central [...] Então, a Curitiba de 53, quer dizer, a partir de 53 que começou, assim, o desenvolvimento de Curitiba.*<sup>35</sup>

A existência de um ato voluntário para assinalar essa passagem para um novo período de Curitiba, não é o importante aqui. Para nós, interessa compreender

---

<sup>35</sup> O desfile faz menção ao 7 de Setembro, data da entrevista.



por que os entrevistados identificam aquele momento e não outro como a ocasião em que se saudava um novo tempo para Curitiba.

Atendo-se às praças mencionadas, e à inserção delas nos depoimentos, percebe-se que a praça Tiradentes, afora o sentido imputado pela história oficial da cidade, permite reconhecer diferentes temporalidades que, inscritas em sua paisagem, propõem um sentido de continuidade. Já a praça Dezenove de Dezembro, celebrando a Emancipação Política do Paraná, significa um momento de ruptura, de inauguração de um novo tempo, quando os poderes públicos estavam inscrevendo no espaço da cidade as realizações e as potencialidades da economia paranaense dos anos 50.

A praça Tiradentes e a praça Dezenove de Dezembro, conjugadas a outras referências espaço-temporais presentes nos depoimentos, vão permitir a proposição de duas categorias, as quais assinalam duas Curitibas que são articuladas e contrapostas nos depoimentos. De um lado, uma Curitiba de ontem, caracterizada a partir dos espaços vivenciados nas fases de infância e de adolescência dos entrevistados, e que, externamente a eles, refere-se a uma cidade produzida desde os anos 1930 até, pelo menos, o início da década de 1960. De outro, uma Curitiba de hoje, entendida como a cidade que substitui a primeira, temporal e espacialmente, e que é percebida e comunicada como um *continuum* desde os anos 50/60.

A **Curitiba de ontem** ficava para trás. E, a **Curitiba de hoje**, “cidade com uma infra-estrutura razoavelmente bem estabelecida”, estava sendo fundada em

1953, momento que assinala uma reorganização do seu espaço urbano. O tempo que se inaugurava, e que ainda permanece para os entrevistados, será percebido como um tempo de expansão física e populacional da cidade.

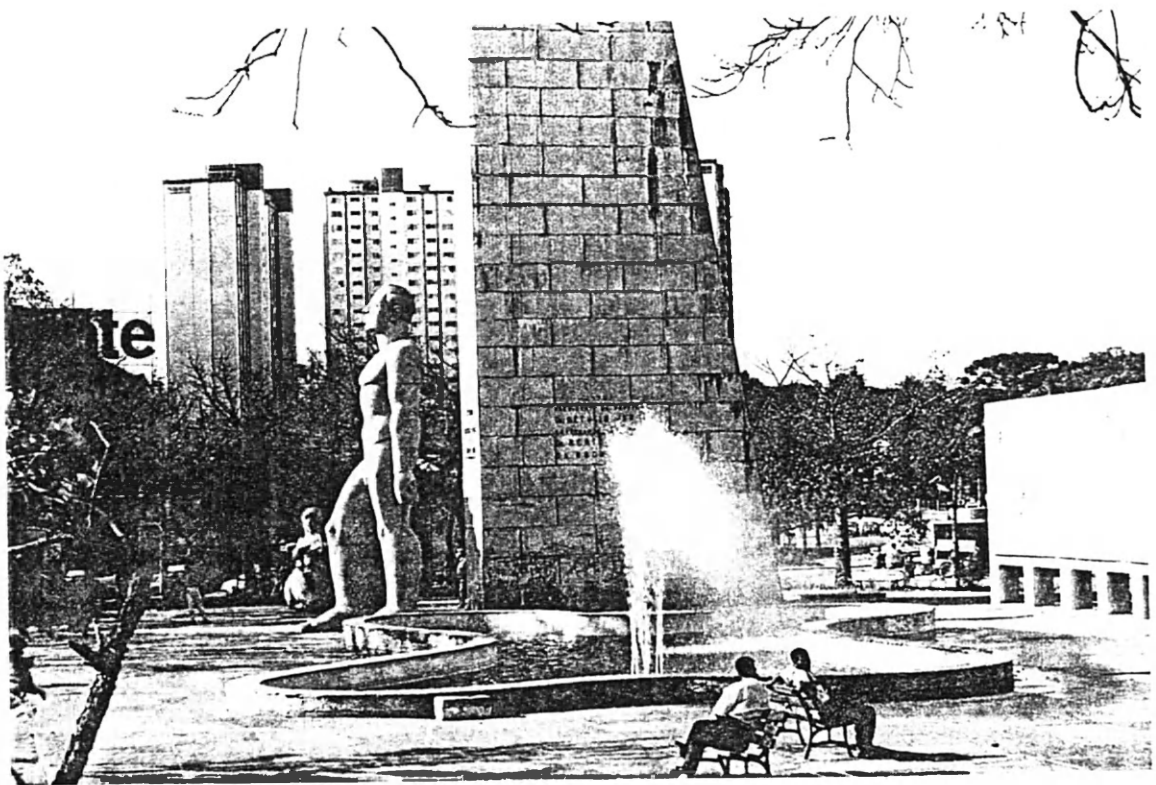


FOTO 3: Praça Dezenove de Dezembro. [...] morei lá durante vinte e cinco anos. Ali, naquela praça. - Depoimento 09.

## ERA UMA OUTRA CIDADE

Ontem e hoje são as temporalidades que atribuímos à Curitiba construída a partir dos depoimentos. A cada um dos momentos destacados, vamos encontrar um espaço correspondente. E esses espaços são apresentados por intermédio de diversos elementos que os constituíam. Inicialmente, fazemos menção a um deles, o qual permitia aos entrevistados perceberem a **Curitiba de ontem** como *uma outra cidade*.

A expressão - **Curitiba era uma outra cidade** - fora utilizada para se fazer referência à chegada, e presença, de uma nova população à cidade, a partir dos anos 60. Em parte, mas não exclusivamente, a identificação dessa população, ocupando as ruas de Curitiba, propunha a construção de uma nova percepção do espaço urbano que estava sendo produzido. Essa percepção transitava por dois momentos distintos da cidade: quando ela era habitada por *paranaenses, simplesmente paranaenses*, e, depois, quando ela *simplesmente, explodiu*.<sup>36</sup>

Porém, os depoimentos também manifestavam que a “outra cidade” fora aquela na qual o progresso estivera ausente. Um progresso, em parte desejado e, depois, temido. A paisagem que Curitiba começava a exibir - grandes prédios, um tráfego veloz e contínuo de veículos particulares e coletivos, rostos desconhecidos nas ruas - provocava um certo desconforto em seus antigos habitantes. A

---

<sup>36</sup> Depoimento 11.

conformação espacial que a cidade vinha adquirindo expressava uma (in)certeza: *hoje em dia, toda a parte que você vai, você tem o progresso, não é?*<sup>37</sup>. Afinal, construía-se, ainda, a Capital do Paraná.

Mais do que nunca, a **Curitiba de hoje** representa, para os seus habitantes, uma noção de progresso orientada pela positividade da técnica no ambiente da cidade - incluindo-se aí o planejamento urbano. Entender que o “progresso” invade as ruas de Curitiba e que altera a sua paisagem é o que permite espacializar uma **Curitiba de ontem e uma Curitiba de hoje**.

Tomemos, inicialmente, um depoimento em particular.

*Chegamos e nos instalamos na Vila Guaíra.*<sup>38</sup> *Tempo da Vila Guaíra que era um campo da Vila Guaíra. Tem muita indústria de madeira ali, e ali nós ficamos apenas alguns meses. Eu não poderia precisar exatamente quanto tempo. Mudamos para a rua Nilo Peçanha, no início, que é junto ao Cemitério Municipal e vai até o Bom Retiro. Morei ali um bom tempo, e depois nós mudamos para junto do Grupo Escolar Prieto Martinez, que é onde já começa realmente o bairro do Bom Retiro. Ali moramos uma série de tempo, quando mudamos para uma outra localidade junto dali.*

*Eu só lamento até hoje, que eu não tinha cinco contos de réis para poder comprar uma propriedade que nós contratamos para meus pais cuidarem do plantio. O lugar dava mais ou menos em torno de cinco mil metros quadrados. Ali meus pais voltaram a trabalhar na*

---

<sup>37</sup> Depoimento 13.

<sup>38</sup> O Entrevistado 07, imigrante russo de confissão evangélico-luterana, veio para Curitiba com a sua família em 1937, com 13 anos de idade.

*agricultura. Eu trabalhava nesse trabalho;<sup>39</sup> minhas irmãs estudavam e já pegaram trabalhos em casa residenciais, como ajuda de crianças, trabalho doméstico.*

*Inclusive, o europeu não pode viver sem ter animais próximo a ele. Ali, meu padrasto e mamãe, eles compraram uma série de vacas leiteiras e criamos ali uma certa independência. Tanto que, mais tarde, quando eu casei, em 1950, eu já tinha comprado um terreno na mesma, naquele tempo não havia rua. Hoje, por exemplo, seria na mesma rua, mas já ligado ao bairro do Pilarzinho da época. Hoje, por exemplo, o bairro Pilarzinho não é mais ali, o bairro Pilarzinho fica bem retirado, na Cruz do Pilarzinho, e o bairro Bom Retiro tomou conta dessa área toda. Então, nessa casa que eu comprei, e depois construí uma casa de material, estou morando até hoje, fica na rua Henrique Itiberê da Cunha.*

A leitura desses trechos do depoimento permite conhecermos um pouco da situação social do Entrevistado 07 nos primeiros anos de sua vida em Curitiba. Ao mesmo tempo, temos acesso a uma descrição aproximada da região norte da cidade, a qual, nos anos 40, não se prolongava muito além do Cemitério Municipal. Percebe-se que, adiante do bairro do Bom Retiro, a descrição nos apresenta um quadro que evoca imagens de um ambiente rural, não urbanizado: ausência de arruamento e terrenos para a criação de animais e para o plantio.

Em outro trecho de seu depoimento, o mesmo Entrevistado deixa entrever os arredores da Vila Guaíra, quando ela ainda era um "campo", local onde se concentravam diversas serrarias que exploravam a madeira ainda ali existente e a madeira trazida de outras regiões do Paraná que, então, estavam sendo ocupadas.

---

<sup>39</sup> Na época, o Entrevistado trabalhava em uma ferraria. Logo em seguida, passou para um emprego em uma casa comercial no centro da cidade.

*Quando eu cheguei em Curitiba, na Vila Guaíra devia ter perto de 10 serrarias. Tenho a viva lembrança ainda de pinheiros que precisavam de dois homens para abraçar o pinheiro, tal o pinheiral que existia. [...] Quem conheceu a Marechal Floriano, ela terminava na altura do Asilo; dali para frente não tinha nada. Quem queria ir para São José dos Pinhais tinha que ir, bem antigamente, via Umbará - não sei se o senhor conhece Umbará, o senhor vai por Pinheirinho, do Pinheirinho o senhor atravessa a BR, tem que dar a volta por lá - porque no período de chuva, alagava de tal forma, Vila Hauer, Boqueirão, que não tinha passagem. Posteriormente, foi aberto via o antigo Hipódromo, hoje é o Guabirota, dali cortou-se a estrada e deu para ir até São José, com as pontes que foram criadas.*

Nesta descrição, temos uma visão do que seriam os limites de Curitiba em sua extremidade sul e para o sudoeste. O Asilo localizava-se próximo do antigo Hipódromo (Prado Velho), onde hoje está instalada a Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E a Vila Guaíra ficava mais adiante, a sudoeste, antes dos atuais bairros de Vila Hauer e Boqueirão. Acompanhando ainda esse depoimento, podemos esboçar um plano geral da extensão da **Curitiba de ontem**.<sup>40</sup>

*Como eu falei, eu cheguei em Curitiba em 1937. Como eu gostava muito de andar de bicicleta, eu conheci Curitiba com bastante facilidade.<sup>41</sup> Claro que está muito longe do que é Curitiba hoje. [...] Eu conheci no tempo do bonde, que era o transporte público, era o único que existia com linha. Extensão, por exemplo, na parte norte, até o Cemitério Municipal, terminava ali. Ia*

---

<sup>40</sup> Apresentamos, adiante, um diagrama que esboça o espaço no qual os entrevistados de deslocavam. Ver p. 120.

<sup>41</sup> O Entrevistado chegou a participar de competições aqui em Curitiba e, depois de casado, assumiu encargos administrativos junto à Federação de Ciclismo. *No entanto, hoje, eu estou agora com setenta anos, e eu ando normalmente de bicicleta. Meu hobby é - tendo tempo e o tempo ajudando - fazer percursos. Não mais como naquele tempo, que a gente fazia percursos de até 120 quilômetros, 180 quilômetros por dia. Hoje, são 40, 50, 60 quilômetros. Já me considero feliz de estar podendo fazer isso.*

*até o Portão, Novo Mundo, como ia até o Bacacheri, Juvevê, Bacacheri. O centro era a praça Tiradentes. Tinha a estação de bondes. Onde hoje, na praça Tiradentes, está a Casa Feres. Aquele comércio que existe ali, era a estação de bondes.*

O trecho acima apresenta um elemento constante nas descrições da **Curitiba de ontem**. É praticamente impossível separar, nos depoimentos, a cidade daquele tempo e o **bonde**.<sup>42</sup> Os bondes integravam-se à paisagem da cidade, suas linhas cortavam Curitiba de norte a sul e de leste a oeste. Pode-se afirmar que a **Curitiba de ontem só se estendia onde tinha a linha do bonde**, pois

*Curitiba cresceu dentro dos limites do bonde. Eu sou da época que tinha o bonde. O bonde é que determinava. O bonde, normalmente, não cruzava linha de trem, nem rio, então ele ia até o Seminário, até o rio Barigüi. No Bacacheri, aqui, ele só ia até a linha do trem, chamava-se Colônia Argelina. No bairro do Portão, ele ia até a linha do trem também. Único lugar que eu acho que ele cruzava a linha do trem, ele ia até o Prado Velho, onde é a PUC hoje; até onde a rua da PUC cruza com a BR, ia só até ali.*<sup>43</sup>

Não é difícil imaginar os bondes subindo lentamente a avenida João Gualberto em direção ao Bacacheri. Quando chegavam no Juvevê permitiam que os passageiros enxergassem, de um lado, a mancha urbana, e de outro, o mato de Santa Cândida.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> Os bondes elétricos circularam em Curitiba até o início da década de 50.

<sup>43</sup> Depoimento 01.

<sup>44</sup> Primeiro limite de Curitiba, nesses lados, foi a Ubaldino do Amaral. Depois da Ubaldino não era mais, era campo tudo. Depoimento 01.



*A cidade, quando cheguei aqui, já tinha muitas ruas pavimentadas com paralelepípedos e um dos meios de transporte, na época, em 1936, quando vim para cá, era servida por bondes, bondes elétricos. As linhas, uma que vinha até o Cemitério Municipal e ia até a Marechal Floriano, lá no fim da Marechal Floriano, no Asilo, que se chamava naquele tempo, o Asilo. E outra, no sentido leste-oeste, que vinha Seminário, Batel, ia até o Bacacheri, passando pelo Juvevê, que era a mais longa. Tinha, na linha do Bacacheri, tinha os bondinhos elétricos, mas abertos. Gemiam e rangiam para subir a rua João Gualberto. Os outros eram bondes fechados, por causa do frio. Parece que, esses fechados, tinham comprado no Canadá.*<sup>45</sup>

A linha leste-oeste passava próxima ao Passeio Público e seguia em direção ao Batel, o bairro dos “grã-finos”. Nas imediações do Batel, brincava-se no morro do Hospital Militar.<sup>46</sup> Mais adiante, ficavam o Seminário e o Portão. Este último, um bairro que era reconhecido como o que apresentava, na época, maior independência de vida comercial em relação ao centro da cidade: *Quem morasse no Portão, morava noutra cidade.*<sup>47</sup>

O bairro do Bacacheri, na extremidade leste dessa linha, próximo à Base Aérea, era bastante freqüentado por aqueles que procuravam algum tipo de lazer. Além do famoso tanque do Bacacheri,<sup>48</sup> praticava-se esportes na quadra da Base

---

<sup>45</sup> Depoimento 12.

<sup>46</sup> O Hospital já tinha, só que não tinha, ruas nem casas. Era um morro, um local acidentado. [...] que ali era um campo aberto, em frente o Hospital Militar era amplo. Depoimento 13.

<sup>47</sup> Depoimento 03.

<sup>48</sup> Ia até Santa Felicidade, muitas vezes de bicicleta, tomar banho naquele riozinho do Cascatinha. [...] Tanque do Bacacheri, Cascatinha, Barigüi, aqui onde é hoje em dia o Parque do Barigüi, a gente ia muito ali, quando era garotão. Depoimento 13.

Aérea,<sup>49</sup> e desfrutava-se da piscina da Sociedade Duque de Caxias e das instalações do Clube Rio Branco.

À extensão das linhas correspondia a extensão da cidade, embora outras referências também assinalassem os limites de Curitiba. Na direção noroeste, encontrava-se o bairro do Bigorriho, *um bairro tipicamente polonês*,<sup>50</sup> de onde desciam carrocinhas com produtos hortigranjeiros para abastecer as residências do centro da cidade. Um pouco mais acima, a colônia italiana de Santa Felicidade. *Era longe, Santa Felicidade não era perto. Naquela época, uns trinta anos atrás, acho que não tinha [calçamento], ou era de paralelepípedo, tinha um calçamento. Me lembro pela Manoel Ribas, mas acho que ali era paralelepípedo, era estrada de paralelepípedo*, recorda a Entrevistada 03.

O reconhecimento de um espacialidade da **Curitiba de ontem** também se manifesta por intermédio de suas ruas centrais. Embora se possa reconhecer uma relativa extensão para a cidade daquele tempo, deve-se considerar a afirmação do Entrevistado 01: *Curitiba terminava bem próxima do centro*. Ou seja, ele se utilizava da presença de ruas pavimentadas como demarcadoras do espaço urbanizado: *É que*

---

<sup>49</sup> *A gente ia muito à Base Aérea jogar, no Bacacheri. A gente ia muito para lá porque a gente ia treinar lá, fazia jogos ali.* Depoimento 05.

<sup>50</sup> *Meu filho ia catar formiga lá no Bigorriho, que era mato, era matagal, não tinha nada.* Depoimento 03.

*Curitiba era pouco pavimentada. Até cinqüenta e poucos, poucas ruas eram pavimentadas. Quer dizer, as que eram, era tudo pedra. Então, a rua Inácio Lustosa ia até um pedaço ali, até 50, ia até a rua Portugal, dali para cima não tinha, era barro. Isto, a poucas quadras de distância da praça Dezenove de Dezembro.*

### **Tudo está no centro**

Embora fossem reconhecidos e nominados alguns bairros existentes na **Curitiba de ontem**, a distinção entre centro e bairros não fica explícita nos depoimentos. Tanto mais que era uso corrente dizer-se que **todo mundo** morava no centro. Essa expressão faz alusão a um espaço concebido como concentrado e homogeneizado. Ou seja, ao se pretender localizar os entrevistados no espaço daquela “outra cidade”, vamos perceber que todos e que “tudo está no centro”, isto é, nos arredores da praça Tiradentes e da rua XV de Novembro.

Apenas o Entrevistado 07, reconhecidamente, residiu em locais considerados como fora da área central da cidade. Todos os outros fixaram suas residências no centro de Curitiba, ou em áreas contíguas a ele. Nesse caso, locais que, à época, eram identificados como pertencentes à área urbanizada da cidade.

Para compreendermos o que significava morar no centro, para os habitantes da **Curitiba de ontem**, recorreremos a um depoimento que, contraditoriamente, só nos oferece uma visão sobre a **Curitiba de hoje**.

Em 1968, a Entrevistada 02 chegou em Curitiba buscando *uma vida melhor*. Deixava para trás o ambiente de uma pequena cidade do centro-oeste paranaense, Peabirú. Em seu depoimento, a Entrevistada procurava demonstrar como, na busca de “um mundo melhor”, pode transformar seus sonhos em realidade. E para ela, a cidade que esperava encontrar e que efetivamente encontrou, ofereceu as possibilidades de suas realizações. A cidade é, para ela, fundamentalmente, campo de trabalho. Todavia, a imagem da cidade que ela constrói em torno de si assenta-se na importância que ela confere **ao centro**.

*Bom, quando a gente veio para cá, a gente veio pensando em mudar de vida.<sup>51</sup> Totalmente, fazer uma mudança de trezentos e noventa graus (sic). Por isso o centro, e por isso a capital. Nós queríamos viver numa outra dimensão. A cidade pequena já tinha nos dado o que podia. Nós já éramos grandes para a cidade pequena. Já tinha me casado, já tinha descasado. Já lecionava em todas as escolas, estava bem de vida. [...] O centro, para nós, foi importante. [...] eu acho que o centro é o ideal. Além de ele nos deixar ligado a tudo ele nos deixa mais ligado. E a gente, realmente, está aqui. Quer um pão é ali, quer um banco é ali. Tudo está no centro.*

O centro é o espaço onde, além de moradia, encontra-se tudo aquilo que se deseja; tal como se espera da cidade em que se vive. A imagem que a Entrevistada constrói para o centro da cidade é contraposta à imagem que ela faz dos bairros: *Não tem porque a gente morar no bairro. [...] para morar no bairro seria quase que uma volta às origens. Cada vez que eu estou num bairro, eu tenho a impressão que estou numa cidade*

---

<sup>51</sup> A Entrevistada veio para Curitiba com os pais, duas irmãs e o filho pequeno.

*pequena*. Para ela, centro e bairros são realidades que se opõem, como a cidade grande e a “cidade pequena” de sua origem. Não é o momento inscrito nas declarações da Entrevistada 02 que deve nos interessar aqui; o importante é retermos o mecanismo que ela utiliza na identificação e distinção dos espaços da cidade. O que a particularidade desse depoimento nos oferece é entender que a percepção da transformação espacial de Curitiba processa-se por intermédio do reconhecimento de uma crescente diferenciação de seus espaços. O que caracteriza a cidade grande - “a capital” - é a presença dos bairros e de um centro.<sup>52</sup>

Assim, um dos elementos mais importantes para compreendermos o fenômeno da expansão de Curitiba, é a importância da área central da cidade para a vida social dos *curitibanos*. O *centro* significa a “rua XV”. Na rua XV de Novembro, concentravam-se quase todas as atividades presentes na *Curitiba de ontem*.<sup>53</sup>

A experiência urbana daquela época era vivida nas poucas quadras que compreendem “a rua XV”.<sup>54</sup> Nesse sentido, a percepção que os entrevistados fazem

---

<sup>52</sup> Como dizia a Entrevistada 02, [...] *a gente sempre viveu no interior e era tudo tão diminuto, tão pequeno, e a gente morava no centro também, bem no centro*. [...]. Mas, no centro de uma cidade onde morre um, a cidade inteira vai!

<sup>53</sup> Quase, porque devemos considerar a existência de uma periferia ocupada, principalmente, por imigrantes europeus, que produziam gêneros alimentícios para o consumo da população curitibana. Como é o caso da colônia, hoje bairro, de Santa Felicidade, por exemplo.

<sup>54</sup> A rua XV de Novembro, para os entrevistados, compreende o trecho entre a praça Osório e a rua Barão do Rio Branco. Esta delimitação inclui na “rua XV” a quadra que corresponde à avenida Luiz Xavier, situada entre a praça Osório e a rua Ébano Pereira. Esta quadra era chamada de “Cinelândia”, dada a concentração de salas de cinema no local.

da transformação do centro da cidade só adquire legibilidade quando se leva em conta a própria dinâmica de suas vidas pessoais.

Se o significado do centro pode ser o de um lugar onde *as coisas acontecem, que as coisas estão*, como declarava a Entrevistada 02, a imagem que se tem da **Curitiba de ontem** pode ser expressa da seguinte forma: [...] *no Rio de Janeiro, quando eu era menina, eu falava assim: vamos para a cidade, era o centro. Curitiba, quando eu cheguei aqui, eu não achei assim. Tudo fazia parte, não existia um centro. Agora, com o tempo, que os bairros ficaram mais populosos, que a minha cabeça conseguiu dividir bairro e centro. Quando eu cheguei aqui, era tudo uma coisa só.*<sup>55</sup>

A relação da Entrevistada 03 com Curitiba apresenta algumas particularidades: em várias ocasiões, foi residir em outras cidades; porém, por períodos intermitentes. Em suas diversas saídas e retornos, seus locais de moradia sempre estiveram próximos ao centro, até que, no início dos anos 70, fixou-se no bairro da Água Verde.

*Hoje em dia, faço compra no Portão, que é bem mais fácil. Saio do serviço, vou no Portão, tem tudo também. [...] Então, eu fico muito aqui pelo bairro. Minha vida ficou no bairro. Eu vou pouco para o centro. Não tem muita necessidade de ir para o centro, não é necessário. Antigamente, era uma necessidade, porque tudo estava concentrado lá. [...] Nesse sentido, aquela necessidade de ir para o centro, anos atrás, eu não tenho mais. Minha vida ficou mais aqui no bairro. Eu tenho preguiça até de ir para outro bairro, aqui eu sei tudo onde está.*

---

<sup>55</sup> Depoimento 03.

A imagem do centro como aglutinador da vida curitibana até os anos 50/60 não é exclusiva deste ou daquele entrevistado, bem como a percepção de que, hoje, Curitiba ganhou novos contornos e uma nova vida. O surgimento de novos bairros e, mesmo, a presença de um comércio neutraliza a antiga dependência ao centro da cidade. “As coisas”, hoje, estão em, praticamente, toda a cidade.

*A cidade, claro, também foi sofrendo toda uma reestruturação urbanística, em termos de expansão de bairros. Hoje, eu passo, me surpreendo, por bairros que eu passo algum tempo sem visitar. Vou lá e faço um paralelo. Me lembro, alguns anos atrás, quando eu passava eram áreas completamente despovoadas, sem ninguém, uma povoação escassa, rala, casas de madeira, estilo antigo, e que hoje, de repente, se tornaram bairros residenciais, ativos, dinâmicos, com muitas novas construções, muitos prédios também.*<sup>56</sup>

Muito embora se considere a existência de bairros em Curitiba, tanto ontem como hoje, a distinção que se faz entre bairros e centro não é propriamente declarada. Os bairros, em sua maioria, são desconhecidos pelos entrevistados, talvez, porque eles nunca tenham, de fato, se afastado do centro.

Assim, se por um lado, a Entrevistada 03 declarava que sua vida *ficou no bairro*, por outro, a Entrevistada 05, morando há pouco tempo no bairro do Guabirota, afirma que *eu não saio do centro da cidade, eu vivo no centro da cidade*, exprimindo que a sua vida ainda está determinada pelas atividades antes realizadas na área central da cidade. **Viver no centro** significa, portanto, estabelecer uma

---

<sup>56</sup> Depoimento 06.

continuidade das relações antes estabelecidas. Como diz o Entrevistado 06, *eu estou razoavelmente perto do centro, perto do meu local de trabalho. Apenas a dez quadras do local de trabalho, isso desde 1969.*

A dinâmica espacial também é apreendida pela Entrevistada 10, que, nos anos 1950, algum tempo depois de casada, foi residir em um local, na época, relativamente afastado. Hoje, morando no Juvevê, avalia

*Depois, quando casamos, que o [marido] construiu essa casa lá na continuação da Carlos de Carvalho. Naquele tempo, era barro, não tinha nada. Passando a, como é aquela rua, a Francisco Rocha. Agora é centro, não é? Naquele tempo, era longe. Tanto que nós vendemos mais a casa por causa do barro e tudo, porque era longe a casa. Logo, passando a Francisco Rocha, aquela casa ali.*

Mas, o Juvevê também já fora considerado um local afastado do centro. Quando a Entrevistada 09 foi residir, em 1955, na rua Almirante Tamandaré, ouvia das amigas *que eu era louca de morar aqui. Isso era um barro só, achavam que era longe, porque a gente sempre morou no centro.*

Se, antes, “era tudo uma coisa só”, hoje, até os bairros podem ser pensados como uma “outra cidade”. *Eu acho o Juvevê uma distância. Tudo diferente, é outra cidade. Raramente vou lá, minha vida se resume à Água Verde e Vila Isabel. [...] Minha vida é mais bairro mesmo, fico mais por aqui.*<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> Depoimento 03.



Nesse sentido, para a **Curitiba de ontem**, além do sentimento de se estar morando no centro, entendia-se que o *comércio se restringia à rua XV. Então, tudo o que você fazia, a não ser pão, carne, que era em volta da tua casa, todo o resto era sempre na rua XV. Não tinha assim, naquela época, como você tem agora, comércio nos bairros. Todo bairro tem. Naquela época, não, era restrito na rua XV.*<sup>58</sup>

Assim, o contraste entre bairros e centro permite perceber que os primeiros passam a ser reconhecidos como espaços que reproduzem a vida antes atribuída ao centro da cidade. E, por outro lado, hoje, os antigos limites estão assimilados como áreas internas; ou, na feliz imagem construída pela Entrevistada 03, *de repente, o Portão ficou dentro da cidade.*

### **Nossa cidade, felizmente, está mais ou menos planejada**

Para a **Curitiba de hoje**, sua expansão física pode também ser relacionada às ações dos prefeitos no ordenamento do seu crescimento, como é o caso da criação do bairro Jardim das Américas:

*Em 62/63 é que teve o Centro Politécnico, do lado da BR [-116]. Existia uma fase de firmas, surgiu uma firma chamada SAIC (?), uma coisa assim, que fez o Jardim das Américas. Primeiro, foi o Jardim Santa Bárbara, depois foi o Jardim das Américas. Então, a avenida*

---

<sup>58</sup> Depoimento 03.

*Centenário foi asfaltada quase toda na época. [...] Depois, posteriormente, foi feito aquele viaduto grande lá. Curitiba, primeiro cresceu para aquele lado, certo? Foi uma fase.*<sup>59</sup>

As diferentes “fases” que Curitiba parece expor para os seus habitantes é o que permite perceber a dinâmica da expansão da área urbanizada da cidade, que significa uma crescente independência dos bairros e o paulatino desaparecimento do centro como elemento aglutinador da vida da cidade.

A nova cidade que os entrevistados vêem surgir assume as feições de uma cidade que se apresenta como possuidora de um “desenvolvimento racional, um desenvolvimento correto”. Entretanto, a **Curitiba de hoje** também significa perda: *realmente, o aspecto urbanístico da cidade mudou sensivelmente ao longo desses quarenta anos, como não podia deixar de ser. Mas, de outra parte, também, aquele ar bucólico que existia na cidade, aquele ar de calma: a rua XV aberta para automóveis, esses automóveis passando lentamente por ali, tudo isso desapareceu.*<sup>60</sup>

O “ar bucólico” e a morosidade do trânsito eram algumas das características da **Curitiba de ontem**. Em outros termos, a cidade estava sendo readequada às necessidades ditadas pelo novo ritmo que ela adquire. Um ritmo que é, em parte, percebido no transitar de pessoas pelas ruas, mas que ganha destaque pela crescente

---

<sup>59</sup> Depoimento 01.

<sup>60</sup> Depoimento 06.

presença de largas e intermináveis avenidas que ligam os pontos extremos da cidade, e que são percorridas, céleres, pelos veículos.

As ruas, antes macadamizadas e que recebiam em seus leitos os trilhos dos bondes, estão agora quase que totalmente asfaltadas. O asfalto substituiu os paralelepípedos e o chão de terra da infância da Entrevistada 05, na avenida Iguaçu, próximo ao centro.

As alterações no “aspecto urbanístico” da cidade são melhor compreendidas quando colocadas em relação ao conjunto de ações e de obras realizadas pelos poderes públicos desde os anos 50. A dinâmica das transformações urbanas de Curitiba vincula-se às presenças e às ações daquelas pessoas identificadas como os responsáveis pelo desenvolvimento “racional” de Curitiba após os anos 50. *A partir dos prefeitos, Curitiba começou a evoluir, quer dizer, a partir do governo. O governador Bento, acho que foi eleito em 50, ele resolveu modificar Curitiba. [...] Depois, à medida que foram entrando os prefeitos todos, cada um teve a sua fase*<sup>61</sup>.

Não devemos desconhecer a presença dos poderes públicos, intervindo e alterando a fisionomia da cidade, em outras ocasiões. Todavia, trabalhamos com a percepção que os entrevistados fazem dessa presença, o que só se verifica a partir do momento em que propõem a formação da **Curitiba de hoje**. Nesta perspectiva, o principal nome vinculado ao início da transformação física de Curitiba é o do então

---

<sup>61</sup> Depoimento 01.

governador do Estado, Bento Munhoz da Rocha Neto<sup>62</sup>. Na mesma ordem de importância, na década seguinte, o nome destacado é Ivo Arzua Pereira<sup>63</sup>, que vai marcar a presença e a ação dos prefeitos municipais nas alterações desencadeadas no espaço urbano de Curitiba.<sup>64</sup>

Nesse sentido, a Curitiba de hoje está, em grande parte, assentada na transformação urbana decorrente das ações promovidas pelos seus administradores públicos: governador e prefeitos. O produto de suas ações é reconhecido como o espaço do novo tempo de Curitiba. Novo tempo que fora inaugurado, como vimos, por ocasião das comemorações do Centenário da Emancipação Política do Paraná.

Uma série de obras executadas pelo Governo do Estado, em Curitiba, marcaram aquelas comemorações:

*Em 53, foi feito o Colégio Militar e o Hipódromo do Tarumã, o Ginásio de Esportes ficou. Quer dizer, não é que foi feito o Colégio Militar, ali foi feita a exposição do Centenário. Todos aqueles pavilhões foram feitos para a exposição, depois foi transformado em Colégio Militar. Quer dizer, como obras do Centenário ainda tem o Hipódromo do Tarumã e a feira que virou Colégio. O Ginásio de Esportes ficou só na estrutura, depois foi completado.<sup>65</sup>*

---

<sup>62</sup> Governador eleito do Estado do Paraná no período de 1951 a 1955.

<sup>63</sup> Ivo Arzua Pereira foi eleito prefeito de Curitiba e exerceu mandato entre 1962 e 1966; em seguida, foi indicado e continuou no cargo até o início de 1967.

<sup>64</sup> Além destes dois nomes, outros políticos vão ser mencionados, embora não com o mesmo destaque. Essas pessoas públicas constituem-se em referências à transformação urbana de Curitiba, participando das tramas de alguns dos depoimentos. Este entendimento permite contextualizar as trajetórias de vida e relacioná-las às ações daqueles políticos.

<sup>65</sup> Depoimento 01.

Para que a população de Curitiba pudesse chegar até os pavilhões onde fora montada a Exposição do Centenário, e celebrar o desenvolvimento (ou, o “progresso”) do Estado do Paraná, foi aberta a avenida Victor Ferreira do Amaral até o seu encontro com a rodovia BR-116 (então, BR-2): *Daqui, ainda me lembro bem quando foi formada a avenida que vai para Piraquara, onde está o Tarumã. Foi aberta aquela avenida em 1953. [...] Foi o dia que eu pude apreciar uma multidão que se dirigiu à Feira, incalculável. Coisa que a gente, como jovem ainda, não podia imaginar de tanta gente*<sup>66</sup>. Aquele momento, e as obras então inauguradas, ou em construção, marcavam o início da nova Curitiba, reconhecida como presente até os dias de hoje.

O tempo **inaugurado** pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto teria a sua continuidade assegurada pelas ações dos prefeitos municipais.

*Na época [1953], o Ney Braga era chefe de polícia, depois ele entrou como prefeito. A obra principal dele foi o Mercado Municipal onde está hoje. Depois entrou o Iberê de Matos. Era uma figura que, era do PTB, ele foi eleito com uma votação espetacular, derrotou o Ney Braga. Prometia o metrô da Marechal Floriano, que, na verdade, era para ser um elevador. Ele não fez nada, só fez bobagem. Ele era militar, era ferroviário, eu sei que ele era tudo, mas não fez nada.*<sup>67</sup>

Embora algumas pessoas manifestem seu desgosto com a gestão de alguns prefeitos, detecta-se, em contrapartida, a apreensão de que a reestruturação urbana

---

<sup>66</sup> Depoimento 07.

<sup>67</sup> Depoimento 01.

de Curitiba foi um processo marcado pela continuidade: *A cidade ficou mais bonita. Graças a Deus, tivemos ótimos prefeitos.* - diz a Entrevistada 09 - *Desde Iberê de Matos, Ivo Arzua, todos, um foi continuando o plano do outro e está dando certo a nossa cidade.* Essa concatenação de ações é atribuída à existência de um plano urbanístico para Curitiba que, aos poucos, estaria sendo implementado: o Plano Agache<sup>68</sup>.

Para a **Curitiba de hoje**, poderíamos considerar que o *Plano Agache* estruturou a cidade. Tanto que nós não temos aquele emaranhado de ruas sem saída como muitas cidades têm. Nossa cidade, felizmente, está mais ou menos planejada<sup>69</sup>. Obviamente, relativizamos tal afirmação. Contudo, é lícito pensarmos que as ações urbanísticas, desencadeadas desde o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto, estivessem orientadas por princípios contidos naquele Plano. Ao menos, a construção do Centro Cívico decorre daquele plano urbanístico, e, depois, algumas das obras realizadas na gestão de Ivo Arzua Pereira.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> O Plano Agache foi um plano urbanístico contratado pela Prefeitura Municipal de Curitiba em 1943, junto à firma Coimbra Bueno & Cia. Ltda., desenvolvido com a supervisão do urbanista francês Alfred Agache.

<sup>69</sup> Depoimento 07.

<sup>70</sup> É necessário informar que, ao final da gestão de Ivo Arzua Pereira, Curitiba ganha o embrião do que viria a ser o seu Plano Diretor atual. Em 1964, a firma Sociedade Serete de Estudos e Projetos Ltda. apresenta o Plano Preliminar de Urbanismo, que depois se constitui no Plano Diretor aprovado em julho de 1966. Um dos objetivos do novo plano era o de rever o Plano Agache.

O governador Bento Munhoz e o prefeito Ivo Arzua, embora não tenham exercido seus mandatos concomitantemente, são lembrados como se estabelecessem uma relação de complementaridade: o segundo cumprindo o papel de continuador das intervenções urbanas do primeiro. A gestão de Ivo Arzua já foi mencionada, quando o Entrevistado 07 se referia às obras de saneamento da região da Vila Guaíra, Vila Hauer e Boqueirão, na saída para São José dos Pinhais. Entretanto, o centro de Curitiba também recebeu a atenção daquele prefeito: *O Ivo Arzua fez a Kennedy e a Marechal Deodoro, que era uma rua que tinha trilho de bonde e era bem estreitinha. Na Marechal Deodoro tinha umas coisas velhas, umas casas velhas. Ele reformou meio na marra. Fez a Kennedy, fez a praça 29 de Março*<sup>71</sup>. E, ainda, Curitiba, até os anos 60, eram vielas que nós tínhamos. A própria rua XV era uma rua estreita, com tráfego nas duas mãos, que hoje não existe mais. Mesmo na época em que ela foi alargada e existia o trânsito na rua XV, ela era uma única mão, exatamente pelo crescimento do número de veículos.<sup>72</sup>

A principal novidade que a presença desses políticos, os agentes das transformações urbanas de Curitiba, trazem à percepção dos habitantes da cidade, é a existência de um conhecimento técnico gerindo as ações que estruturavam o tecido

---

<sup>71</sup> Depoimento 01.

<sup>72</sup> Depoimento 11.

urbano da Curitiba de hoje.<sup>73</sup> *Era um, essa profissão que o Lerner exerce, como é? (URBANISTA.). Era um urbanista francês que veio a Curitiba, a convite de um prefeito da época, [...], para fazer um plano para Curitiba.*<sup>74</sup>

## **É a expansão da cidade**

As principais características que a expansão da cidade apresenta estão relacionadas a sua dinâmica populacional e às ações urbanísticas que visavam solucionar os problemas urbanos daí decorrentes. A população atual representa cerca de dez vezes o número de habitantes existente em 1950, e essas pessoas não se distribuíram em proporções iguais pelo espaço da cidade. Uma das evidências do forte adensamento populacional está no crescimento vertical de Curitiba.

Para tanto, considera-se alguns dos comentários do Entrevistado 01, engenheiro de formação e que trabalhou no ramo da construção civil. Ou seja, sua opinião orienta-se desde um conhecimento da legislação que ordenava o crescimento da cidade; conhecimento necessário ao desempenho de suas atividades profissionais.

---

<sup>73</sup> Embora alguns entrevistados entendam que a aparência da cidade manifeste um crescimento desordenado, fica patente a percepção da presença de uma organização de seus espaços, principalmente no âmbito do sistema viário. Entre outros, o Depoimento 11 apresenta essa visão contraditória: de um lado a dinâmica populacional provoca um crescimento “desordenado”, e de outro os prefeitos deram um “desenvolvimento racional” para Curitiba, “que é a melhor cidade do Brasil”.

<sup>74</sup> Depoimento 11.



*Em 75, outubro de 75, é que surgiu a nova lei de zoneamento de Curitiba, que criou as estruturais. Essa foi uma lei, quer dizer, já tinha sido iniciado esse plano, o Saul Raiz foi quem assinou a lei. Então, esses setores estruturais, que são as vias rápidas, as caualetas dos expressos, sul-norte. [...] Isso é baseado na lei de 75. Curitiba, a partir de 75, teve criadas as estruturais, e nesse sistema só podia construir nessas ruas, os prédios.*<sup>75</sup>

Porém, se quiséssemos fugir do jargão técnico, que identifica a criação de “vias estruturais” e o zoneamento da cidade como ordenadores da verticalização de Curitiba, poderíamos contar com opiniões mais próximas do senso comum, orientadas pela sensação que os altos prédios residenciais e comerciais provocavam nos habitantes da cidade.

*Porque, você veja uma coisa, a parte de urbanização, como é que se diz, ecológica, está muito mais bem cuidada, hoje. Isso agrada a gente. Curitiba sempre foi uma cidade muito bonita, na parte das flores, de jardins, de tudo, e eles expandiram mais isso, houve maior expansão. E do outro lado, uma coisa que eu não gosto de Curitiba, são essas muralhas de pedra que nós temos agora. Porque lá onde eu morava, na Sete de Setembro, eram todas casas com jardins. Hoje, você passa ali, parece que está emparedado. O único lugar que se salvou é em frente onde era a minha casa, que tem a praça do Japão. Ali você tem uma visão mais ampla, porque o resto, tudo, é uma muralha. É um prédio junto do outro. São prédios enormes, umas coisas assim meio ameaçadoras, até.*<sup>76</sup>

A imagem mais reveladora dessa sensação ameaçadora é construída pela Entrevistada 05, hoje em dia, é uma selva de pedra. Embora repetindo uma expressão

---

<sup>75</sup> O Entrevistado faz referência à legislação e ao Plano Diretor de Curitiba, vigentes depois de 1966.

<sup>76</sup> Depoimento 08.

costumeira, seu sentido ganha importância na medida em que a “selva” em que se transformou a **Curitiba de hoje** é contraposta a uma “outra cidade”, marcada pela presença de casas residenciais “lindíssimas”, com “jardins maravilhosos”.

*Para te dar uma idéia. Já num estágio mais avançado, quando comprei esse apartamento, ele está situado no Bigorriho, do lado do campo do Juventus, você avistava toda, tinha toda a visão da Serra do Mar. Em qualquer das janelas você tinha a visão da Serra do Mar. Hoje, isso faz o que, 22 anos, você não consegue mais ver a Serra. Esta pirâmide de pedra que tem hoje em Curitiba, essa muralha. Você não consegue ver mais nada. Daí que você sente que Curitiba cresceu materialmente, fisicamente.<sup>77</sup>*

*Ou, por exemplo, quando eu mudei [1951], tinham dois prédios altos aqui, Edifício Garcez e um lá na praça Santos Andrade, que eu não lembro o nome do prédio. De repente, você olhava para cima, Curitiba começou a subir. Marcava muito esse tipo de coisa.<sup>78</sup>*

Concomitantemente à verticalização da cidade, à abertura de novas ruas, ao alargamento de algumas já existentes, o “progresso” de Curitiba manifesta-se também pelo crescente número e grande fluxo de veículos automotores nas ruas da cidade.

*A partir da industrialização, no governo Kubitschek, o trânsito, o número de veículos começou a aumentar gradativamente. Curitiba, que era uma cidade boa, gostosa de dirigir, sem problema nenhum, ela foi, gradativamente, se tornando uma cidade insuportável. Hoje, o trânsito em Curitiba é uma coisa meio maluca. Hoje, nós temos, realmente, dificuldade de dirigir em*

---

<sup>77</sup> Depoimento 11.

<sup>78</sup> Depoimento 03.

*Curitiba. Não digo isso apenas, não é problema da idade em si, isso também influi, estou com sessenta e cinco anos, cria problemas. Mas, esse tipo de comentário, da dificuldade, a gente vê no noticiário da imprensa, noticiário da televisão. Mesmo o comentário de gente mais moça. A gente sente que Curitiba, hoje, está se tornando insuportável.*<sup>79</sup>

As novas ruas, agora asfaltadas, permitiam melhores condições para o tráfego dos veículos que a crescente indústria automobilística nacional produzia em substituição aos Citroën, Plymouth, Studebaker e Ford importados.<sup>80</sup> Porém, o trânsito passava a exigir uma nova experiência dos usuários. Mesmo reconhecendo que *Curitiba, no sentido de vias de escoamento de ruas, mais largas, ela evoluiu terrivelmente*, o Entrevistado 11 ressaltava que

*[...] é uma cidade que não tem policiamento, ela é totalmente despolicada. No entanto, anteriormente, nos anos 50, Curitiba era realmente uma cidade policiada. Ela tinha os guardas que fiscalizavam o trânsito, não eram guardas apenas para multar, eram guardas para orientar o trânsito. Hoje, não existe mais. Hoje, não existe guarda orientando o trânsito; hoje, o que a gente nota, sente, vê, é o guarda multando.*

As mudanças no trânsito da cidade provocariam situações de desconforto naqueles usuários que, acostumados ao tráfego da Curitiba de ontem, não conseguiam adaptar-se às novas regulamentações.<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> Depoimento 11.

<sup>80</sup> Agora, já na época de casada [1946], os carros todos eram importados. Depoimento 10.

<sup>81</sup> Contrariamente, o Entrevistado 06 declara que *Curitiba, eu percebo, assim, muito bem sinalizada. [...] De repente, se você toma cuidado em ter atenção às placas verdes, que você vai encontrando pelo caminho, você não tem dificuldade em chegar nos seus destinos. Mas, em*

*Meu roteiro era sempre o mesmo. Nessas partes que eu ia, elas praticamente continuam as mesmas. Eu ia de carro. Depois houve, vamos dizer assim, as ruas passaram a tomar outro sentido, as ruas passaram a pegar sentido único, aí começou a [inaudível] a cabeça. Saía de noite, tinha que pensar como voltar para casa. Tinha a rua do expresso, fechada, não podia entrar em qualquer rua, tinha que analisar como podia vir para casa. Tinha que fazer um roteiro para andar dentro da cidade. Um planejamento para chegar em tal rua. Antes não, você saía de casa, ia virando uma esquina, outra, você podia entrar em qualquer lado que quisesse. Você não pode mais. Aí que a gente começou a sentir que Curitiba começou a crescer demais. E o movimento dos carros, intenso, é impressionante. Os prédios. É a expansão da cidade.*<sup>82</sup>

---

contrapartida, a Entrevistada 05, acostumada aos antigos trajetos, ao deparar-se com a mudança de sentido em uma rua, viveu a inusitada situação de perder-se, *Eu me perdi dentro de Curitiba - exclamava -, há um ano, um ano e meio atrás.*

<sup>82</sup> Depoimento 05.

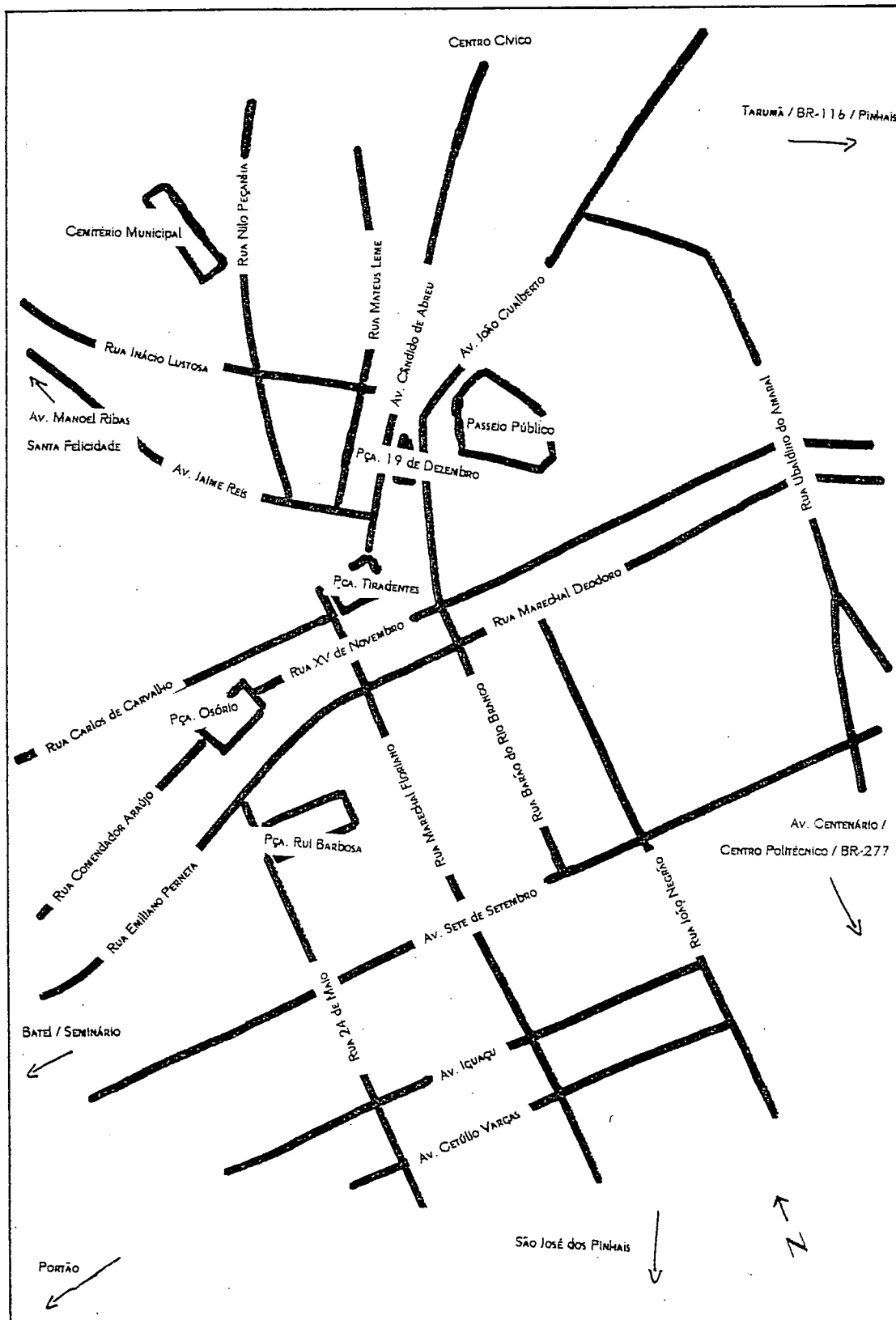


DIAGRAMA: Um esboço com as principais ruas citadas pelos Entrevistados. Curitiba terminava bem próxima do centro. - Depoimento 01.

## A GENTE CONVERSAVA SEMPRE, SE ENCONTRAVA

Até aqui, observamos e destacamos tempos e espaços de Curitiba, percorrendo alguns dos momentos que produziram a cidade que encontramos hoje. Para isso, conhecemos pessoas: alguns habitantes da capital do Estado do Paraná.

Os espaços identificados por intermédio dessas pessoas, além de suas características físicas, estão construídos a partir dos significados que lhes eram atribuídos. Significados relacionados às atividades para as quais os espaços eram **apropriados** - tanto no sentido de serem adequados para, como no de serem apossados por seus usuários e ressignificados. Um mesmo espaço comunicava significados diferentes, conforme a pessoa que a ele se referisse.

Ocupando os espaços, vamos encontrar os “conhecidos” daqueles habitantes, pessoas com as quais mantinham relações pessoais face a face. Nesse sentido, os espaços descritos são lugares, e lugar significa a presença do encontro e de uma relação do espaço com as pessoas. Relação que, aparentemente, vem se dissolvendo quanto mais nos aproximamos da **Curitiba de hoje**.

Construímos duas categorias espaço-temporais que nos permitiram transitar entre as diferentes cidades que os depoimentos descreviam. Ficou demonstrado que, além da presença de referências que se apresentavam externamente às vidas pessoais dos entrevistados, as atividades pertinentes às diferentes fases de suas vidas assinalavam um reconhecimento de diferentes espacialidades e temporalidades da cidade. E, para alcançarmos uma cidade

construída em torno dos “conhecidos”, devemos (re)viver os anos que correspondem à Curitiba de ontem. Assim, estamos adotando a sugestão formulada pela Entrevistada 08: *Bom, a Curitiba antiga, o que foi a Curitiba, era o seguinte: o pessoal se reunia muito na minha casa. Então, tinha um grupo que ia para lá. Se uma pessoa viesse aqui, eu ia fazer conhecer esse grupo, para daí, então, a gente sair.*

Quando os entrevistados falavam de suas vidas em Curitiba, no período que corresponde ao que se designa como de suas juventudes, eles construíam um painel em que ficavam destacadas suas atividades de lazer. Essas atividades estavam concentradas em umas poucas ruas da área central de Curitiba, a ponto de se comentar que a cidade de então assemelhava-se a uma *cidadezinha do interior*<sup>83</sup>.

Por que “cidadezinha do interior”? Afinal, vivia-se na capital, uma “grande e moderna cidade”. Talvez uma opinião mais distanciada traduza o sentido que devemos atribuir àquela expressão. Dizia a Entrevistada 02, justificando a opção em vir morar em Curitiba:

*Também isso, nós éramos três moças, e claro, três moças no cio. E a gente queria namorar, queria dançar, queria passear. No interior, é aquela coisa assim, como eles são muito amigos, eles também cuidam. Era um tal de pai contar para o pai da gente que isso. Então, a gente fica*

---

<sup>83</sup> Depoimento 05.

*muito presa à situação do local. Quanto mais a cidade for pequena, pior é esse tipo de coisa. E aqui, mas foi uma coisa, porque aqui, lá a gente era alguém, e aqui nós não éramos ninguém.*<sup>84</sup>

A sua cidade “pequena” é contemporânea da **Curitiba de hoje**; no entanto, a imagem que ela constrói de uma cidade “do interior” revela o entendimento que se fazia da Curitiba evocada.<sup>85</sup> De uma maneira geral, a cidade que se conhecia antes dos anos 50, é entendida na seguinte dimensão: *era pequena a cidade, todo mundo se conhecia* - diz a Entrevistada 05.

Exageros à parte, “pequena” era a cidade em que viviam os entrevistados, uma cidade percebida por intermédio das relações pessoais que estabeleciam, e que vinham desde os tempos de infância, com o círculo de vizinhança e de colegas de escola.

*Tem, como se diz hoje, tinha uma grande patota naquele tempo, porque na casa de meu avô, nós éramos - nós morávamos na casa de meu avô, sabe, numa casa atrás, a casa da frente era de meu avô -, tinham doze crianças na casa dele. Daí, toda a vizinhança se reunia ali. Vinha gente aqui do centro para lá; e tinha gente do Batel. Era toda aquela, se reunia todo mundo lá. E nós brincávamos na escola também. Tinha a turma da escola. Tinha a outra, que a gente ia para o cinema assistir os seriados.*<sup>86</sup>

---

<sup>84</sup> Deve-se recordar que a Entrevistada 02 só chegou em Curitiba em 1968, vinda de uma cidade do interior do Paraná.

<sup>85</sup> Poder-se-ia, inclusive, pensar que tal opinião estivesse presa a uma **variável** de gênero. Necessariamente, não é o caso.

<sup>86</sup> Depoimento 08.



O sentimento de se pertencer a uma “patota” transcendia àquele momento mais imediato da infância. Generalizava-se em uma idéia que se traduzia em considerar a capital do Paraná uma cidade “provinciana”:

*No começo, em 53, - diz o Entrevistado 06, acerca do momento de sua chegada à cidade - Curitiba ainda, não obstante fosse a capital do Estado do Paraná, talvez a cidade mais importante nesse eixo Paraná-Santa Catarina, ainda era uma cidade muito, ahm, provinciana nos seus hábitos, na sua relação com as pessoas. Quando eu digo provinciana, parece que, aquele tempo, a gente conhecia todo mundo, e era conhecido por todo mundo.*

Também para a Entrevistada 03, que chegara em 1951, a cidade exibia ares provincianos: *Era bem assim, cidade gostosa, bem provinciana. A gente conhecia todo mundo, todo mundo se conhecia. Ou seja, a cidade “provinciana” seria aquela onde todos se conhecem. A imagem da Curitiba de ontem está ligada à sensação de que os outros habitantes eram, todos, rostos conhecidos, seus iguais.*

*De fato, era um tempo de bastante atividade - diz a Entrevistada 08, dos anos 1940. - Porque as horas eram bem aproveitadas. Digamos assim, você tinha o período do trabalho, o período do estudo e daí, sim, você tinha o período de lazer. A gente conversava sempre, se encontrava. [...] Sabe o que a gente usava fazer muito naquele tempo, que hoje, não sei, parece que já está diferente, como se diz hoje, jogar conversa fora. Era a coisa que mais a gente fazia. A gente se encontrava na rua XV. A rua XV era o grande ponto de encontro de todo mundo. Ficava fazendo o footing na rua XV. A grande coisa que se fazia, era o footing. Ir à missa aos domingos, e então fazer o footing na rua XV.<sup>87</sup>*

---

<sup>87</sup> Destaque nosso.

As pessoas reuniam-se à saída das missas da Catedral e da igreja do Bom Jesus, no *footing* da rua XV de Novembro, nas confeitarias e cafés, nas filas dos cinemas, nos bailes e nos Chás Dançantes.<sup>88</sup> *A gente reunia mesmo para dar uma volta na rua XV e para os Chás de Engenharia, que era onde encontrava com os namorados, os noivos - diz a Entrevistada 09.*

Para a grande maioria das pessoas que circulavam pela cidade, principalmente estudantes, *Havia, na rua XV, aqueles cafés. O Café Acadêmico. As patotas se reuniam em determinado lugar, o maior era o Café Acadêmico, que tinha, inclusive, aquela vitrola Wurlitzer, automática, o nome já era um adjetivo. Aí se reunia a estudantada. Ou saíam da escola e vinham tomar seu cafezinho, ou refrigerante, bater papo na calçada; aquilo ficava assim.*<sup>89</sup>

Evidentemente, as atividades englobavam moças e rapazes, no que pese as restrições a que o sexo feminino estava submetido no interior daquela "cidadezinha do interior". Entretanto, especialmente para os rapazes, a cidade oferecia ainda a possibilidade de passeios noturnos: *Curitiba, que eu conheço, dos anos 40/50, era uma*

---

<sup>88</sup> *Também tinha uma coisa importante em Curitiba, era o Cassino Ahú. Importantíssimo em Curitiba, porque era lugar onde se reunia a sociedade paranaense daquela época, apesar de ter aqueles clubes tradicionais. Na sexta-feira e sábado, eles se reuniam no Cassino Ahú. O Cassino Ahú tinha belíssimos shows, tinha o jogo e shows. Depoimento 12.*

<sup>89</sup> Depoimento 12.

*cidade tranqüila. Uma cidade que você fazia as tuas peregrinações noturnas com a maior tranqüilidade, nem pensava em ser molestado.*<sup>90</sup>

Mas, a tranqüilidade que se podia desfrutar nas ruas da cidade não era exclusiva dos rapazes. Seja no curso das atividades de lazer, seja por necessidade das atividades profissionais, as mulheres também conheciam uma cidade onde se podia andar, mesmo à noite, sem maiores cuidados: *Ah, por exemplo, você veja uma coisa, a gente estudava à noite. Andava sozinha na rua, não tinha problema algum, conta a Entrevistada 08, para acrescentar, Hoje em dia, quem vai poder? [...] nem homem anda mais.*

Assim, as ruas daquela **Curitiba de ontem**, nos mais diferentes horários e nos diversos dias da semana, eram o cenário onde se encontravam as pessoas. Pessoas conhecidas, quer dizer, “todo mundo”.

### **Antigamente, havia uma vida mais ligada aos clubes**

Jamais saberemos se os entrevistados, alguma vez, encontraram-se nos lugares habitualmente freqüentados. Quase todos descrevem os mesmos lugares, os mesmos “pontos de encontro”, mas as preferências individuais, as situações de suas

---

<sup>90</sup> Depoimento 11.

famílias e o círculo de suas relações privilegiavam a freqüência em certos lugares em detrimento de outros.

*Eu era sócio de vários clubes. Meu pai era sócio, e eu aproveitei a sociedade. Na época [1952], tinha os meus dezesseis, só tinha uma piscina, que era a do Duque de Caxias, próximo à Base Aérea. Depois, outros clubes fizeram piscina. [...] Era muito de ir em baile, de dançar. Porque, como minha irmã era dois anos mais velha que eu, eu tinha que acompanhar minha irmã. A partir dos quinze, dezesseis anos eu era, no meu tempo chamava, "cão de guarda". Eu tinha que levar minha irmã nas festas. [...] Então, a sociedade curitibana era assim. Tinha o Clube Curitibano, que era o principal, Thalia, Concórdia, Duque, Círculo Militar. A partir de uma época, surgiu o Santa Mônica. [...] Então, a gente tinha mais uma vida de clube; hoje, não tem mais.*<sup>91</sup>

Essa "sociedade curitibana", retratada como assídua freqüentadora dos clubes tradicionais da cidade, corresponderia a um grupo social compreendido às dimensões que aquela cidade onde "todo mundo se conhecia" apresentava. Ainda que englobasse gente da melhor estirpe - personalidades que despontavam não só na vida estudantil, na vida do ensino, na vida social, mas também na vida política do Paraná,<sup>92</sup> a expressão delimita o meio social em que se incluíam, ou se queriam incluir, os entrevistados.

*Havia uma rotina - dizia o Entrevistado 06, de suas experiências na última metade dos anos 1950 -. De manhã cedo, estudar na universidade e ali, naquele momento, então, eram feitos convites. Alguém dizia: "olha, estou sendo convidado para o aniversário de uma pessoa,*

---

<sup>91</sup> Depoimento 01. Destaque nosso.

<sup>92</sup> Depoimento 11.

*de uma jovem. Queria que eu levasse alguns amigos, você não quer ir comigo?”. Então, a gente era levado a participar de festas, aniversários, coisas do gênero, em casas de pessoas que, na verdade, a gente nem conhecia. Eram em casas ou em clubes. A maior parte das vezes, ainda em casas. As pessoas abriam suas casas para comemorar um aniversário, ou admissão na faculdade, ou coisa no gênero.*

Os colegas de escola, filhos das inúmeras famílias residentes em Curitiba, deixam-nos perceber que *Havia uma vida social em clubes muito mais, me parece, muito mais ativa da parte dos jovens*, como reconhece ainda o Entrevistado 06, aduzindo com sua experiência pessoal e justificando que tal característica devia-se ao “estilo de vida” da época.

O espaço dos clubes reunia ainda as diferentes gerações, todas produzindo, e convivendo, um mesmo lugar. Ali, em meio aos bailes tradicionais, promovia-se a apresentação de pessoas umas às outras, ao mesmo tempo em que se podia controlar a entrada e os hábitos dessas pessoas naquele meio social. Aparentemente, essa forma de convívio expressava uma necessidade, por assim dizer, para a **Curitiba de ontem**, que tinha as suas ruas tomadas por estudantes “de fora”: *um traço de Curitiba da época, eram as pensões para estudantes*<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> Depoimento 12. *Era uma pensão, como as pensões da época, [...] na rua Jaime Reis. E era só estudante. Alguns de São Paulo, que era muito comum na época, estudantes paulistas, catarinenses, gaúchos, mineiros, até do nordeste, vinham estudar em Curitiba, por causa da faculdade. Principalmente, faculdade de medicina e engenharia. Então, tinham vários estudantes, inclusive de Campinas, e a gente vivia em pensão.*

Muitos jovens vinham de outras cidades, de outros estados, para cursarem as faculdades existentes em Curitiba. E esse afluxo de jovens continuaria ainda por muitas décadas. Para a Curitiba de ontem, a presença dos estudantes não é desprezível, considerando principalmente que se constituíam em parte ativa da vida social da cidade. *Tinha muito baile de formatura. Os bailes mais famosos eram os da Medicina. Tinham outros: Baile da Independência, no Círculo Militar. Tinha o Clube Curitibano também, é o principal, foi*<sup>94</sup>.

Os grêmios estudantis seriam ainda os reponsáveis pela criação de um dos mais famosos pontos de encontro da época:

*Havia os Chás Dançantes da Medicina e Engenharia. Chá Dançante era de Engenharia, era todo domingo, das oito até meia-noite. A Medicina era às quintas-feiras. Isso, a gente não faltava. Todo mundo dançava. Era uma parte importantíssima, dançar. Era ali na Duque de Caxias, onde é agora a Loja Muricy. Ali que era o Chá de Engenharia e Medicina. Mesmo local, um era domingo, outro na quinta-feira. A gente não perdia Chá de Medicina, para poder dançar. Tinha os pares certos para dançar. Conhecia a maior parte dos estudantes. Naquela época, os estudantes, eles vinham para cá e estudavam, depois iam embora. Os pais de família não queriam saber de jeito nenhum que a moça namorasse rapaz que estudasse aqui em Curitiba.*<sup>95</sup>

Embora os “pais de família” manifestassem seu desgosto com a presença dos estudantes e com a possibilidade de contato entre eles e suas *jeune-filles*, os bailes

---

<sup>94</sup> Depoimento 01.

<sup>95</sup> Depoimento 05.

dos clubes e os Chás Dançantes foram determinantes na permanência de muitos desses jovens em Curitiba. Neles, *se reunia aquela geração daquela época. Reunia ali, ali se conhecia; muitos casaram ali. Inclusive, estudantes que vinham de fora acabaram ficando em Curitiba, porque acabaram casando, encontrando a sua metade e acabaram ficando em Curitiba.*<sup>96</sup> Aliás, o caso de alguns entrevistados.

Não obstante as recordações dos bailes, sejam os dos clubes, sejam os Chás Dançantes, estejam repletas de boas lembranças, da possibilidade do contato entre os namorados e os noivos, verifica-se a presença do olhar fiscalizador dos parentes próximos. Nos salões de baile, existia um local reservado para os acompanhantes: *Minha mãe ficava lá em cima.* - dizia a Entrevistada 09 - *Em cima, todos os clubes tinham. No Curitibano tinha. Aquela parte onde ficavam as pessoas mais idosas. Ficavam ali. Na Thalia, no Círculo, a gente freqüentava todos os clubes. A minha mãe ia junto e ficava lá em cima, controlando, porque ela sempre levava uma turminha comigo.*

Mas, se as meninas eram vigiadas, muito vigiadas pelos pais. [...] os pais iam juntos, ou eram entregues para pessoa de muita confiança para acompanhar as meninas aos bailes da sociedade, como comentava o Entrevistado 12, deve-se, por outro lado, ressaltar que esse comportamento serve para balizar uma mudança nos hábitos dessa

---

<sup>96</sup> Depoimento 12.

“sociedade curitibana”.<sup>97</sup> Aos poucos, os clubes - espaço de encontro para os jovens e seus familiares - parecem perder a importância que antes lhes era atribuída. As pessoas que participavam ativamente da vida social proporcionada naqueles lugares começavam a afastar-se.

O Entrevistado 01, que conheceu a esposa em um baile do Círculo Militar, reconhece que se distanciou do ambiente dos clubes depois de casado, quando os filhos passaram a freqüentar o Colégio Santa Maria: *O Colégio tem uma APM [Associação de Pais e Mestres], uma sede campestre em Almirante Tamandaré,<sup>98</sup> tem tudo lá, então a gente passou a freqüentar. Ao mesmo tempo, lamentava que os clubes tivessem perdido o sentido de seu tempo de juventude: *Antigamente iam todos, familiares. [...]. Hoje, ainda tem algum baile de formatura, mas é só os jovens que vão. Também, não vê mais o interesse dos clubes por essas atividades: faziam promoções, contratavam grandes orquestras, grandes artistas. Hoje, dificilmente. O Paraná Clube que ainda, de vez em quando. Mas, reconhece que ainda tem alguns que freqüentam os clubes, senão os clubes não existiriam.*<sup>99</sup>*

---

<sup>97</sup> Note-se, entretanto, que a Entrevistada 09, no início dos anos 70, vai repetir o mesmo comportamento da mãe: *Então, o Santa Mônica, eu já não agüentava mais ir às tardes dançantes, porque todo domingo tinha a tarde dançante para os jovens. A partir dessa data, que a minha filha mais velha começou a dançar, meu marido não foi mais. Ele ficava em casa sozinho e não ia.*

<sup>98</sup> Almirante Tamandaré é um município da Região Metropolitana de Curitiba (RMC).

<sup>99</sup> Depoimento 01.



Entretanto, alguns ainda permanecem no ambiente dos clubes, fazendo deles o seu "recanto". Para o Entrevistado 11, a Curitiba de sua juventude *era uma cidade cujo lazer era difícil, existiam poucas opções*. Em sua perspectiva, o que contava era uma vida *fundada na base da convivência pessoal*, e eram os clubes que proporcionavam o espaço para essa convivência: *era onde você tinha um melhor relacionamento*.

As opções de lazer podiam não ser em grande número, mas o tempo que se dispndia nelas era bem aproveitado. Fora dos clubes, os grupos de jovens reuniam-se para programar seus passeios pela rua XV de Novembro - para olhar as vitrines, e aproveitar o tempo flertando -, ou combinar a ida aos cinemas da cidade.

### **O cinema era a coisa principal que tinha**

Tal como os clubes e os Chás Dançantes, os cinemas eram pontos de encontro de pessoas das mais variadas faixas etárias. Chegando em Curitiba, com 22 anos de idade, casada, a Entrevistada 03 afirma que *naquela época [1951], a mania do curitibano era cinema. Então, a gente ia. À noite, a rua XV era fervilhante, todo mundo ia para o cinema. Então, o cinema era a coisa principal que tinha*. Recordando seus domingos de anos mais tarde, dizia: *de manhã eu levava as crianças para assistir desenho no cinema; à tarde, a gente ia no Passeio Público*.

Desde a infância, a cidade dos entrevistados está marcada pelas sessões de cinema. O fascínio pela projeção dos filmes de romance e de aventuras parecia generalizar-se na população curitibana. E, não se tratava de uma atividade de lazer individualizada - *reunia uma turminha e então a gente ia para a matinê*<sup>100</sup>. Como também lembrava a Entrevistada 08, *A gente guardava o dinheiro. Vendia jornal, vendia tudo, para fazer o dinheiro para ir à matinê. [...] Na Cinelândia. O cine era o Cine Avenida e o Palácio.*

Além das filas que se formavam para assistir os filmes de sucesso, a importância que o cinema desempenhou na vida social daquela **Curitiba de ontem** é expressa nas palavras da Entrevistada 09: *Ontem, o meu genro estava olhando nessa revistinha da TV. Ele disse, "Será que a senhora viu essa fita?" Daí, ele começou a dizer dos anos 40, mas eu vi todas. "Mas, como é que a senhora viu tudo?" Porque, todo domingo, a gente ia à matinê. Era a missa de manhã, e a matinê de tarde. Não se trata de contabilizar o número de filmes projetados e assistidos, o importante é saber que missa e matinê eram "todo domingo".*

Os cinemas, em sua maioria, estavam localizados na "Cinelândia", na avenida Luiz Xavier, ou em suas imediações. *O cinema também era socializado.* - diz o Entrevistado 06 - *Porque você encontrava pessoas na fila, conversava com amigos. Você,*

---

<sup>100</sup> Depoimento 09.

*dentro do cinema, de repente, encontrava alguém que te fazia um sinal, que tinha um lugar perto dele para você sentar. Você conversava, saía, e isso tudo. Ou seja, além da oportunidade de se assitir a um “bom filme”, aquele era um “espaço de socialização”. Fazia parte de um conjunto de atividades que promoviam os encontros da juventude da época e que transformavam os finais de semana em dias especiais:*

*É, eu posso me lembrar isso, de um programa, que era um programa de fim de semana, que se repetia sempre, mas que parecia que nunca nos cansava. Era todo sábado, e domingo também. Esses eram dias especiais para se ir ao cinema. [...] Quando isso não acontecia, parece que se criava um vazio. Quando não se conseguia entrar no cinema, porque você chegava tarde e a fila já estava longa demais, todo esse esquema parece que se quebrava, e ali tinha uma certa sensação de frustração, porque aquela rotina não tinha sido observada.*

O programa metódico reclamado pelo Entrevistado 06, entretanto, logo viria a encontrar os seus algozes. Passado algum tempo, percebe-se uma alteração na vida social da cidade: o esvaziamento dos cinemas. Uma mudança que não é atribuída apenas às circunstâncias das vidas pessoais de cada um, mas a uma inovação tecnológica: *a televisão mudou o hábito do curitibano*, assevera a Entrevistada 03. Isto, ao mesmo tempo em que ganhava importância os compromissos que passavam a ser exigidos pela vida adulta: trabalhar e prover a família. Ficavam para trás os dias em que, *depois do cinema, a gente ia a uma confeitaria, tomar alguma coisa*<sup>101</sup>.

---

<sup>101</sup> Depoimento 13.

O desaparecimento de pontos de encontro tradicionais, o recolhimento dos entrevistados ao ambiente de seus lares, e a crescente necessidade de ocuparem um maior tempo com os seus afazeres profissionais, provocava o desaparecimento dos "conhecidos" e marca a percepção de novo tempo para a cidade. E, devemos considerar que os "conhecidos" também estivessem, em sua maior parte, recolhendo-se a seus lares, vivendo a rotina dos afazeres domésticos e profissionais.



**FOTO 4:** Avenida Luís Xavier (“Boca Maldita”), antiga “Cinelândia”. [...] *todo domingo a gente ia à matinê.* - Depoimento 09.

## ENFIM, TUDO ACONTECIA NA RUA XV

Fica a impressão de que a cidade real do tempo das juventudes dos entrevistados, aquela existente por suas ruas, avenidas, construções, trânsito e moradores, não apresentava grandes dimensões, principalmente se comparada aos dias de hoje, embora sua extensão precisasse comportar perto de 180 mil habitantes nos anos 50. Isso decorre de a cidade dos entrevistados ficar circunscrita aos espaços com os quais mantinham algum tipo de relação, ou seja, a cidade é constituída apenas pelos espaços significativos às suas biografias. Espaços que merecem ser chamados de **pontos de encontro**.

Para se chegar até a vida das ruas da Curitiba de hoje, precisamos caminhar pelas ruas da Curitiba de ontem. Ao lado daqueles lugares fechados (clubes, cinemas), que reuniam as pessoas nos anos 50, os curitibanos ocupavam também os espaços públicos definidos como de circulação de pessoas e de veículos: *a rua XV era cheíssima de gente, muito mais movimento do que hoje*<sup>102</sup>.

Uma única rua que parecia reunir toda a vida da cidade. Desde muito tempo, a rua XV de Novembro era considerada como a “principal artéria de Curitiba”,<sup>103</sup> e ainda hoje, constitui-se em uma vitrine da cidade. Espaço onde se

---

<sup>102</sup> Depoimento 03.

<sup>103</sup> ALMANACH DOS MUNICÍPIOS, 1927, s/p.

procura inscrever as marcas de um tempo presente e de um futuro que se quer ver concretizado.

Ambientes informatizados escondem-se atrás de fachadas antigas misturadas às transparências do vidro e aos brilhos metálicos. O mobiliário urbano informa o presente e celebra o passado. O *petit-pavê* esconde o chão de terra batida, os macadames, os paralelepípedos e as camadas de asfalto que a recobriram em seus diferentes tempos.

*A rua XV, era da Xavier da Silva (sic), Boca Maldita, até a Barão do Rio Branco. Esse pedaço que a gente andava, sempre. Passeava por ali. Todo mundo passeando, olhando para lá, para cá. Na rua XV, as lojas que eram bonitas, não tinha muitos atrativos assim. Tinha a Lord, a Schaffer, sempre existiu, tinha o Louvre, tinha o Cine Ópera, o Cine Avenida.<sup>104</sup>*

A rua XV de Novembro, tal como as praças Tiradentes e Dezenove de Dezembro, expõe temporalidades, assinala permanências e, também, constitui-se em expressão das rupturas e descontinuidades que demarcam a cidade. Trata-se de uma rua que já sofrera diversas alterações em seu aspecto nesses últimos sessenta anos (antes disso até). A última grande transformação nela realizada ocorreu em 1972, quando se tornou uma rua exclusiva para pedestres. O fechamento da rua XV de Novembro para o trânsito de veículos é um marco da transformação do centro de

---

<sup>104</sup> Depoimento 05. Por "Xavier da Silva", a Entrevistada quer se referir à avenida Luiz Xavier.

Curitiba e da própria cidade: *Depois que fecharam a rua XV, modificou completamente o aspecto da cidade*, afirma a Entrevistada 08.

O significado que é atribuído à “rua XV” está relacionado ao cotidiano dos entrevistados, participando da construção de suas biografias. A Entrevistada 10, reconstrói esse espaço significativo em sua vida:

*[...] naquele tempo, tinha o footing, que chamava. Estava passeando com a minha irmã e mais uma amiga dela. Nisso, nós paramos assim numa vitrine e eu vi que um rapaz estava me olhando muito. Parou assim na minha frente e ficou me olhando. Eu, então, fingi que não estava vendo, e nisso estava passando uma moça. Ele chamou a moça e pediu para ela me apresentar. Ele nem conhecia a tal moça. Dali ele já veio conversar comigo. Foi até em casa, me acompanhou, e daí foi um “grude” o resto da vida.*

A “rua XV” representa, portanto, muito mais do que uma via destinada à circulação de pessoas na área central da cidade. Na **Curitiba de ontem**, ela foi o espaço onde se concretizavam os encontros, onde conviviam as “patotas”. Durante a semana, as pessoas encontravam-se em meio a um intenso movimento, homens e mulheres caminhando em função das atividades profissionais, ou realizando seus passeios, com os olhos presos às vitrines das principais lojas de Curitiba. Transitava-se pelas calçadas, pois o leito da rua ainda recebia os bondes, os automóveis importados e as lotações. No final das tardes, os cafés e confeitarias eram invadidos pelos estudantes, em sua maioria vindos da Universidade Federal do Paraná, na praça Santos Andrade. Os rapazes, encostados nas fachadas dos prédios, ainda



tinham tempo para observar o andar das moças que se dirigiam de volta às suas casas.

Assim, não fosse por algum evento especial no meio da semana, uma sessão noturna de um filme comentado, restava esperar pelo sábado e domingo. Cinemas, Chás Dançantes, saída das missas aos domingos pela manhã e *footing*. A vida seguia num compasso muito mais lento do que agora. Tudo se fazia, o dia parece que durava mais.<sup>105</sup>

Naquela **Curitiba de ontem**, tudo parecia estar em seus devidos lugares. Recebe-se uma imagem de harmonia entre as pessoas e entre a cidade e as pessoas.

Embora aparentemente toda a população curitibana se reunisse no centro da cidade, nenhuma lembrança de conflitos. Ou, quase nenhuma:

*Curitiba é uma cidade de gente ordeira, sempre. Pacata, até. Há uns rompantes inexplicáveis - você já deve ter ouvido falar na "Guerra do Pente", que houve uma guerra na praça Tiradentes, por causa de um turco. Eu não sei, tinha umas lojinhas de turcos ali na praça Tiradentes, e por causa de um pente deu um forrobodó que durou mais de dois dias. Praticamente uma revolta. Tirando isso, uma cidade pacata, organizada. As pessoas muito respeitadas umas com as outras, também ciosas de serem respeitadas.*

Não obstante um certo presente nessas declarações do Entrevistado 12, ele reafirmaria que *Curitiba era uma cidade pacata, organizada, até certo ponto respeitosa. Não havia crimes que chocassem a população. Às vezes um assassinato. Tinha que haver, mas não era muito chocante. A vida em sociedade era muito reservada, muito respeitosa. Assim, uma*

---

<sup>105</sup> Depoimento 06.

vida em que os conflitos apareciam episodicamente em uma sociedade “respeitosa”. Mas, a cidade se transformava, e também a vida no interior dela. A cidade harmoniosa cedia lugar a uma outra, onde os **conhecidos** estavam reclusos em seus lares.

*Veja Curitiba como progrediu, não é? - a indecisão presente nessas palavras começa a ganhar novos contornos. Hoje, ao lado do progresso estão as mazelas não (re)conhecidas na Curitiba de ontem. Para a Entrevistada 08, as ruas da cidade, hoje, revelam evidências de que o modo de vida dos habitantes de Curitiba está mudando: tinha que dar uma melhor vida para cada um, acabar com os contrastes. Acho que os contrastes são as coisas mais chocantes. [...] Não existia esse pessoal que vive pior que bicho, porque bicho vive muito melhor. Em favelas e coisa assim. Não existia isso antigamente.*

O traço marcante da **Curitiba de hoje** é a presença de uma população desconhecida. Se, antes, o tempo e os espaços eram apreendidos na dimensão dada pelos **conhecidos**, hoje, a cidade não pode mais ser reconhecida por intermédio das relações pessoais. A **multidão** em suas ruas e a expansão de seu território **ocultam** a cidade que fora vivida.

*Houve uma evolução muito grande, muito rápida. Eu não tenho idéia de que ano foi. Curitiba era uma cidade que era pequena demais. De repente, ela cresceu, cresceu rápida demais. Você conhecia todo mundo em Curitiba, começou a conhecer mais ninguém. Cresceu, assim, rapidamente. Curitiba teve uma evolução muito brusca, ela não foi crescendo gradativamente.*

*Ela cresceu rápido, daí parou. Deu uma estacionada, daí outro crescimento, e agora ela também está demais.*<sup>106</sup>

A “evolução” da cidade não se refere especialmente à transformação física de Curitiba, ela é percebida, com maior intensidade, na alteração de uma forma de convivência que a **Curitiba de ontem** parecia oferecer e que, hoje, desapareceu. Além da dinâmica que a própria cidade proporciona à observação, devemos considerar que *a vida da gente também vai mudando. [...] a cidade vai começando a crescer, você já vai se fechando mais, você quase não sai*<sup>107</sup>.

Ainda que se reconheça que a idade influa nessa atitude,

*No passado, a gente, parece que encontrava sempre algumas pessoas. Havia um sentido de conhecimento muito mais amplo do que hoje. Não obstante tantos anos passados aqui, tantas novas amizades, tantos novos conhecimentos feitos, parece que naquele momento essa relação era muito mais estreita. Ou até porque o estilo de vida era diferente. As pessoas tendiam a sair mais, a se socializar mais. Hoje, vivendo a era da televisão, me parece que as pessoas têm uma tendência mais de estar em casa vendo televisão, vendo vídeo, vendo televisão a cabo. Têm menos apelos para sair. Então, ou porque seja uma postura pessoal minha, de pouco sair e viver mais em casa. Mas isso, há uma diferença para mim muito marcante, havia mais sociabilidade, havia mais visita, as pessoas se visitavam.*<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup> Depoimento 05. Destaque nosso.

<sup>107</sup> Depoimento 05.

<sup>108</sup> Depoimento 06.

A vida na Curitiba de ontem transcorria sem maiores preocupações. As ruas centrais de Curitiba apresentavam um movimento intenso e os lugares antes ocupados por rostos conhecidos, agora transformam-se nos espaços de lembranças. Toda aquela atividade, em torno dos cinemas, das confeitarias, dos cafés, dos bailes, compõe o quadro de uma cidade que é recordada como a de *uma época dourada mesmo, uma época de tranqüilidade.*<sup>109</sup> Todavia, ...

### **Eram tempos difíceis e não eram**

Aqui e ali, algumas trajetórias de vida se encontram. Porém, é impossível construir uma única trajetória de vida na qual se incluíssem todos os entrevistados. Melhor assim! A diversidade de suas experiências contribui para uma melhor compreensão do que seria a Curitiba de ontem, bem como, e principalmente, para atingirmos a **idéia de cidade** que orienta a percepção que os entrevistados fazem da cidade em que vivem.

Lembremo-nos de que *a infância marca muito a vida da gente, e que a infância maravilhosa* da Entrevistada 05 não deve ter sido a mesma para todos. Aquela fase de nossas vidas demarca uma percepção dos acontecimentos ao nosso redor que, aliada à posição que ocupamos hoje, permite visualizar certas diferenças no viver a

---

<sup>109</sup> Depoimento 13.

cidade.<sup>110</sup> E a infância e adolescência do Entrevistado 04 foi vivida em meio a grandes dificuldades de ordem financeira, o que se traduz na sua relação com a cidade.

Nas manhãs, quando estava se dirigindo para o trabalho, era motivo de alegria poder carregar as malas de um certo “senhor Carrano” até a Estação Ferroviária e receber “dois fiorim” - *dois mil réis era dinheiro* -, ainda mais quando se ganhava *mil réis por dia*, trabalhando na boca do forno de uma vidraria. Era “dura a vida”, lembra o Entrevistado. Mas, em meio às recordações marcadas pelas dificuldades, afirmava que, embora aqueles fossem tempos difíceis, *foi indo, foi indo, naquele tempo também tinha muita coisa boa*.

Essa avaliação precede, no seu depoimento, sua (in)certeza no quanto progrediu Curitiba, do ponto de vista de uma melhoria geral nas condições de vida de seus habitantes. Em meio às reminiscências da infância e da juventude, que marcaram a maior parte do seu depoimento, o Entrevistado asseverava: “Veja Curitiba como progrediu”. Para, em seguida, acrescentar um pequeno apêndice que denotava uma insegurança, ou um questionamento, sobre a afirmação que acabara de fazer: “não é?” Parecia que ele requeria que se participasse de sua opinião,

---

<sup>110</sup> HALBWACHS fala das lembranças da infância: “Sabíamos bem, pela atitude dos adultos em presença do fato que nos impressionou, que este merecia ser lembrado. Se nos lembramos dele, é porque sentíamos que em torno de nós os outros se preocupavam. Mais tarde, compreenderemos melhor porque.” p.63.

endossando-a. No entanto, por que a cidade progredira? Como é que ela progredira? Foram perguntas difíceis de responder.

Se problemas e dificuldades existiam, ele podia encontrar algo de positivo na **Curitiba de ontem**. E suas declarações permitem entrever uma rede de relações pessoais que garantia um mínimo de subsistência aos moradores menos afortunados: *Era o matadouro de porcos, e eles davam, assim, para o camarada, o sangue do porco, as fressuras, os pobres iam lá pegar. Ou, por outro lado, Aqui em Curitiba, não tinha quem não tivesse parreira, quem não tivesse pera, frutas, principalmente descendentes de estrangeiros. Todos eles tinham.*

As mudanças e o progresso da cidade estavam presentes em artefatos palpáveis situados no exterior da sala em que a entrevista se realizava. Ele percebia que a cidade progredira, que os *tempos difíceis* foram deixados para trás - aquele tempo em que *também tinha muita coisa boa*.

**Muita coisa boa** era um certo modo de viver, fundado em uma solidariedade entre as pessoas, no contato e no tempo para as conversas.

A maneira de viver, o relacionamento entre as pessoas, caracteriza a **cidade** onde vivem os entrevistados. A cidade pequena, provinciana em seus hábitos, que produzia seus espaços a partir de relações interpessoais, aos poucos, ou bruscamente, vai perdendo esse seu caráter: formas impessoais de contato substituem os encontros face a face, o anônimo toma o lugar do conhecido, a multidão sufoca o indivíduo.

Você conhecia todo mundo em Curitiba, afirmava-se, voltando os olhos para o passado. Porém, na Curitiba de hoje, a presença de uma nova população trouxe rostos novos, desconhecidos e numerosos. Não é apenas uma nova juventude que circula pela cidade; desde os anos 50, a população multiplicou-se várias vezes, e o curitibano desapareceu. Outro habitante vem tomar o lugar do “conhecido”, que é substituído por figuras anônimas. *Você sai na rua, encontra alguém, ninguém fala com você. São raras as pessoas que chegam a conversar com você. Um esbarrão daqui, um esbarrão de lá. Esse crescimento assusta a gente.*<sup>111</sup> Um crescimento que não permite mais reconhecer rostos na multidão que assalta suas ruas. Até mesmo os parentes podem passar despercebidos.<sup>112</sup> Além de numerosas, as pessoas que circulam nas ruas não portam uma identidade reconhecida, e conduzem os entrevistados para o mesmo caminho.<sup>113</sup>

Na Curitiba de hoje, defronta-se com o desconhecido, pessoas sem rosto, que vêm de encontro a você, e provocam o medo. *Hoje em dia, tem muito desse negócio de gente, marginal, essa população grande mesmo. Às vezes, o pessoal olha como se fosse meio*

---

<sup>111</sup> Depoimento 05.

<sup>112</sup> Depoimento 12. *Hoje, se eu passar na rua XV, já não conheço mais ninguém. Talvez não chegue a um por mil meus conhecimentos, embora seja uma pessoa conhecida e conheça muita gente. Apesar disso, se passar hoje, a cidade se tornou, hoje, muito grande, e você tem dificuldade de reconhecer, às vezes, até um próprio parente.*

<sup>113</sup> “Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia.” KRISTEVA, p.9.

*ameaçador. Eu não tenho medo. Tenho medo de multidão, que venha para cima da gente. De gente, assim, em geral, não.*<sup>114</sup> Caminhar pelas ruas é expor-se a um encontro indesejado: *nas calçadas, o pessoal já vai empurrando a gente, parece que não respeita a gente. Se a gente não desvia, eles não desviam, cada vez está pior esse movimento.*<sup>115</sup>

Os encontros de hoje, feitos aos “esbarrões”, são percebidos como substituindo uma forma de convivência que exigia, às vezes, artifícios para se escapar dos “conhecidos”. Nos anos 60, apesar de já estar chegando *muita gente de fora*, o Entrevistado 12, devido suas relações profissionais, *conhecia todo mundo e era conhecido por quase todos os que passavam na rua XV*. Quando tinha compromissos que exigissem alguma pontualidade, desviava seu caminho, *porque encontrava, a cada metro, um conhecido. E era, na maioria das vezes, obrigado a parar para conversar com ele.*

O comportamento atual das pessoas não faz parte da **Curitiba de ontem**, uma cidade que *tinha um movimento maior, mas...*, complementa a Entrevistada 10, *era um sossego, uma calma*. Assim, vendo uma Curitiba suceder a outra, percebe-se que a

---

<sup>114</sup> Depoimento 08. Interessante recordar que por ocasião das entrevistas, ainda estavam bastante presentes as imagens dos “arrastões” no Rio de Janeiro.

<sup>115</sup> Depoimento 10.



cidade está sempre sendo manifestada pela (im)permanência de uma Curitiba *afetiva*, lugar para o encontro com os *muitos amigos*.<sup>116</sup>

---

<sup>116</sup> Depoimento 13.

**ONTEM E HOJE,  
UMA CURITIBA DE SEMPRE**



HABLO DE LA CIUDAD. Novedad de hoy y ruina de pasado mañana, enterada y resucitada cada día, convivida en calles, plazas, autobuses, taxis, cines, teatros, bares, hoteles, palomares, catacumbas, [...], estamos en la ciudad, no podemos salir de ella sin caer en otra, idéntica aunque sea distinta, hablo de la ciudad inmensa, realidad diaria hecha en dos palabras: los otros, y en cada uno de ellos hay un yo cercenado de un nosotros, un yo a la deriva. (Octavio PAZ)

Até aqui, conhecemos, ou recordamos, uma cidade da qual se pode dizer que é um lugar *bom de se viver, ainda*<sup>1</sup>. E, esta é uma opinião válida tanto para os novos habitantes de Curitiba, como para os mais antigos, aqueles que viveram a dinâmica de sua transformação nestes últimos sessenta anos.

Todavia, esta apreciação decorre de comparações que, geralmente, são realizadas entre Curitiba e outras cidades brasileiras, principalmente aquelas reconhecidas como centros regionais. São cidades que têm comum o fato de haverem atraído, desde os anos 60, um grande contingente populacional, tanto egresso de áreas rurais como de pequenas cidades.<sup>2</sup> Mas Curitiba não é apenas comparada em

---

<sup>1</sup>Depoimento 10.

<sup>2</sup>Vimos, nos depoimentos, a importância dada ao ingresso de uma população atraída pelo desenvolvimento de Curitiba a partir dos anos 60.

âmbito nacional, o epíteto de “cidade de primeiro mundo” mostra que o modelo nela reconhecido a equipara a cidades européias ou norte-americanas.<sup>3</sup>

Entretanto, o nosso estudo sobre Curitiba realizou-se por comparações entre diferentes momentos dela própria, ao contrário de cotejá-la com outras cidades contemporâneas ao seu presente. Em um rápido olhar, vislumbramos a ocasião em que Curitiba era elevada à condição de capital da Província do Paraná e alguns de seus momentos nas décadas iniciais deste século. Nesse percurso delineamos uma dinâmica da Curitiba-capital, ao mesmo tempo em que apontávamos para a característica de que o espaço urbano (a cidade) é construído por uma seleção de seus tempos, que ora expressam continuidades, ora rupturas.

Além disso, tratamos a cidade como a expressão de uma “vontade humana”, um monumento edificado em função da identidade e do dever de um povo. E, ainda, buscamos a presença, pois, como assinalado por Agustina BESSA-LUÍS, “sem ela tudo era disperso e a cidade não chegava a ser comunidade, lugar onde a vida e a morte têm significado”. A presença é o que entendemos ser o viver a cidade, e, se alcançamos uma compreensão do que Curitiba significou e significa para uma parcela de seus habitantes, precisamos ainda compreender o que significa a cidade para esses mesmos habitantes.

---

<sup>3</sup> Dizia o Entrevistado 06: *Enquanto você está aqui, você pode achar algumas mazelas na cidade, você pode achar as coisas que não agradam. Você pode ser crítico em relação à cidade. Mas, no momento em que você sai daqui, e passa a conviver em outras cidades fora do Brasil, aí que você dá o valor que Curitiba tem.*

Não a cidade que foi descrita, mas a imagem construída para significá-la. Ou seja, uma cidade real oferece-se à percepção daqueles que a produzem e a habitam; descrevê-la é parte de um processo de cognição no interior do qual é produzido um significante - uma imagem -, para comunicar o conceito de cidade que conforma o olhar lançado sobre o real.

Para nós, o olhar lançado sobre a cidade está marcado pela vida cotidiana: a cidade é um lugar para o lazer, para o trabalho, para os encontros e convivência. Mas, quando esse olhar se detém, e se lança desde o presente até o passado, o que vem a ser observado é também analisado, valorizado de acordo com expectativas alcançadas, ou frustradas.

A retrospectiva manifesta valores, ou idéias, que são atribuídos à realidade observada. Assim, que idéia faziam (fazem) de sua cidade os seus habitantes? Para os entrevistados, é verdadeiro que, *talvez por saudosismo, aquele tempo parecia ser mais agradável*.<sup>4</sup> Aqui, o saudosismo remete à memória, às lembranças. Ele reconstrói uma paisagem da qual só percebemos ruínas; e são as ruínas, ou as memórias que as edificam e as mantêm, que tornam o passado apreensível.<sup>5</sup> Ainda, "aquele tempo" significa a **Curitiba de ontem**, caracterizada pela concentração e homogeneidade de

---

<sup>4</sup> Depoimento 06.

<sup>5</sup> Se, com as memórias fosse produzido um quadro, nele estaria representada a paisagem que Walter Benjamin constrói para falar do "anjo da história". Ver a nona tese "sobre o conceito de história", BENJAMIN (1993), p. 226.

seu espaço e pela presença, em suas ruas, de rostos conhecidos. Mas aquele tempo só existe porque é contraposto a um outro, representado por uma **Curitiba de hoje**, na qual o espaço é diferenciado e descentrado, e que tem suas ruas ocupadas por uma multidão de rostos anônimos.<sup>6</sup>

Reconheçamos, a princípio, que sejam duas cidades distintas. A **Curitiba de ontem** era o lugar onde viviam os conhecidos, sendo reconhecida por seus pontos de encontro. E a **Curitiba de hoje**, ao mesmo tempo em que é o local onde vivem os entrevistados, só pode ser reconhecida pelas ausências, ou pelas diferenças percebidas.

Assim, as temporalidades atribuídas são, antes de tudo, adjetivos de uma mesma cidade. A cidade que, hoje, só se manifesta por lembranças é, ou parte daquela agora existente, ou o continente dela. Embora a materialidade da **Curitiba de ontem** tenha sido destruída, os espaços que a constróem não são abstratos, ao contrário, deixam-se perceber como uma cidade real, em contraste à Curitiba do presente. Essa complementaridade é o que confere um significado à cidade.

Recordando espaços e atividades, os habitantes de uma cidade produzem a cidade. Um signo<sup>7</sup> que se apresenta à nossa leitura e que aqui compõem-se de uma **Curitiba de ontem** e uma **Curitiba de hoje**.

---

<sup>6</sup>Entre o **ontem** e o **hoje** estariam "as cinzas das outras cidades possíveis que desapareceram", sobre as quais essa Curitiba atual se instalou. Ver CALVINO, p. 58.

<sup>7</sup>"O signo seria, afinal, algo que substitui ou representa as coisas, isto é, a realidade. [...] Para Charles S. Peirce, um dos fundadores da semiótica, a característica básica do signo é a

## Essa é a cidade que a gente vive

Mas, o que é a cidade? Para responder a esta questão, deixemos de lado as formas pelas quais a cidade se manifesta. Ser o local, ou o **lugar** onde se vive não é somente um espaço urbano produzido, mas a consciência que fazemos de como deve ser esse mesmo lugar.

O termo cidade vem sendo empregado de há muito tempo para designar uma forma particular de assentamento humano, principalmente quando se pensa na cidade como o espaço da vida política, espaço construído no exercício das relações sociais entre os homens.<sup>8</sup> Entretanto, a cidade que mais se aproxima da Curitiba que os depoimentos nos revelam manifesta-se em um contexto histórico bem mais recente, produzida desde um ideário europeu de meados do século XVIII. Obviamente, esse ideário não foi transposto *pari passu* para o contexto brasileiro, mas, com certeza, ele orienta o entendimento que se faz acerca da cidade moderna, no ocidente.

---

de poder representar as coisas ou objetos." BLIKSTEIN, p. 20; destaques no original. E o signo, ou a coisa representada, é expresso por um significante - uma imagem - que transmite um significado, ou um conceito.

<sup>8</sup> Ver CASSIN et alii. Um conjunto de textos apresenta diferentes aspectos constituidores da concepção de cidade na Grécia antiga. "A cidade grega, todo mundo o sabe, é o modelo por excelência, origem e paradigma, da democracia. [...] Mas a cidade grega, todo mundo o sabe, não é uma democracia modelo." p. 7.



Carl SCHORSKE, no texto 'A cidade segundo o pensamento europeu - de Voltaire a Splenger', discute diferentes concepções de cidade, na Europa, entre o século XVIII e a primeira metade do século XX.<sup>9</sup> Em seu trabalho, recorre a textos produzidos por intelectuais, filósofos e artistas que pensaram sobre a cidade, naquele intervalo de tempo. São identificados três "tipos de cidade" que, sucessivamente, representam e estão relacionados a diferentes visões lançadas sobre a vida social: a cidade "como virtude", produzida no interior do Iluminismo, a cidade "como vício", identificada com o início do século XIX, e a cidade "além do bem e do mal", concebida a partir dos anos 1850 e marcada por uma apreensão subjetivista. Entretanto, "Nenhuma nova fase destruiu sua predecessora. Elas sobreviveram umas às outras, embora sua vitalidade tenha sido minada e seu brilho ofuscado."<sup>10</sup>

Não nos preocupemos aqui em desenvolver muito mais os "tipos" identificados por SCHORSKE; aceitemos que a imagem de cidade que se apresenta ao nosso entendimento atual ainda conserva os traços de uma concepção que produz a imagem da cidade moderna, com a qual Curitiba está identificada. Uma cidade que, ao contrário de apresentar "uma estrutura temporal localizada entre passado e futuro", está assentada em uma "qualidade temporal":

A cidade moderna oferecia um eterno *hic et nunc*, cujo conteúdo era passageiro, mas cuja transição era permanente. A cidade apresentava uma sucessão de momentos

---

<sup>9</sup>SCHORSKE (1989). Texto publicado originalmente em 1963, na coletânea *The historian and the city*. Cambridge : MIT Press.

<sup>10</sup>SCHORSKE (1989), p. 47.

variados e passageiros, que deveriam ser provados ao passarem da não-existência ao esquecimento. Para este modo de pensamento a experiência da multidão era básica: todos os indivíduos desarraigados, todos únicos, cada um ligado a um momento antes da divisão de caminhos.<sup>11</sup>

Esta é a primeira aproximação que fazemos a essa Curitiba entendida não mais como a realidade que se mostra aos sentidos de seus habitantes; trata-se da Curitiba concebida desde uma herança cultural e da experiência que ela promove.<sup>12</sup> Ou seja, estamos falando da concepção de cidade que conforma o olhar que os entrevistados lançam sobre Curitiba.

Ainda, para melhor delimitarmos a concepção de cidade que identificamos nos depoimentos, recorreremos a algumas considerações do filósofo Jürgen HABERMAS que, discutindo os pressupostos da arquitetura e do urbanismo modernos, questiona “se o próprio conceito de cidade não está ultrapassado”.<sup>13</sup> Um conceito que, sem dúvida, orienta-se pelos olhares produzidos na passagem do século XIX para o XX.

Para Habermas, “as marcas da cidade ocidental, [...] confluíram em nossas cabeças até formarem um conceito difuso e multiestratificado”. Esta perspectiva aproxima-se do entendimento que fazemos da Curitiba percebida por seus

---

<sup>11</sup> SCHORSKE (1989), p. 54.

<sup>12</sup> Seguindo ainda com SCHORSKE, “Nenhum homem pensa a cidade completamente isolado; ele forma uma imagem dela a partir de impressões herdadas de sua cultura e transformadas por sua experiência.” Ver p. 47.

<sup>13</sup> HABERMAS. Especialmente p.140-149.

habitantes, na medida em que a **cidade real** é identificada “enquanto um mundo abarcável, [...] arquitetonicamente formada e representada para os sentidos.” Este objeto real - a cidade - reproduz um conceito pertencente “ao tipo identificado por Wittgenstein como parte dos hábitos e da autocompreensão da prática cotidiana: nosso conceito de cidade liga-se a uma forma de vida”,<sup>14</sup> e, portanto, impregnado de subjetividade.

Estes comentários acerca de um conceito de cidade, apresentam-na como uma realidade que é apreendida pelos sentidos, nas atividades cotidianas de seus habitantes. Uma realidade na qual vícios e virtudes são aparências que se manifestam a partir das vivências e da experiência que o ambiente urbano proporciona àqueles que nele se instalam. Porém, ressalva Habermas, devemos levar em conta que a forma de vida que, antes, produzia a cidade, “se transformou a tal ponto que o conceito dela derivado já não logra alcançá-la. [...] As aglomerações urbanas emanciparam-se do velho conceito de cidade, ao qual no entanto se apega o nosso coração”<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup>HABERMAS, p. 144.

<sup>15</sup>HABERMAS, p. 144 e 145.

## Curitiba cresceu e eu não cresci junto com Curitiba

Curitiba nunca nos é dada por inteiro. Centro, bairros, ruas, expansão, limites, são elementos com os quais construímos os espaços de uma cidade. Ao mesmo tempo, brincadeiras, lazer, trabalho e outros tipos de atividades possibilitam perceber e conferir significados àqueles espaços. Não se trata de considerar que a cidade é apreendida e descrita de maneira fragmentada. A apreensão dos espaços, como se evidencia nos depoimentos, é mais sutil: os espaços descritos são apropriados por um conjunto de habitantes como significantes da **imagem de cidade** que querem comunicar.

Devemos nos deter um pouco sobre esse conjunto de habitantes de Curitiba que está representado nos depoimentos. É necessário reconhecermos que o estabelecimento de um tempo pretérito da cidade em contraposição ao seu presente decorre das trajetórias de vida das pessoas entrevistadas. Eles não vivem **no** passado; os entrevistados fazem parte de uma geração de habitantes que vive o presente; mas, também podem se recordar de uma cidade não-existente aos sentidos da grande maioria de pessoas que percorre as ruas da Curitiba dos dias de hoje. Os entrevistados viveram e rememoram um tempo da cidade de Curitiba a que qualificamos de **ontem**: esta é a qualidade desse conjunto de pessoas que deve ser considerada.

A Curitiba de hoje, não obstante seja o lugar “em que se vive”, é percebida como a cidade onde os pontos de encontro antes vivenciados já não se fazem presentes. A nova cidade, sua nova temporalidade, faz desaparecer a “outra cidade”; todavia, reconhecer esse desaparecimento não significa negar a cidade atual. Afinal, a transformação só pode ser percebida na medida em que se reconhece que *tudo vai mudando. Numa época, vai mudando, não é? Vai mudando*<sup>16</sup>.

A cidade vai mudando, sendo alterada fisicamente, e também vão mudando as formas de relacionamento social, os modos de viver e de produzir a cidade. *Bom, a pessoa que nasce numa cidade, gosta da cidade como eu gostei. Gosto ainda de Curitiba, não é? Eu sempre achei uma cidade com certo conforto, tranquilidade. Uma Curitiba afetiva, muitos amigos. Então, a gente sempre amou essa cidade, no sentido das amizades, parentes. Isto que, eu acho que a gente deve amar mais ainda a cidade nesse aspecto, não é?*<sup>17</sup>

A sensação de pertencimento que o Entrevistado manifesta traduz uma presença. Curitiba deve estar sempre presente, pois ela é a “cidade afetiva”, aquela que não seria trocada por nenhuma outra. Trata-se de enxergar a cidade através do “nosso coração”, atribuir-lhe um sentido, que se manifesta desde as lembranças da infância, *porque a infância marca muito a vida da gente*<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Depoimento 05.

<sup>17</sup> Depoimento 13.

<sup>18</sup> Depoimento 05.

A tensão que se instala entre presente e passado orienta a avaliação que os entrevistados constroem sobre a cidade e suas transformações. Mas o que assinala efetivamente os diferentes momentos de Curitiba é a percepção de que a forma de viver das pessoas está mudando. *Todo mundo, no bairro, se conhecia, mesmo na cidade. Até, uma das minhas amigas veio com a filha aqui, [...]: "mas, vocês todas moravam no centro?"; eu digo, "por incrível que pareça, todo mundo!". Assim, procurava mais o centro. Hoje em dia, é tudo distante. Quanto mais longe melhor; ou apartamento, muito apartamento.*<sup>19</sup>

*Afinal, a cidade cresce. Num ponto é maravilhoso, mas noutro é uma coisa triste, tira a liberdade das próprias pessoas. Isto porque, muitos, como a Entrevistada 05, sentem que Curitiba cresceu e eu não fui junto, conhecer Curitiba. A Curitiba que cresceu foi aquela que extrapolou os seus antigos limites e que soterrou os pontos de encontro de uma juventude de outrora. Também, é uma Curitiba percebida pela transformação de uma maneira de viver e pela presença de rostos anônimos em suas ruas. Mas, se a saudade de uma outra cidade, de um outro tempo, é o que diferencia e provoca comparações, não se deixa de reconhecer a Curitiba atual como uma*

---

<sup>19</sup> Depoimento 09.

cidade: [...] *essa é a cidade que a gente vive, então a gente vai se acostumando. Já estou vendo que estou me acostumando, até os arranha-céus estou achando bonitos*<sup>20</sup>.

Assim, um descompasso entre a cidade que cresce e o poder acompanhar esse crescimento é o que faz emergir uma outra qualidade de Curitiba: ser uma **Curitiba de sempre**. É uma cidade que não se transformou, e a sua temporalidade é o que produz a identidade de seus habitantes.

A **Curitiba de sempre** é a imagem anteposta à cidade real; esta, é aquela que foi transformada e que é possível ser exteriorizada, de ser descrita *como eu a conheci, e como ela ficou depois*<sup>21</sup>. Se por um lado, acostuma-se com as mudanças, por outro, - ah, a saudade! - *agora devia ter um bonde daquele para a gente andar mais devagar. Porque, você pega um carro, hoje em dia, é zum, zum, nem vê por onde está passando*<sup>22</sup>. Assim, essa **Curitiba de sempre** é a cidade que habita o coração de seus habitantes, lugar onde vivem os antigos conhecidos. Esta é a **cidade**, perene, porque reconhecida pela afetividade.

---

<sup>20</sup> Depoimento 08.

<sup>21</sup> Depoimento 01.

<sup>22</sup> Depoimento 09.

**ANEXO**

**ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS**



Neste anexo, apresentamos uma versão do roteiro para as entrevistas que incorpora alguns comentários pertinentes ao modelo de análise utilizado. Optamos em dar-lhe essa forma visto que a sua elaboração levou em conta o problema de pesquisa formulado e também os elementos pré-definidos como organizadores dos depoimentos.

É claro que a dinâmica da entrevista se efetiva em um jogo de perguntas e respostas. Assim, embora o roteiro apresentasse um conjunto de questões de forma discriminada, que deveria ordenar os depoimentos, na prática não era bem isso o que acontecia. Em diversas ocasiões, precisávamos improvisar - desviar a conversa, puxar um outro assunto - para aliviar a tensão que se instalava. Entretanto, mesmo que fora de ordem, as questões propostas eram colocadas e respondidas pelo entrevistado.

O primeiro segmento da entrevista procurava recolher elementos para a construção das trajetórias de vida dos entrevistados, contemplando as seguintes informações:

- a) Nome, data e local de nascimento; estado civil (data e local de casamento); presença de filhos; situação profissional. Quando se tratava de pessoa nascida fora de Curitiba, a data de sua chegada à cidade e os motivos de sua vinda.

b) A seguir, solicitávamos um breve relato de sua mobilidade na cidade: locais anteriores de moradia; com quem residiu nesses locais (definindo os períodos); as datas e locais onde estudou (que tipo de cursos realizou); as datas e locais em que trabalhou (que tipo de trabalho desempenhava).

c) Como último ponto, pedíamos um breve relato de suas atividades em relação às fases de sua vida (infância, adolescência, vida adulta/casado). Era quando tínhamos conhecimento dos locais que freqüentava e com que pessoas; e, como eram as suas formas de deslocamento pela cidade.

Procurava-se dar prioridade para as informações que tinham a cidade de Curitiba por referência, principalmente no caso de pessoas oriundas de outras cidades. Esse primeiro bloco de informações também servia para que o entrevistado fosse, aos poucos, lembrando momentos de sua vida, facilitando o desenvolvimento da entrevista.

Já neste segmento, tínhamos a possibilidade de delimitar alguns episódios, bem como identificar referências espaço-temporais. Os motivos que destacavam os episódios só ficariam melhor delineados quando fazíamos a edição do depoimento; o mesmo ocorrendo em relação à tema e à intenção.

O momento seguinte, tinha como objetivo obter informações de como o entrevistado percebia o seu cotidiano em Curitiba. Instava-se, portanto, que ele fizesse uma descrição da cidade, propondo a seguinte situação:

- imaginar que estivesse conversando com uma pessoa que não conhecesse Curitiba; que informações ele ofereceria, considerando que esse estranho também estivesse interessado em saber como era a cidade anos atrás?

Com essa situação hipotética, queríamos salientar alguns pontos: momentos e mudanças no espaço da cidade; as transformações do espaço e a relação entre estas alterações e o seu cotidiano na cidade. Se surgia alguma dificuldade no desenvolvimento desse exercício, solicitávamos uma descrição, década a década, de como o entrevistado via a cidade de Curitiba, desde 1950. Com isso, garantia-se a possibilidade de aferição da percepção dos entrevistados quanto à dinâmica das transformações do espaço urbano da cidade.

## **FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## 1. Fontes:

As fontes utilizadas foram, basicamente, um conjunto de 13 (treze) depoimentos, que estão transcritos no volume **Memórias e cidade: Curitiba 1930-1990**, anexo à dissertação.

## 2. Fontes auxiliares:

- ALMACH DO PARANÁ, Curitiba, Editores Annibal Rocha e Cia., anos 1900, 1906, 1907, 1908, 1909, 1913.
- ALMANACH DOS MUNICÍPIOS, Curitiba, Diretor: Alberico Figueira, anos 1918, 1919, 1926, 1927, 1929.
- ALMACH PARANAENSE, Curitiba, Imprensa Paranaense (Redatores: Manoel F. Ferreira Correia e Leocádio Cysneiros Correia), anos 1900, 1901.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. Belo Horizonte; São Paulo : Itatiaia; Edusp, 1980.
- BALHANA, C. A. "O labor anticlerical nos periódicos paranaenses de 1880 a 1930". *BOLETIM DE ANTROPOLOGIA*, Curitiba, v.2, n.2, p.25-46, fev. 1989.
- BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE: Curitiba 300 anos. Curitiba, v. 68, 1993.
- BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS (Calçadão, vinte anos depois). Fundação Cultural de Curitiba, n. 98, jul. 1992.
- FERNANDES, Almir. **Planejamento urbano de Curitiba** : a institucionalização de um processo. Rio de Janeiro, 1979. Dissertação de Mestrado. Coordenação de Pós-graduação em Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GARCIA, Fernanda E. S. **Curitiba: imagem e mito**. A construção social de uma imagem hegemônica. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação de Mestrado em Planejamento urbano e regional. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba. **Memória da Curitiba urbana**, n. 1-7, fev. 1990/set. 1991. (Depoimentos).
- IUPERJ; MINTER. Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro; Ministério do Interior. **Dimensão do planejamento urbano** : o caso de Curitiba. 1974. 2 v.
- MARTINS, Romário. **O Paraná** : antigo e moderno. Curitiba : Typ. da Livraria Econômica, 1900.

- OLIVEIRA, Dennison. O campo do planejamento urbano em Curitiba. HISTÓRIA: QUESTÕES E DEBATES. Curitiba, n. 22/23, p. 220-238, jun.-dez. 1991.
- PEREIRA, Magnus R. M. **Fazendeiros, industriais e não-morigerados** : ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889). Curitiba, 1990. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- \_\_\_\_\_; SANTOS, Antonio C. de Almeida. **Câmara Municipal de Curitiba, 300 anos**. Curitiba : Câmara Municipal, 1993.
- ROCHA POMBO, José Francisco da. **O Paraná no centenário**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1980.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**. Belo Horizonte; São Paulo : Itatiaia; Edusp, 1978.
- TRINDADE, Etelvina M. de Castro. **Clotildes ou Marias** : mulheres de Curitiba na primeira república. São Paulo, 1992. Tese de doutoramento em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- ULTRAMARI, Clovis; MOURA, Rosa (org.). **Metrópole** : grande Curitiba, teoria e prática. Curitiba : IPARDES, 1994.
- VELLOZO, Dario; PONTES, Gustavo. **Terra das araucarias**. Curitiba : Instituto Neo-Pitagórico, 1942.
- VICTOR, Nestor. **A terra do futuro** : impressões do Paraná. Rio de Janeiro : Typ. do Jornal do Commercio, 1913.

### 3. Referências metodológicas:

- ALBERTI, Verena. **História oral** : a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro : Cpdoc, 1989.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro, n. 3, p. 29-42, 1989.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória** : ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo : Martins Fontes, 1990.
- BLIKSTEIN, Isidoro. **Kaspar Hauser, ou A fabricação da realidade**. 3 ed. São Paulo : Cultrix, 1990.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** : lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo : T.A. Queiroz; Edusp, 1987 [1973].
- CAHIERS INTERNATIONAUX DE SOCIOLOGIE: histoires de vie et vie sociale. Paris, v. 69 (nouvelle série), juil.-dec. 1980.

- CHARTIER, Roger. **A história cultural : entre práticas e representações.** Lisboa; Rio de Janeiro : Difel: Bertrand Brasil, 1990.
- ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A. (orgs.). **O signo de três : Dupin, Holmes, Peirce.** São Paulo : Perspectiva, 1991.
- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Ver a cidade.** São Paulo : Nobel, 1988.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro : Editora da FGV, 1994(a).
- \_\_\_\_\_. (org.). **História oral e multidisciplinaridade.** Rio de Janeiro : Diadorim, 1994(b).
- GINSBURG, Carlo. Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, U.; SEBEOK, T. A. (orgs.). **O signo de três.** São Paulo : Perspectiva, 1994, p. 89-129.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo : Vértice, 1990.
- HALL, Michael. História oral: os riscos da inocência. O DIREITO À MEMÓRIA. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 157-160.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 2. ed. Campinas : Editora da UNICAMP, 1991.
- LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro, n. 3, p. 16-28, 1989.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista : história oral de vida acadêmica.** São Paulo : Nova Stella, 1990.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória : a cultura popular revisitada.** São Paulo : Contexto, 1992.
- NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. PROJETO HISTÓRIA. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PANOFSKI, Erwin. **Arquitetura gótica e escolástica.** São Paulo : Martins Fontes, 1991.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro, n. 3, p. 3-15, 1989.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON, Olga de M. von (org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil).** São Paulo : Vértice, 1988, p. 14-43.
- \_\_\_\_\_. **Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva.** São Paulo : T.A. Queiroz, 1991.
- RAPOPORT, Amos. El diseño urbano como organización del espacio, del tiempo, del significado y de la comunicación. In: \_\_\_\_\_. **Aspectos humanos de**

**la forma urbana** : hacia una confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana. Barcelona : Ed. Gustavo Gili, 1978, p.23-60.

SANTOS, Roberto C. **Para uma teoria da interpretação**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1989.

SILVA, Maria Alice Setúbal Souza; GARCIA, Maria Alice Lima; FERRARI, Sônia Campaner Miguel. **Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo : Cortez, 1989.

SIMSON, Olga de Moraes von (org.). **Experimentos com histórias de vida** (Itália-Brasil). São Paulo : Vértice, 1988.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** : história oral. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.

VANSINA, Jan. **La tradición oral**. 2. ed. Barcelona : Editorial Labor, 1968.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

#### **4. Geral; e sobre a problemática da cidade e do espaço urbano:**

ARANTES, Otilia. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo : Studio Nobel; Edusp, 1993.

\_\_\_\_\_; ARANTES, Paulo Eduardo. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**. São Paulo : Brasiliense, 1992.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo : Martins Fontes, 1992.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares** : introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas : Papyrus, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III** : Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1991. [1989].

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas** : magia e técnica, arte e política. 5. ed. São Paulo : Brasiliense, 1993(a) [1985].

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas II** : rua de mão única. 3. ed. São Paulo : Brasiliense, 1993(b) [1987].

BESSA-LUIS, Agustina. **Um bicho da terra**. Lisboa : Guimarães, 1984.

BETTANINI, Tonino. **Espaço e ciências humanas**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.

BOLLE, Willi. **A cidade sem nenhum caráter** : leitura da Paulicéia desvairada de Mário de Andrade. ESPAÇO & DEBATES. São Paulo, n. 27, p. 14-27, 1989.



- \_\_\_\_\_. **Fisiognomia da metrópole moderna** : representação da história em Walter Benjamin. São Paulo : Edusp, 1994.
- BRESCIANI, Stella. **Cidades: espaço e memória. O DIREITO À MEMÓRIA.** São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 161-168.
- \_\_\_\_\_. (org.). **Imagens da cidade** : séculos XIX e XX. São Paulo : Marco Zero; ANPUH; FAPESP, 1993.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo : Cia. das Letras, 1990.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica** : ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo : Studio Nobel, 1993.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Quatro vezes cidade.** Rio de Janeiro : Sette Letras, 1994.
- CASSIN, Barbara; LORAUX, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. **Gregos, bárbaros, estrangeiros** : a cidade e seus outros. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo** : utopias e realidades, uma antologia. São Paulo : Perspectiva, 1975.
- \_\_\_\_\_. **A regra e o modelo** : sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo. São Paulo : Perspectiva, 1985.
- \_\_\_\_\_. **A história e o método em urbanismo.** In: BRESCIANI, Stella (org.). **Imagens da cidade** : séculos XIX e XX. São Paulo : Marco Zero; ANPUH; FAPESP, 1993, p. 13-27.
- DAVIS, Mike. **Cidade de quartzo** : escavando o futuro em Los Angeles. São Paulo : Scritta, 1993.
- DIAS, Ângela Maria. **Os signos da cidade.** REVISTA TEMPO BRASILEIRO : cidades, ficções. Rio de Janeiro, n. 85, p. 5-9, 1986.
- O DIREITO À MEMÓRIA** : patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- ESPAÇO & DEBATES : **imagens e representação da cidade.** São Paulo, n. 27, 1989.
- ESPAÇO & DEBATES : **teorias urbanas, críticas e perspectivas.** São Paulo, n. 28, 1989.
- ESPAÇO & DEBATES : **cidade e história.** São Paulo, n. 34, 1991.
- ESTUDOS HISTÓRICOS : **memória.** Rio de Janeiro, n. 3, 1989.
- ESTUDOS HISTÓRICOS : **teoria e história.** Rio de Janeiro, n. 10, 1992.
- FERNANDEZ, Danièle. **La ville-sorcière.** REVUE D'ESTHÉTIQUE (La ville n'est pas un lieu), Paris, n. 3-4, p. 361-365, 1977.

- FORSTER, Ricardo. Borges y Benjamin: la ciudad como escritura y la pasión de la memoria. CUADERNOS HISPANOAMERICANOS, Madrid, n. 505/507, p. 507-523, jul.-set. 1992.
- GÊ, Luiz. Fragmentos completos. REVISTA GOODYEAR: Avenida Paulista, o futuro faz cem anos. São Paulo, p. 34-99, out.-dez. 1991. (História em quadrinhos).
- GEDDES, Patrick. **Cidades em evolução**. Campinas : Papirus, 1994.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo : Edusp, 1993.
- HABERMAS, Jürgen. Arquitetura moderna e pós-moderna. In: ARANTES, Otilia; ARANTES, Paulo. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**. São Paulo : Brasiliense, 1993, p. 125-149.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo : Loyola, 1992.
- HAUSER, Philip e SCHNORE, Leo (org.). **Estudos de urbanização**. São Paulo : Pioneira, 1975.
- HOLSTON, James. **A cidade modernista**. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.
- HORKHEIMER, Max. **Origens da filosofia burguesa da história**. Lisboa : Editorial Presença, 1984.
- \_\_\_\_\_ ; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento : fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1985.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro : Rocco, 1994.
- KRUCHIN, Samuel. Modernismo e cidade : o sentido do urbano nas três primeiras décadas. ESPAÇO & DEBATES. São Paulo, n. 19, p. 43-63, 1986.
- LEFEBVRE, Henri. **La revolución urbana**. 2. ed. Madrid : Alianza Editorial, 1976.
- \_\_\_\_\_ . **O direito à cidade**. São Paulo : Moraes, 1991.
- MAGNANI, José G. Cantor. Os pedaços da cidade. ESPAÇOS & DEBATES. São Paulo, n. 5, p. 67-80, mar.-jun.1982.
- \_\_\_\_\_ . **Festa no pedaço : cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_ . Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. REVISTA DE ANTROPOLOGIA. São Paulo, USP, v. 35, p. 191-203, 1992.
- MATOS, Olgária C. F. A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças. ESPAÇO & DEBATES. São Paulo, n. 7, p. 45-52, 1982.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. REVISTA DO PATRIMÔNIO histórico e artístico nacional. n. 20, p. 33-36, 1984.

- \_\_\_\_\_. Memória municipal, história urbana. REVISTA CEPAM. São Paulo, n. 4, p. 29-32, out.-dez. 1990.
- \_\_\_\_\_. A história, cativa da memória? REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992.
- NISBET, Robert. **História da idéia de progresso**. Brasília : Editora da UNB, 1985.
- PECHMAN, Robert Moses (org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 1994.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **A sedução da barbárie : o marxismo na modernidade**. São Paulo : Brasiliense, 1982.
- REVISTA TEMPO BRASILEIRO : cidades, ficções. Rio de Janeiro, n. 85, 1986.
- ROMERO, José Luis. **Situaciones e ideologias en latinoamerica**. Buenos Aires : Ed. Sudamericana, 1986.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo : Hucitec, 1982.
- \_\_\_\_\_; SOUZA, Maria Adélia (coord.). **O espaço interdisciplinar**. São Paulo : Nobel, 1986.
- SCHORSKE, Carl E. **Viena fin-de-siècle : política e cultura**. 3. reimpr. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.
- \_\_\_\_\_. A cidade segundo o pensamento europeu - de Voltaire a Spengler. ESPAÇO & DEBATES. São Paulo, n. 27, p. 47-57, 1989.
- SEGRE, Roberto. **América latina, fim de milênio : raízes e perspectivas de sua arquitetura**. São Paulo : Studio Nobel, 1991.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole : São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Armando Corrêa da. **De quem é o pedaço? Espaço e cultura**. São Paulo : Hucitec, 1986.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 1987, p. 11-25.
- SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas : a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1993.
- SOUZA, Maria Adélia de. **Governo urbano**. São Paulo : Nobel. 1988.
- SWAIN, Tânia Navarro (org.). **História no plural**. Brasília : Ed. UNB, 1994.
- VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 1987.